



**FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – VRPPG
Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

THIAGO COSTA MATOS CARNEIRO DA CUNHA

**VIDA E MORTE EM FORTALEZA: EXPERIÊNCIA TRAUMÁTICA
E SUBJETIVAÇÃO DE ATOS VIOLENTOS SOFRIDOS EM
ESPAÇOS PÚBLICOS**

Fortaleza - Ceará

2011

Thiago Costa Matos Carneiro da Cunha

**VIDA E MORTE EM FORTALEZA: EXPERIÊNCIA
TRAUMÁTICA E SUBJETIVAÇÃO DE ATOS VIOLENTOS
SOFRIDOS EM ESPAÇOS PÚBLICOS**

**LIFE AND DEATH IN FORTALEZA: TRAUMATIC EXPERIENCE AND
SUBJECTIVITY OF VIOLENT ACTS INCURRED IN PUBLIC SPACES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza-UNIFOR, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Dr. Henrique Figueiredo Carneiro

Fortaleza – Ceará

2011

FICHA CATALOGRÁFICA

Dissertação intitulada: **Vida e Morte em Fortaleza: experiência traumática e subjetivação de atos violentos sofridos em espaços públicos**, de autoria do mestrando *Thiago Costa Matos Carneiro da Cunha* para exame de obtenção de título de mestre em psicologia pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro (orientador)

Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Profa. Dra. Edilene Freire de Queiroz

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

Profa. Dra. Maria Lúcia Duarte Pereira

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Este trabalho é dedicado a Maria Alderi Moreira Matos, por seu
inabalável amor à vida e à família.

Em memória de José Costa Matos: Olha a bizi, a belela e o didice! ... e a
Chicória!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais: pai, mãe, avó, tia-madrinha, razão de minha existência.

Aos meus tios: Titito e Lala, pela alegria incondicional de viver. À minha querida tia Risa, pela serenidade e força.

À minha irmã, por seu sorriso, percepção e olhar de esperança, e a Celiana, por sua compreensão.

Aos meus irmãos: André, Pedim, Carla, Helga, Bruno, Nel, Tiago e Washington, companheiros de cada dia.

Ao meu grande amor, Caroline e família, nas pessoas de José Carlos, Tia Guida, Tia Guete e Tio Carlos.

À amizade, ensinamentos e paternidade acadêmica de Henrique Figueiredo Carneiro e família. Ao LABIO, nas pessoas de Clauberson, Carla Renata, Ricardo e demais colaboradores.

À Dra. Marta Gerez Ambertín pela crença no seu discípulo.

E, especialmente, àquele o qual me ensinou, com seu silêncio, a beleza da poesia e o 'abrir às portas' para a psicanálise, José Costa Matos, o "Bá".

O esconderijo da grande voz

[...]

*Não há surpresas nos confins dos mares
nem se esconde em abismos estelares
a derradeira porta dos destinos.*

*A senha do segredo mais profundo
ecoa em tudo e viaja pelo mundo
no coração dos homens pequeninos
(José Costa Matos)*

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa	82
TABELA 2 – Fragmentos Discursivos da Categoria 1	95
TABELA 3 – Fragmentos Discursivos da Categoria 2	107
TABELA 4 – Fragmentos Discursivos da Categoria 3	117
TABELA 5 – Fragmentos Discursivos da Categoria 4	123

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema do Estádio do Espelho	29
Figura 2: Esquema da Dialética do <i>SER</i> ao <i>TER</i>	33
Figura 3: Esquema da construção do sentido I	38
Figura 4: Esquema da representação do Sujeito	38
Figura 5: Esquema da construção do sentido II	41
Figura 6: Esquema do Discurso do Mestre	42
Figura 7: Esquema da escolha de Objeto	57
Figura 8: Mapa Conceitual da Categoria 1	90
Figura 9: Mapa Conceitual da Categoria 2	99
Figura 10: Mapa Conceitual da Categoria 3	112
Figura 11: Mapa Conceitual da Categoria 4	120

RESUMO

A violência vivenciada nas ruas das grandes metrópoles do Brasil é uma realidade e traz repercussões ao sujeito. Os espaços públicos se apresentam como o lugar por excelência do laço social. Todavia, como a violência sofrida nos espaços públicos, enquanto experiência traumática, exerce influência nas formas de subjetivação do viver na cidade de Fortaleza? O presente trabalho resgata os discursos de vítimas da violência em espaços públicos que foram à delegacia prestar o Boletim de Ocorrência (B.O.). Os analisa a partir de quatro referenciais: 1. o medo da morte ou da violência no cotidiano (a ameaça nos espaços públicos da cidade); 2. as impressões das leis e das instituições (o corpo político da cidade); 3. os sentidos da vida em comunidade (o laço social da cidade); 4. as saídas apontadas para o quadro da violência instalada (a harmonia da cidade). Propõe uma metodologia de pesquisa intervenção em psicanálise, a partir de uma técnica de escuta das vítimas, a qual demonstrou ser um instrumento de grande utilidade às pesquisas que têm por objetivo trabalhar temáticas relacionadas ao social. Os resultados indicam que a violência sofrida nos espaços públicos se apresenta como causadora de novas formas de subjetivação do viver, a partir do efeito da experiência traumática vivenciada nos espaços públicos. Potencializa os efeitos da violência sistêmica, encontrada no referencial discursivo capitalista da contemporaneidade, aumenta o nível de angústia no sujeito e constitui comportamentos e sintomas que se aproximam de patologias relacionadas à paranóia, à neurose obsessiva e à fobia.

Palavras-chave: Violência; Vida e Morte; Subjetivação; Experiência Traumática; Espaço Público; Pesquisa intervenção em Psicanálise.

ABSTRACT

The violence experienced on the streets of large cities in Brazil is a reality and brings repercussions to the subject. The public spaces are presented as the excellence of the social bond. However, how the violence in public spaces, while traumatic experience influence the forms of subjectivity of living in the Fortaleza city? This paper rescues the speeches of victims of violence in the public spaces that were at the police station to take a police report (B.O.). The analyzes based on four references: 1. the fear of death or daily violence (the threat in public spaces of the city) 2. impressions of laws and institutions (the body politic of the city) 3. the feeling of life in community (social bonds of the city) 4. outputs pointed to the picture of the installed violence (the harmony of the city). Proposes a methodology for intervention research in psychoanalysis, as a technique of listening to victims, which proved to be a valuable tool for studies that aim to work with social issues. The results indicate that the violence in public spaces is presented as a cause of new forms of subjectivity of living. Potentiates the effects of systemic violence, found in referential discourse of contemporary capitalism, increases the level of distress on the individual behaviors and symptoms that is approaching the pathology related to paranoia, obsession neurosis and phobia.

Keywords: Violence, Life and Death, Subjectivity; Traumatic Experience; Public Space; Intervention Research in Psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - DO SUJEITO AO LAÇO SOCIAL: O CORPO POLÍTICO CONTEMPORÂNEO	20
1.1 Pulsão, luto e “re-apresentação”	20
1.2 A Coisa e o jogo do significante	24
1.3 O pulsional – autoerotismo, narcisismo e relações de objeto.....	27
1.4 O Eu enquanto outro: corpo do sujeito	28
1.5 A dialética do Ser ao Ter: o objeto permeia o social	32
1.6 O véu que recobre a Coisa.....	34
1.7 O campo do gozo: lugar do corpo	35
1.8 Subjetivação e o laço social	37
1.9 O mestre autor do pacto social: corpo político e espaço público.....	41
1.10 Biopolítica e atualidade: os efeitos do discurso capitalista	47
1.11 A descartabilidade... do amor?	53
CAPÍTULO 2 - A EXPERIÊNCIA TRAUMÁTICA: VIOLÊNCIA E AGRESSIVIDADE	55
2.1. O afeto que não engana, a castração e o objeto intercambiável das relações sociais.....	55
2.2. Angústia: a demasiada presença do Outro	58
2.3. A Causa real: o trauma e as neuroses traumáticas.....	59
2.4. Violência, lei e poder	63
2.5. Da violência à agressividade: a natureza do ato e as fronteiras do humano	64
2.6. Violência em espaços públicos: o agente e a vítima	68
2.7. Autoridade x Autoritarismo: consequências subjetivas	69

2.8. A experiência traumática e os tipos de violência: introdução à análise dos discursos das vítimas	71
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DISCURSOS	76
3.1 A Pesquisa	76
3.2. Os Sujeitos da Pesquisa	81
3.3. Passos Metodológicos.....	83
3.4. As Imagens da Violência	87
3.5. Mapa de Categorias	88
3.5.1. Categoria 1 - Como lidar com o medo da morte ou da violência no cotidiano.....	90
3.5.2. Categoria 2 – Impressões das leis e das instituições, antes e depois da violência sofrida.....	99
3.5.3. Categoria 3 – Sentidos da vida em comunidade, após a violência sofrida	112
3.5.4. Categoria 4 – Saídas apontadas para o quadro da violência instalada	120
CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133
ANEXOS	140

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa se fundamenta por um dos objetivos específicos de outra pesquisa, intitulada “*A Imagem da Violência: causas e efeitos traumáticos em vítimas de violência em espaços públicos*¹”, do laboratório de pesquisa em psicanálise LABIO (Laboratório sobre as Novas Formas de Inscrição do Objeto), realizada no período de 2009-2010. Esta teve a finalidade de estudar as causas e efeitos traumáticos da violência, ocorrida em espaços públicos, vivenciada por 22 vítimas, escolhidas de forma aleatória, que foram a uma delegacia de Fortaleza prestar o Boletim de Ocorrência (B.O.) – em sua maioria as queixas eram de furtos e roubos, seguidos ou não de agressão – e foram chamadas para falar sobre a experiência vivida.

As falas das vítimas suscitaram a criação das seguintes categorias: *desgaste dos laços familiares; subjetividade globalizada; violência sistêmica e consumo predatório; sentidos de pertença à cidade; referência à lei; o valor da vida; causas da violência; e efeitos da violência* que corroboraram com o desenvolvimento desta pesquisa, a partir da necessidade de aprofundamento em alguns de seus objetivos específicos.

Deste modo, o objetivo específico escolhido da pesquisa anteriormente relatada é *a concepção de vida e morte diante de atos violentos que inundam os espaços públicos em que a vítima convive*, e incide na categoria *o valor da vida*, principalmente nas formas de subjetivação do viver na cidade de

¹ Pesquisa investigativa financiada pelo CNPq, e faz parte da dissertação de mestrado defendida por Arminda Guimarães, sob orientação do Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro.

Fortaleza, mediante a violência sofrida em espaços públicos. Leva em consideração o valor da vida a partir da conjuntura de violência social na contemporaneidade.

De acordo com o “*Mapa da Violência 2010*”, o Brasil ocupa a 6ª colocação no mundo em taxa de homicídios – fator utilizado para avaliar os países mais violentos –, de acordo com a média de 100.000 habitantes. O Estado do Ceará, das 27 Unidades Federativas do Brasil, encontra-se na 9ª colocação em homicídios, com o número de 1.936 vítimas no ano de 2007 (Waiselfisz, 2010).

A Cidade de Fortaleza possui outros dados estatísticos, não só relacionados aos homicídios, que deixam entrever a sua situação quanto à violência, manifestada nas mais diversas formas do fenômeno social: os números para agressão/vias de fato aumentaram de 21.288 ocorrências, em 2006, para 27.127 ocorrências, em 2009; os números de tentativa de homicídio aumentaram de 267, em 2006, para 339, em 2009; e os homicídios registrados foram de 652, em 2006, para 916, em 2009; apesar dos números de roubo de veículos terem caído de 2.983, em 2006, para 2.476, em 2009 (SSPDS – CE, 2010). Essa é apenas uma pequena amostra para comprovar o aumento da violência na população de Fortaleza e evidencia a demanda emergencial de estudos sobre essa temática.

A violência vivenciada nas ruas das grandes metrópoles do Brasil é uma realidade e traz repercussões ao sujeito. O medo de ser vítima de uma violência externa, como descrito nas neuroses traumáticas – provocadas pela guerra ou por catástrofes naturais e graves acidentes – por Freud (1919/2005), é fator comum do cotidiano, apesar do país viver em uma época de paz.

Deste modo, a violência tão debatida por autores da psicanálise, neste trabalho, reveste-se da concepção do principal valor humano: a vida. A certeza da morte é uma conquista do homem, todavia o medo deste tão temido fim direciona os caminhos da vida humana, desde a conquista da subjetividade. Por isso, ao falar de violência, de forma implícita estabelece-se a referência à morte, melhor dizendo, a possibilidade de perda de um objeto amado e, assim, o medo advindo dessa situação.

O medo da morte é uma realidade diante da violência presenciada nos espaços públicos das grandes cidades do Brasil. Todavia, o conceito de morte está intimamente relacionado à subjetividade. Freud (1915/2005) já afirmara que a temática da vida e da morte está na origem de toda a psicologia; não há como dissertar sobre a vida, sem tocar na morte. Esta é somente sentida pelo sujeito enquanto uma violência sofrida – perda do objeto de amor investido, por isso pode se articular à dimensão traumática, – e traz como consequência a possibilidade do luto, alusão freudiana à gênese da subjetividade.

Seguindo o mesmo caminho, Lacan (1957-58/1999) ressalta que as relações humanas só podem produzir duas coisas: a violência ou a palavra. Violência relativa aos imperativos pulsionais do sujeito, que o incitam ao gozo, experiência de desorganização subjetiva. Palavra que cede lugar ao sentido, a construção do desejo e sua realização, de acordo com uma referência a organização subjetiva.

Entretanto, a concepção de violência gera imprecisões conceituais, principalmente devido aos diversos saberes específicos (como as correntes filosóficas, sociológicas e psicológicas) utilizados para sua análise. Seu

significado² origina-se do latim *violentia* e significa: força violenta; caráter feroz; arrebatamento. Também possui derivação da palavra *violo*, cujos significados tem-se: violar, ofender; devastar; profanar; transgredir. A raiz etimológica surge da palavra *vis*, que possui as mais diversas definições, entre elas: força, vigor; poder, ascendência, autoridade; valor, essência, sentido.

Todos esses significados serão levados em consideração, principalmente o seu caráter de rompimento, por meio da força excessiva, de alguma regra, lei ou direito estabelecido no social. Essa perspectiva será contemplada para a articulação da violência sofrida em espaços públicos.

Todavia, para não permanecer meramente em um discurso vazio ou moralista sobre a violência humana – pela complexidade de sua etimologia, transformações do mundo atual e preocupações de Estados e cidadãos cada vez mais recorrentes em relação ao tema –, o trabalho tem o intuito de compreender este fenômeno a partir das *formas de subjetivação do viver das vítimas de violência nos espaços públicos*. Parte da violência física, moral ou psicológica, provocada pelo outro e vivenciada nos espaços públicos; contempla também a violência sistêmica (Zizek, 2008), inerente aos discursos sociais contemporâneos, principalmente articulados ao capitalismo, e suas relações de poder que atingem o sujeito.

Desta forma, para atender ao objetivo geral do trabalho, os fragmentos discursivos das vítimas serão analisados a partir da *forma de lidar com o medo da violência no cotidiano; as impressões sobre a lei e as instituições, antes e depois da violência sofrida; os sentidos atribuídos para a vida em comunidade*

² Os significados das palavras que se seguem em latim pertencem ao *Dicionário de Latim-Português*, 2ª edição, Porto Editora Ltda., 2001.

e as saídas apontadas para o quadro de violência instalada no social. Objetivos específicos que serviram para a análise das formas de subjetivação do viver na cidade de Fortaleza, identificado pelas vítimas, a partir de suas impressões sobre o laço social nos espaços públicos e nas instituições que o fundamentam.

Nesta ocasião, as subjetivações possíveis do viver na cidade de Fortaleza, após a violência sofrida na cena pública, se apresentam como artifício de fundamental importância para a demarcação da posição do sujeito em relação ao social, a partir da experiência traumática que sugere essa vivência. Todavia, a distinção entre o trauma e a experiência traumática se faz de grande importância.

O trauma ocorre quando uma representação, vinculada a acontecimentos da história de vida do sujeito, em sua relação com o Outro, se chocam com os ideais sociais, ocasionando uma fratura ou efeito de desorganização imaginária. Assim, se torna uma das faces do real e se encontra no cerne da teoria psicanalítica, com a produção de sintomas que se apresentam como uma tentativa de saída para os impasses produzidos por ele.

A experiência traumática também pressupõe a presença do real, porém, a partir da desorganização, do sem sentido que acompanha a experiência vivenciada. O próprio ato violento em si, já se pressupõe um corte na ordem estabelecida pelo social. Por isso, a violência em espaços públicos poderá suscitar o núcleo traumático do sujeito ou não, isso vai depender da forma da violência sofrida e da possível articulação com os conteúdos do núcleo traumático do sujeito, que compõem seu fantasma.

Os fragmentos discursivos das vítimas aludem à dimensão do real no momento da violência sofrida: “Eu fiquei sem chão!” V-22 (Vítima Número 22); “Fiquei paralisada, sem ter como reagir, fiquei com medo.” V-20; “Situação de impotência, você fica totalmente a mercê...” V-13. O que na realização da pesquisa não se pode averiguar da violência sofrida é sua relação com o trauma, porém, se pode analisar o impacto dessa experiência traumática nas formas de subjetivação do viver em Fortaleza, sempre levando em consideração o laço social.

O perigo também ocorre quando o sujeito não se reconhece mais amparado pelo Estado, através do enfraquecimento das leis (das palavras) que fundamentam o social; a violência é identificada na cena do cotidiano e passa a desorganizar os laços sociais. Tal fato não ocorre sem consequências para o sujeito membro desta sociedade.

Como pode ser observado nos seguintes fragmentos discursivos que fazem alusão ao papel dos agentes sociais na manutenção da lei: “Porque vai na delegacia e faz o famoso ‘Boletim de Otário’ [...] e isso não vai te resguardar em nada, não vai te garantir em nada [...]” V-01; “Tem que ter as regras sociais. Compromisso social. As regras sociais estão fragilizadas.” V-15; “[...] eu também senti, não tão violentamente, mas também me senti agredida quando a polícia também diz pra você que não pode fazer nada, é pra deixar pra lá.” V-17; “[...] porque um preso que entra num presídio como esse, ele não vai sair de lá recuperado, não vai sair de lá um cidadão [...], está sendo criado novos meliantes no meio dos cidadãos” V-20; “[...] o governo não repassa o dinheiro pras escolas, vem da falta de professores qualificados para o ensino público [...]” V-20.

Acima de tudo, o trabalho privilegia a palavra, através da escuta psicanalítica e mediante a metodologia pesquisa interventiva. O pesquisador entra em contato com a vítima e lhe dá a oportunidade de fala, propiciando um espaço de reflexão sobre a angústia provocada pela violência vivenciada. Fator preponderante neste tipo de pesquisa sobre a violência, o qual permaneceu evidente no efeito de alívio, declarado pela grande maioria das vítimas no final dos seus discursos.

Assim, o presente trabalho está dividido em 4 (quatro) capítulos: O 1º capítulo dissertará sobre o conceito de sujeito e laço social para a psicanálise, realizando uma ligação com os efeitos discursivos da contemporaneidade. Estudo necessário para as articulações dos conceitos de violência e agressividade e de trauma e experiência traumática em psicanálise, tema que será abordado no 2º capítulo, já trazendo parte dos discursos das vítimas. O 3º capítulo versará sobre a metodologia utilizada na pesquisa e a análise dos discursos das vítimas, seguido, finalmente, do 4º capítulo, as considerações finais.

CAPÍTULO 1 - DO SUJEITO AO LAÇO SOCIAL: O CORPO POLÍTICO CONTEMPORÂNEO

1.1 Pulsão, luto e “re-apresentação”

Viver é um desafio distinto para homens e animais. Após o aparecimento da linguagem, beber, comer, reproduzir, enfim, a busca pelo prazer com a finalidade de saciar as necessidades vitais do corpo, está relacionada a outras funções no homem. A linguagem distingue os seres humanos dos demais animais e o distancia do mundo natural. Os fenômenos humanos adquirem um caráter excepcional: a capacidade de representação psíquica. A passagem da natureza para a cultura, apontada por Freud (1913/2005) em “*Totem e Tabu*”, constitui os primeiros passos para a conquista da subjetividade. O instinto animal dá lugar à pulsão para o homem.

A pulsão seria um impulso insistente, devido a sua satisfação apenas parcial, que tende a investir em um objeto externo ou interno ao sujeito (seu próprio Eu). Um dos pressupostos do conceito é que não existe possibilidade de ascensão ao pulsional sem estar inserido o gérmen social. É o que Freud (1913/2005) desenvolve da passagem do mundo natural ao mundo cultural realizada pelo homem. A pulsão situa-se justamente no espaço fronteiro entre o somático e o psíquico (Freud, 1915a/2005); o corpo e a alma; o individual e o

social; e, conseqüentemente, o *privado* e o *público*³. Diferentemente da fome, na qual o objeto da necessidade se sacia com o alimento, a partir da imersão do ser humano na linguagem, esse alimento comporta outra configuração com a pulsão: a de ordem amorosa.

O ser humano sente fome, principalmente, fome de amor; fator preponderante da gênese da sexualidade que liga os seres humanos e carrega consigo a referência de uma satisfação parcial da pulsão, já que o objeto toma forma imaterial e não mais material como antes. É o caminho erótico do sujeito, a necessidade de amor (Freud, 1915b/2005), que irá constituir a matéria-prima das suas formas de investimento objetal ou de representação da vida. O leite adquire outro sentido que não mais de um alimento por si só, mas cheio de significados advindos da linguagem.

Ao tocar a representação, a espécie humana é a única que consegue, através do artifício da linguagem, se representar para outro; jogar com a vida (e a morte), pois uma não está separada da outra. A morte é o que está por traz de toda possibilidade de representação. Enquanto mecanismo de defesa contra a morte, a linguagem é fundamentada sobre essa sombria possibilidade e o amor é a chave para essa articulação. Vida e morte não podem estar relacionadas sem se colocar em evidência a via amorosa, pois o homem só pode entrar em contato com a morte do próximo, já que a própria morte é algo impossível de ser experimentado, ou seja, incognoscível, não representável. Mas nem por isso pode deixar de ser imaginado.

³ Esta referência à idéia pulsional relacionada àquilo que seja o privado e o público, simultaneamente, segue o seu fundamento no social e é de grande valia para o presente trabalho. Sua articulação será abordada mais amiúde no 3º capítulo.

Por essa perspectiva, Lacan (1962-63/2005) afirma que o sujeito, pela via regressiva do amor, chega à identificação com o ser. A identificação é o processo no qual o sujeito percebe-se no outro, e por isso, pode adquirir o poder de entrar em contato com a morte ou desaparecimento do outro, como se fosse ele mesmo, e se constituir. Questão narcísica, originária do Eu, que se evidencia na passagem freudiana: “Se queres suportar a vida, prepara-te para a morte” (Freud, 1915/2005), e como pode ser observada na relação do homem primitivo com a morte de seres amados, na exposição do conflito originário:

Sucedeu quando o homem primitivo viu morrer algum de seus familiares, sua mulher, seu filho ou seu amigo, os que amava, [...]. Fez então, em sua dor, a experiência de que também ele mesmo poderia morrer, e todo seu ser se rebelou contra isso; cada um daqueles seres amados era, em efeito, uma parte de seu próprio e amado *Eu*. Mas, por outro lado, tal morte lhe era, sem dúvida, grata, pois cada uma das pessoas amada integravam também algo alheio e estranho a ele (Freud, 1915b/2005).

Não por acaso, Freud relaciona esse conflito sentimental com o nascimento da psicologia, dito de outra forma, do evento fenomênico que possibilita a abertura psíquica para a representação dos objetos perdidos, pela articulação que se pode estabelecer com o processo de luto, pois parte do *Eu* se desvanece juntamente com o objeto amoroso identificado e perdido. Ocorre que a libido (energia pulsional) se desprende do objeto investido, retorna ao

Eu, para depois ser reinvestida em outro objeto – processo de luto (Freud, 1917/2005).

A tentativa do homem primitivo de restituição deste *objeto* identificado no *Eu*, provocada pelo sofrimento de sua perda, resulta na crença da alma – objeto imaterial e imanente –, de uma vida após a morte, porém, sem a presentificação do *objeto*⁴, apenas de sua representação. Deste modo, o sujeito é formado por sua materialidade, o corpo, e por sua imaterialidade, a alma. Abrem-se as portas para a representação (re-apresentação), a partir do transcendental, da lei moral que a pressupõe, e da possibilidade de sentido – pelo desejo da presença do ser amado – advindo da linguagem⁵.

Pois, como aponta Lacan:

Um sentido é uma ordem que surge. Uma vida insiste para entrar nele, mas talvez ele expresse algo de totalmente para além desta vida, já que quando vamos à raiz desta vida, e por detrás do drama da passagem para a existência, não achamos nada senão a vida conjugada com a morte (Lacan, 1954-55/1985, p. 292).

Deste modo, chega-se a íntima articulação do amor com a vida e a morte, pois a criação do que viria a ser a mitologia ou a religião, enfim, o

⁴ O estatuto do objeto para a psicanálise segue suas linhas nas considerações freudianas e lacanianas a partir de sua imaterialidade, por sua representação. A constituição do objeto está relacionada à constituição do *Eu* no sujeito, tomando a si mesmo enquanto objeto privilegiado, localizado no próprio corpo, em um movimento simultâneo com os objetos externos. Ver: “A Pulsão e seus Destinos” (Freud, 1915c/2005), “Introdução ao Narcisismo” (Freud, 1914/2005), “A Teoria Geral das Neuroses – a teoria da libido e o narcisismo” (Freud, 1916-17/2005), “O *Eu* e o *Isso*” (Freud, 1923/2005), “Escritos – o estádio do espelho” (Lacan, 1949/1998), “Seminário IV – as relações de objeto” (Lacan, 1956-57/2005).

⁵ Freud disserta de forma detalhada sobre a gênese do social (ou seja, origem da subjetividade) e sua articulação com o transcendental, na culpa pelo assassinato do pai primevo (objeto de ódio, mas, conseqüentemente a sua perda, de amor também, identificado no status de ‘pai’), que gerou a instituição do totem e das regras morais representadas pelos tabus, na obra *Totem e Tabu* (Freud, 1913/2005). O pai primevo, apesar de morto, continua vivo na figura do totem; lógica de presença-ausência do significante que será abordada mais adiante na perspectiva lacianiana.

transcendental encarnado na construção da alma, marca especificamente o homem na representação, em busca deste efeito de sentido proveniente da tentativa de reconquista amorosa. A lógica significante, portadora da morte⁶, (Lacan, 1956-57/1995) – à medida que mata a Coisa⁷ (*Das Ding*) e a re-apresenta como objeto de amor – faz ressuscitar a coisa de outra forma, através do simbólico, agora, em forma de saber.

1.2 A Coisa e o jogo do significante

A articulação dessa característica mortífera do significante diz respeito a essa Coisa (*Das Ding*), alheia e estranha concomitantemente presente no outro, sentido pelo homem primitivo, relatado por Freud (1915b/2005), que constitui essencialmente a natureza conflitual humana. Fundo de morte que paira em todo e qualquer projeto de vida e que se remete à *ambivalência afetiva* instalada pela perda do outro, odiado enquanto presente – dada a impossibilidade de satisfazer plenamente o desejo do sujeito –, mas amado enquanto ausente – devido à falta da satisfação parcial proporcionada na época de sua presença. Aqui a falta é instalada na dimensão humana.

⁶ Não por acaso, tomando esse mesmo percurso relacionado à morte, Lacan estabelece a função do transcendental, a partir da conexão da entrada do significante no mundo com o Espírito Santo (Lacan, 1956-57/1995, p. 48)

⁷ A Coisa apresenta-se como o limite da teoria à articulação do conceito de objeto, antes da significação, a partir do simples grito de um bebê, que será *a posteriori* significado pela mãe. “[...] a Coisa aparece para o discurso analítico como um ‘objeto absoluto’ inatingível [...]” (Kaufman, 1993, p. 84). Ver a origem do conceito em *Projeto para uma Psicologia Científica* (Freud, 1895/2005).

Em *Além do Princípio do Prazer*⁸, Freud (1920/2005) relata, a partir do exemplo de uma brincadeira de seu neto, de 18 meses de idade, como essa falta se insere na dinâmica psíquica, colocando em cena justamente a dimensão específica e originária da linguagem: a criança joga o carretel para longe e fala a palavra em alemão “Da” (aqui), logo depois, puxa a linha do carretel, quando o mesmo encontra-se com ele, fala a palavra “Fort” (longe), repetindo esses movimentos algumas vezes.

Essa brincadeira de evocar a presença na ausência do objeto é o que Freud vai associar à tentativa de presentificar a mãe. Aquela pela qual a criança chora e que ainda detém toda uma atenção especial. A brincadeira passa a ser colocada em prática através da função simbólica, pois o objeto da presença (a mãe ou, especificamente, o carretel) é rejeitado pelo bebê, que joga apenas com os significantes “Da” e “Fort”, em uma tentativa de nomeação, fundando uma nova ordem para ele, em uma posição ativa diante do acontecimento.

A intersubjetividade⁹ é, de início, dada pelo manejo do símbolo, e isso desde a origem. Tudo parte da possibilidade de nomear, que é, ao mesmo tempo, destruição da coisa e passagem da coisa ao plano simbólico, graças a que o registro propriamente humano se instala. É daí que se produz, de maneira mais e mais complicada,

⁸ Curiosamente quando Freud vai modificar sua teoria das pulsões e, a partir de então, irá trabalhar com os pares: Pulsão de Vida e Pulsão de Morte.

⁹ Lacan utiliza o conceito de intersubjetividade para designar especificamente a relação do sujeito com o outro (pequeno outro, o próximo, o semelhante). Porém, questiona-se o conceito de intersubjetividade já que a subjetividade pressupõe sua essência da relação com Outro (grande outro, tesouro dos significantes), através do mundo simbólico, o que perpassaria o modelo levado para as relações com o outro. Em síntese, o próprio conceito de subjetividade compreende essas duas perspectivas, onde uma está intrinsecamente articulada à outra. Essa lógica torna-se mais evidente, *a posteriori*, em seu *Seminário XVI - de um Outro ao outro*.

a encarnação do simbólico no vivido imaginário. O simbólico modelará todas as inflexões que no vivido do adulto, pode tomar o engajamento imaginário, a captação originária (Lacan, 1953-54/1986, p. 250).

Assim, a palavra mata a coisa precisamente devido à impossibilidade de satisfação plena da pulsão, permitindo o acesso do homem à cultura, pela produção de um saber específico em relação ao objeto perdido. Ora, o objeto desejado não era o carretel em si, mas a mãe. Enquanto ser de linguagem, o máximo que se pode chegar é a re-apresentação do objeto sob outra forma – início da estruturação do saber em relação às leis da linguagem –, dado a impossibilidade da completude com o primeiro objeto de amor da criança, sua mãe.

Todavia, para que o jogo se sustente na dimensão simbólica é preciso da presença da mãe, mas também, posteriormente, da sua ausência ou falta para inserir o desejo, a partir da necessidade de se sentir amado. Pois é pelo processo de castração, principalmente possibilitado pelo medo da perda do amor materno e paterno, que o sujeito infantil reconhece seus limites e se coloca em cena no simbólico, apresentando a sua própria falta.

A mãe demasiadamente presente ou ausente traz prejuízo para a captação do jogo simbólico¹⁰, ou seja, para a forma como essa criança irá se constituir e fazer uso do símbolo, a partir de sua capacidade de nomeação dos objetos. Passagem da coisa – referência ao sem sentido, ilimitado,

¹⁰ Como se demonstra nos fenômenos psicóticos, ver Seminário III – as psicoses.

irreconhecível, no plano do real¹¹ – para o objeto – referência ao sentido, delimitável, reconhecível, no plano simbólico –, como foi observado na brincadeira infantil com o carretel e em outras, cujo jogo de presença e ausência é o móbil necessário ao seu empreendimento.

1.3 O pulsional – autoerotismo, narcisismo e relações de objeto

A infância e seus desenvolvimentos são matéria fundamental para a compreensão da subjetividade, principalmente após a descoberta da sexualidade infantil por Freud (1905/2005). A afirmação de que a criança é um perverso polimorfo denuncia a força pulsional em seu estado mais originário, no processo de atravessamento do natural para a referência delimitadora da cultura. Assim, a transmutação da coisa para objeto também pode ser estudada quando Freud (1914/2005) enfatiza o caráter sexual da pulsão, e disserta, partindo da tenra infância, sobre as fases autoerótica, narcísica e de relação de objeto (ou amor objetal).

No autoerotismo as pulsões se encontram em estado de desorganização, inexistente a presença de um objeto externo e, conseqüentemente, de uma representação do próprio corpo. O bebê está inserido na busca da satisfação pulsional localizada em seu corpo, pelo prazer proporcionado pelos estímulos das zonas erógenas (boca, ânus, pênis ou vagina, etc). Deste modo, desde os primórdios do desenvolvimento subjetivo,

¹¹ O irrepresentável ou aquilo que não se nomeia e que se tenta a todo custo delimitar, de forma vã, é o real. Uma “realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de se simbolizar.” (Roudinesco & Plon, 1997, p. 645). Conceito que se encontra articulado ao imaginário e simbólico e compõem a estrutura do sujeito no nó borromeano.

na busca do prazer operada por um aparelho psíquico ainda em constituição, a crueldade e os impulsos egoístas primitivos fazem parte do sujeito (Freud, 1915b/2005).

As diferenciações qualitativas e econômicas pulsionais irão se estabelecer à medida que a cultura impõe sua força, representada pelas figuras do pai e da mãe – onde a fome do alimento se reveste agora em fome de amor, como foi indicado anteriormente. É deste modo que o sujeito infantil é banhado de linguagem pelo Outro (grande outro; tesouro dos significantes) e este poderá inseri-lo em sua constituição narcísica, tomando a si mesmo como objeto de amor, movimento de suma importância para a formação do Eu e a apreensão dos objetos.

O narcisismo se divide em dois: narcisismo primário, no qual está em cena um estado original do Eu, caracterizado pela onipotência e delírios de grandeza, quase que inteiramente investido pela libido; e o narcisismo secundário, que apresenta-se enquanto um retorno ao Eu da libido investida nos objetos externos. As relações de objeto se colocariam na fase final da constituição, em que a libido é redirecionada aos objetos escolhidos do sujeito, dito amorosos.

1.4 O Eu enquanto outro: corpo do sujeito

A importância do Outro, *campo do simbólico*, se deve ao fato de sua intimidade na constituição da história de vida do sujeito, formado pela relação

primitiva com o pai e a mãe ou aqueles que desempenhem estas funções¹². Funções (materna e paterna) atuantes na constituição do Eu (Lacan, 1954-55/1986). Esta é exposta por Lacan (1960/1998) na metáfora do estádio do espelho, para explanar de forma clara e concisa a intervenção do Outro nesse processo. Constituição prioritariamente imaginária, mas que não deixa de apresentar as dimensões simbólica e real e o outro (pequeno outro; o próximo) enquanto imagem. A qual se desenvolve da seguinte forma:

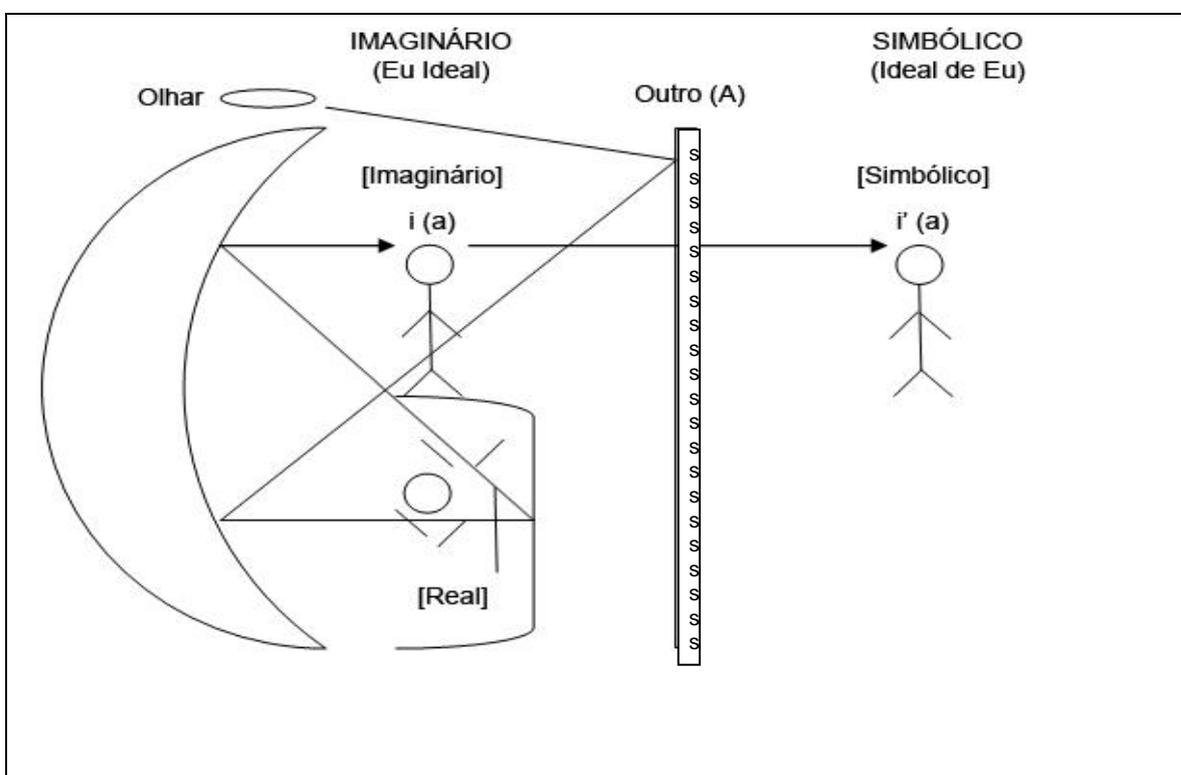


Figura 1: Esquema do Estádio do Espelho¹³

¹² Posteriormente, no laço social, o lugar de Outro tem seus representantes: Deus, enquanto lugar de sua essência na história humana, ver *Totem e Tabu* (Freud, 1913/2005); o Estado e suas instituições; Rei; Presidente; Professor; Médico; etc. Para melhor compreensão ver *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (Freud, 1914), na passagem que disserta sobre o Ideal do Eu e seus representantes.

¹³ O desenho que se segue apresenta algumas modificações em relação ao original – a troca do vaso e das flores por tronco, cabeça e membros que compõem a imagem do corpo do sujeito –, para maior efeito didático, realizadas pelo Prof. Henrique Figueiredo Carneiro, nas aulas que fazem parte da disciplina *Estudos em Clínica Psicanalítica*, ministrada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade de Fortaleza, nos anos de 2009 à 2011 (Carneiro, 2009a).

O tempo inicial é a alienação (Lacan, 1964/1985) ao Outro (A), que surge nos primeiros passos do bebê no universo da linguagem. Espaço peculiar em que a função nutriz da mãe chega ao corpo do bebê – ainda despedaçado no fundo da caixa, à esquerda – banhando-o de significantes. Institui-se a ilusão da unidade mãe-bebê que tem todo o seu peso jubilatório na constituição subjetiva – como foi visto no narcisismo primário. É ali onde se insere o desejo materno e os ideais que constituirão o seu primeiro esboço de um Eu ($i^{(a)}$), presente no Eu Ideal.

A necessidade de amor ou demanda amorosa, descrita anteriormente, é inserida no sujeito por sua relação com o desejo do Outro (A). É este que traz os significantes que irão estabelecer os modelos de relação com o outro ($i^{(a)}$) e, conseqüentemente, com os objetos, inscrevendo-os no corpo do sujeito, pois:

O Eu aparece no mundo dos objetos como um objeto, certamente privilegiado. A consciência do homem é por essência tensão polar entre um Eu alienado [ao Outro] do sujeito e uma percepção que fundamentalmente lhe escapa, um puro *percipi*. O sujeito seria estritamente idêntico a essa percepção, se não houvesse este Eu que o faz, se é que se pode dizer, emergir de sua própria percepção numa relação tensional (Lacan, 1960/1998, p. 224).

Assim, o Outro se situa no campo da fala, atua no registro simbólico. Lacan parte dessa perspectiva para afirmar que existe um conflito entre o Eu ($i^{(a)}$) e o Outro (A) que gera uma tensão originária da consciência, a qual o outro ($i^{(a)}$), enquanto outro, diferente, apesar de semelhante, atualiza o espaço

de separação existente entre o Eu e o Outro – como Freud também a percebeu quando disserta sobre o outro portar algo alheio e estranho ao homem primitivo.

Deste modo, o Eu nunca é exclusivamente o sujeito, pois este toma como ponto de apoio sua relação com o Outro, enquanto faltoso, desejante (A), àquilo que pode ser relacionado a dois tempos da constituição do sujeito: a Alienação ao Outro, quando o sujeito infantil encontra-se subjugado ao desejo do Outro, articulado ao Eu Ideal, estado de júbilo advindo da unidade mítica mãe-bebê, reforçada pela presença da mãe nos cuidados dos primeiros meses de vida – lugar da identidade imaginária, em que “Eu sou aquilo que Eu é” (Lacan, 1968-69/2008, p. 69); e a Separação ao Outro, marcado pelo rompimento da unidade mítica mãe-bebê, provocada pela intervenção do Pai e articulado ao Ideal do Eu – lugar do jogo simbólico, em que “Eu penso onde não sou” (Lacan, 1964/1998, p. 42).

... então, a alienação consiste na causação do sujeito pelo desejo do Outro que precedeu seu nascimento, por algum desejo que não partiu do sujeito, a separação consiste na tentativa por parte do sujeito alienado de lidar com esse desejo do Outro na maneira como ele se manifesta no mundo do sujeito (Fink, 1998, p. 73).

Se na alienação percebe-se a articulação com a demanda amorosa da mãe, devido à influência do Desejo Materno (DM), com a introdução da necessidade de amor, a falta a ser só se instala no sujeito infantil, *a posteriori*,

na separação, com o Nome do Pai¹⁴ (NP), enquanto significante que vem a representar o DM, e realiza o corte, não definitivo, mas circunstancial ao DM – pois retroativamente o NP é a re-apresentação do DM, sob outra forma (NP/DM). Deste modo, o desejo apresenta-se ao sujeito como desejo do Outro (Lacan, 1964/1985) e por isso realiza-se a sua divisão (\$) – barra constituinte que demarca a distância, com o NP, e ao mesmo tempo a proximidade, com o DM, em relação ao Outro que ele tentará dar conta, através do processo de nomeação incessante do seu desejo.

1.5 A dialética do Ser ao Ter: o objeto permeia o social

Toda essa construção demonstra a dialética do *ser* ao *ter* (Figura 2), movimento de balança, constitutivo do sujeito e, conseqüentemente, do objeto; que passa do Eu Ideal, nas construções do *ser*, marca da unidade imaginária e da dimensão amorosa narcísica, ao Ideal do Eu, na busca do *ter*, dinâmica da *falta a ser* no simbólico e das relações objetais, decorrentes do desejo.

¹⁴ O conceito do Nome do Pai encontra-se articulado por Lacan (1964/1988) no Seminário III – as psicoses. Compreende também aquilo que é forcluído no psicótico, o que o compromete em sua relação com o simbólico.



Figura 2: Esquema da Dialética do *SER* ao *TER*.

A referência ao *ter* a posse do objeto instituído pelo desejo do Outro é o que move as relações sociais. Posse que será sempre reescrita no seio do social, principalmente, pela relação com o outro. Por intermédio do outro, o objeto se re-apresentará nas formas mais variadas possíveis, de acordo com os ideais discursivos que permeiam as relações em determinadas culturas. É o outro, do laço social, que irá refletir ao sujeito que o objeto nunca será aquele correspondente à plenitude – mediante o aparecimento do estranho, da *Coisa* –, reafirmando sua castração, ou seja, a separação com o Outro.

Entretanto, no processo de constituição, após o tempo de separação do sujeito com o Outro – lembrando que essa separação nunca ocorre de forma definitiva – a dimensão simbólica exercerá todo o seu poder. O sujeito passará a investir nos objetos que o cercam e a se constituir a partir desse movimento. Como se procurasse um objeto perdido, que o completasse, causa de todo o seu desejo. É da lógica dessa metáfora que Lacan (1960-61/1992, p. 150) se utiliza para formalizar o objeto a.

1.6 O véu que recobre a Coisa

Objeto especial que advém da impossibilidade de completude da relação mãe-bebê, devido ao fato do Outro materno ser barrado, desejante, o que pressupõem uma falta. É essa falta que impulsionará seu ser, porém, agora mediada pelo fantasma¹⁵ (\diamond), como o véu que reveste a Coisa freudiana, transformando-a em objetos causa de desejo. Objetos, no plural, por decorrência da satisfação parcial da pulsão e da impossibilidade do encontro com um único objeto de satisfação do desejo. Assim, haverá sempre um objeto a se colocar enquanto causa de desejo (a). Chega-se, então, a fórmula do fantasma, sujeito barrado em punção do pequeno a ($\$ \diamond a$). O objeto a se caracteriza pela falta, por estar perdido para sempre, e o movimento do sujeito em sua direção é o que faz trabalhar o fantasma, levando em consideração a especificidade da sua perda.

Entretanto, a função que chega mais próxima de encarnar a possibilidade de encontro com esse objeto a , realizando a alusão a uma possível completude mítica da relação com o Outro, está relacionada ao conceito de gozo¹⁶. O gozo é a tentativa do sujeito de encontrar o objeto de satisfação plena. Descaracterizando a função de desejo do objeto a . É o mais próximo que se pode chegar da Coisa freudiana, que advém como herdeira do mundo natural, mais adiante, na cultura, do Desejo Materno, ali onde o Outro

¹⁵ Prefere-se a utilização do termo fantasma ao invés de fantasia, da tradução do francês (*fantasme*). Escolha orientada pelos próprios desenvolvimentos teóricos do trabalho, pela alusão à alma, abertura ao sentido possibilitada pelo transcendental, na lógica realizada anteriormente da entrada do significante no mundo.

¹⁶ Maiores detalhes sobre o conceito estão nas obras "Além do Princípio de Prazer" (Freud, 1920/2005); O Eu e o Isso (Freud, 1923/2005); Mal Estar na Cultura (Freud, 1929/2005); Seminário 7 – a ética da psicanálise (Lacan, 1959-60/1988); Seminário 16 – de um Outro ao outro (Lacan, 1968-69/2008) e Seminário 20 – mais ainda (Lacan, 1972-73/1985).

materno inseriu sua demanda, início da constituição do Eu Ideal do sujeito, sempre buscado, na repetição.

Assim, o sintoma¹⁷ que se repete no cotidiano do sujeito está relacionado ao gozo e a essa busca amorosa plena, rechaçando a lógica da falta. Por isso, o gozo, após a inserção do homem no campo da linguagem, está situado na dimensão imaginária, provocado pela irrupção do real, quando o sujeito se defronta com a impossibilidade de ter para si o objeto *a*.

O imaginário reveste o objeto *a* com o seu véu (da alienação), a partir da ordenação de saber provinda do Outro, desde a constituição do sujeito. Os ideais se colocam em cena, prioritariamente no imaginário (enquanto possibilidade), e posteriormente, posto em movimento no simbólico (enquanto impossibilidade). Pois “toda evocação da falta supõe instituída a ordem simbólica. [...] mais do que uma lei, é também uma acumulação, [...] uma ordenação” (Lacan, 1968-69/2008, p. 286).

1.7 O campo do gozo: lugar do corpo

A ordenação mencionada se coloca em cena a partir do referencial ao gozo. O campo do gozo possui relação íntima com o da instituição da lei. Aliás, como foi visto no decorrer deste trabalho, é o saber de uma determinada comunidade, que possui seus valores, costumes, normas, crenças, que delimitam o gozo a ser extirpado do seu seio social. O modelo de cidadão é

¹⁷ Como exemplo, tem-se a apresentação dos processos de construções sintomáticas (somatizações, fobia, rituais obsessivos, alucinação, paranóia, delírio), relatadas por Freud nos casos: Dora (Freud, 1905/2005), O Pequeno Hans (Freud, 1909a/2005), O Homem dos Ratos (Freud, 1909b/2005), Schreber (Freud, 1910/2005), etc. O que contribuiu para fundamentar a sua teoria da sexualidade, e da importância da vida erótica para o sujeito.

posto pelos referenciais de uma nação e constituídos por seu governo, através do processo político.

Assim, o campo do gozo destaca uma articulação íntima com o laço social, através da estrutura da linguagem, que, por meio de seus dispositivos de tratamento de gozo constituem a realidade social. Do mesmo modo ocorreu na dissolução da horda primitiva e ocorre até os dias de hoje. As funções do totem e do tabu se colocam em cena. O Outro presente no social, representado pelo Totem, Deus, o Estado, a ciência, etc. assume uma diferente configuração do pai da horda primitiva de outrora e seus reflexos se fazem reverberar no laço social. Se antes o poder se concentrava nas mãos do mais forte por seu vigor físico, agora o poder se institui de outra forma.

A instauração de uma nova ordem, pelo assassinato do pai da horda, legitima o saber em sua função delimitadora de gozo – que seria o de obter todas as mulheres, como o pai. A moral é instituída com os tabus e o Totem passa a ser o lugar maldito – temido pela possibilidade da morte, apesar de desejado – a ser ocupado. O saber é posto no jogo da vida, distanciando o sujeito da Coisa freudiana.

Deste modo, é a cultura, na forma como os discursos sociais se constituem, em função do saber, que estabelece a perda de determinado gozo, o resto a ser extirpado pela lei, que, por mais contraditório que seja, institui o desejo, tensão constante da *falta a ser*. O que fica patente na construção do trabalho, até o momento, é a relação íntima entre o Outro (A) e o outro (a) – já em sua função posterior na teoria, de objeto *a*.

O acesso à cultura não é sem consequências para o sujeito, pois o seu preço é o mal-estar (Freud, 1929/2005), pago no momento da perda de gozo –

processo de luto – pela instauração do ideal. Esse pagamento é ponto crucial para o estabelecimento da ordem. Mas o que o gozo encerra em sua relação com o saber se articula ao lugar do corpo no sujeito.

Como Lacan elucida: “O corpo, o corpo idealizado e purificado do gozo, reclama um sacrifício corporal” (Lacan, 1968-69/2008, p. 359). Esse gozo é o outro gozo, após a linguagem, forjado retroativamente pelo Ideal do Eu, pela repetição da falta, reprodução referente ao que se articula no saber do Outro, estruturada em seu desejo; esse é o véu do fantasma que irá revestir o objeto *a* e, portanto, instituí-lo. Sacrifício da perda do gozo absoluto, gozo primeiro, por isso mítico, anterior ao significante.

1.8 Subjetivação e o laço social

Deste modo, o controle das pulsões mais primitivas é evocado para a gênese da subjetividade. O Supereu¹⁸ passa a reger o sujeito em sua referência masoquista primária. A culpa e a responsabilidade são instituídas nesse mesmo processo e se estabelecem com a irrupção do saber ligado a elas. Todavia é do saber que provém os ideais, a ordem a ser imposta pelo Supereu ao Eu. Algo deve ser mortificado pelo Supereu, para que o sujeito possa vir a se representar em vida. Como pode ser observado na seguinte passagem lacaniana:

¹⁸ Conceito que representa uma das três instâncias (Isso, Eu e Supereu) da sua segunda tópica freudiana do aparelho psíquico, herdeira do complexo de Édipo, tem função de vigilância e punitiva do Eu. Origina-se das articulações freudianas realizadas em *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1914/2005), a partir dos conceitos de Eu Ideal e Ideal do Eu. A articulação do Supereu com o masoquismo primário encontra-se em Lacan, *Seminário 1 – os escritos técnicos de Freud* (1953-54/1986).

O gozo é exatamente correlativo à forma primeira da entrada em ação do que chamo a marca, o traço unário, que é marca para a morte, se quiserem dar-lhe seu sentido. Observem bem que nada toma sentido até que a morte entre na jogada. [...] É a partir da clivagem, da separação entre o gozo e o corpo doravante mortificado, a partir do momento em que há jogo de inscrições, marca do traço unário, que a questão se coloca (Lacan, 1969-70/1992, p. 169)

Desta forma, é o significante que marca a distância entre o gozo e o corpo, a partir da marca primeira, do traço unário que cava o espaço para que o S_1 possa se posicionar com o S_2 , significante binário, na cadeia de significação ($S_1 - S_2 \dots$), produzindo o seu sentido (s), logo abaixo de S_1 , de forma retroativa (Figura 3). Lógica já estabelecida da representação do objeto (exemplo do Fort Da), pela re-apresentação de algo (S_1), sob outra forma (S_2), agora na articulação significante (Figura 4). Por isso Lacan vai afirmar: “O significante é o que representa um sujeito para outro significante.” (Lacan, 1964/1985, p. 194).

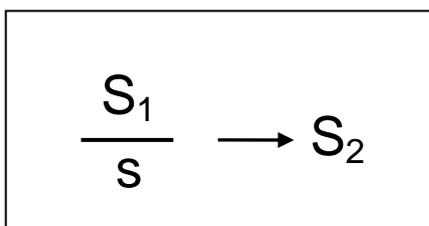


Figura 3: Esquema da construção do sentido I

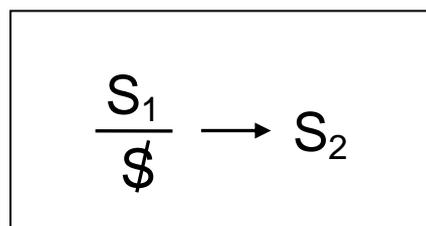


Figura 4: Esquema da representação do Sujeito

Inicia-se, a partir de então, a constituição do sujeito na perspectiva do laço social, já que, no início do capítulo, partiu-se da formulação do desejo do sujeito, enquanto desejo do Outro, entidade responsável por todo o peso de referências que o sujeito tentará subjetivar a sua própria existência. Assim, segue-se a ordem cronológica do processo, suscitada por Lacan (1968-69/2008) em seu *Seminário 16 – de um Outro ao outro*, que o dilema de causalidade da teoria da evolução poderia sugerir, já que a linguagem nasce fundamentalmente da relação com o Outro (A), apesar de seus alicerces, também constituintes, articulados ao outro (*a*), o próximo, porém estrangeiro¹⁹, efeito do gozo perdido da função do objeto *a*.

Nesse nível, o que pode, no Outro, responder ao sujeito? Nada senão aquilo que produz sua consistência e sua ingênua confiança em que ele é como Eu. Trata-se, em outras palavras, do que é seu verdadeiro esteio – sua fabricação como objeto *a*. Não há nada diante do sujeito senão ele, o um-a-mais entre tantos outros, e que de modo algum pode responder ao grito da verdade, mas que é, muito precisamente, seu equivalente – o não-gozo, a miséria, o desamparo e a solidão. Tal é a contrapartida do *a* [...], que constituiu a coerência desse Eu. (Lacan, 1968-69/2008, p. 24).

¹⁹ Com efeito, o tema do estranho se apresenta na psicanálise articulada ao retorno do recaiado. Justamente a parte a qual o sujeito tenta mortificar pela ação do Supereu, mas que retorna, no outro. Para maiores detalhes, recorrer à obra "Lo siniestro" (Freud, 1919).

Desse ponto se situa o Outro, enquanto possibilidade discursiva, efeito do significante. Se um significante representa um sujeito para outro significante, agora se pode perceber sua real importância na dinâmica psíquica do sujeito; pois ele mesmo é o seu efeito. E como foi ilustrado, isso não é pouca coisa. Se a fala do sujeito implica a articulação de um significante com outro significante, a função do discurso, como laço social, pressupõe essa mesma articulação, porém sem a necessidade das enunciações da fala.

Os discursos em apreço nada mais são do que a articulação significante, o aparelho, cuja mera presença, o status existente, domina e governa tudo que pode surgir de palavras (Lacan, 1969-70/1992, p. 177).

São os lugares geográficos de alguns elementos discursivos que irão se configurar como formas de subjetivação do viver. Mas do viver em relação a quê? Em sua relação com a perda de gozo, ou se pode ser colocado, com a morte de algo, mesmo que estes movimentos se façam de forma momentânea, no processo incessante de significação, em um intervalo de tempo. A tensão, a ambivalência afetiva, o conflito, o mal-estar – posteriormente a angústia, assunto a ser tratado no capítulo 2 – representam esses intervalos, responsáveis pela significação, onde o significante representa um sujeito para outro significante.

Se esse intervalo se situa sob S_1 , efeito de sentido (s) para o Sujeito, o efeito da perda de gozo, já tomado em sua função pelo objeto a , irá se situar justamente na pausa, sob a barra de S_2 , no intervalo momentâneo, em que

falta a articulação com outro significante, que seria S_3 (Figura 5). Até que viesse outro, mais outro, e assim sucessivamente. Esse movimento, já suscitado, está intrinsecamente relacionado à característica de satisfação parcial, concernente a toda pulsão. Assim, e como foi debatido anteriormente, em uma significação está sempre em questão a formulação do sentido pela perda de gozo.

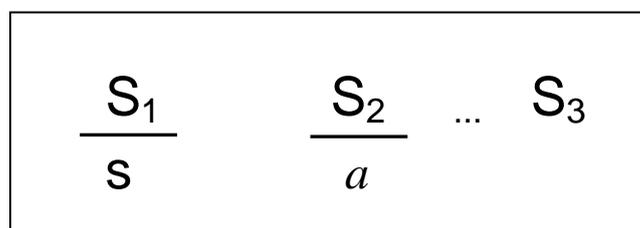


Figura 5: Esquema da construção do sentido II

Há sempre um processo de luto que envolve o sentido, pois algo se perde para que a própria coisa que se quer significar tenha sua delimitação. O sentido pleno não existe e só poderia ser representado pela morte. É devido a essa especificidade que faz com que o significante sozinho não represente nada e, ao mesmo tempo, tudo.

1.9 O mestre autor do pacto social: corpo político e espaço público

Por isso, em vida, e não poderia ser diferente, o sujeito é escravo do sentido, escravo da produção do saber do e sobre o Outro. Não obstante, tem-se o discurso do mestre ou senhor (Figura 6) como o discurso essencial à

constituição subjetiva, a partir do Outro desejante, e por esse motivo, colocando-se inicialmente, na posição de maestria, como aquele que sabe o que o filho tem ou o que ele deseja – alusão às inferências de sentido que as mães e os pais realizam junto aos gestos ainda desorganizados empreendidos por seus bebês, gênese da inscrição significativa.

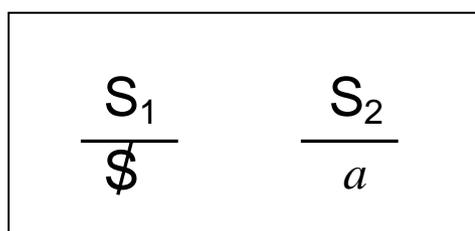


Figura 6: Esquema do Discurso do Mestre

O discurso do mestre apresenta o modelo para outros quatro discursos: histórica, analista, universitário e, por fim, capitalista. Por não fazerem parte dos caminhos desenvolvidos para este trabalho, os discursos da histórica, do analista e do universitário não serão contemplados, exceto o discurso capitalista, devido a sua importância enquanto marca do laço social na atualidade (Lacan, 1971-72).

É importante, também esclarecer, que a escolha de estabelecer os fundamentos deste trabalho na constituição do sujeito, partindo de uma perspectiva mais individualizada, em relação ao Outro, campo da linguagem, e chegando a uma perspectiva mais social, do outro, desde as imagens de a ($i^{(a)}$ e $i'^{(a)}$, na constituição imaginária do Eu, do estágio do espelho) até como função do objeto a , campo do gozo, contempla os objetivos de se chegar a uma compreensão do que seja a perspectiva privada e pública da vida em

sociedade, e, principalmente, de suas interligações específicas para a subjetividade.

A prioridade é dada ao público, por razões dos atos violentos terem sido exercidos nesses espaços da cidade. Entretanto, o caminho ainda não foi percorrido, falta a articulação com a cidade, realizada a partir do conceito de *polis* – presente na Grécia antiga até os dias atuais –, através do que pode ser concebido por política, para o conhecimento sobre os aspectos envolvidos nos conceitos de privado e público, e um breve estudo sobre as características do discurso proeminente da atualidade e seus efeitos para o sujeito, conseqüentemente, para o laço social.

O pacto social pressupõe uma organização, rechaçando a possibilidade de realização da plena vontade do sujeito em função do todo, do coletivo, em prol do bem comum. Na realidade da civilização ocidental e brasileira, o estado representa todos os membros dessa organização e possui suas especificidades, como disserta Rousseau:

Cada um de nós põe em comum sua pessoa e todo o seu poder sob o supremo comando da vontade geral e haverá de receber ainda cada membro como parte visível do todo. [...] Logo, em lugar da pessoa particular de cada contratante, esse ato de associação produz um corpo moral e coletivo, composto de tantos membros quanto a assembléia de votos, o qual recebe desse mesmo ato sua unidade, seu eu comum, sua vida e sua vontade. Essa pessoa pública, formada assim pela união de todas as outras, tomava outrora o nome de *cidade* e hoje recebe o nome

de *república* ou de *corpo político*, o qual é chamado por seus membros *Estado*, quando é passivo, *soberano* quando é ativo, *poder* quando comparado a seus semelhantes. Com relação aos associados, adquirem coletivamente o nome de *povo* e se chamam particularmente *cidadãos*, como partícipes da autoridade soberana e *súditos*, quando sujeitos às leis do Estado (Rousseau, 1762, p. 29).

O corpo político se torna o ideal do corpo do cidadão. A política é a ação exercida pelo cidadão com a finalidade de organização desse corpo, do qual faz parte e que, conseqüentemente, institui o laço social. Assim, o conceito de cidadão está intrinsecamente relacionado com o de Estado e possibilita a compreensão do que é próprio àquilo que é comum. As instituições que fazem parte do Estado – como as famílias, hospitais, escolas, delegacias, fóruns, cartórios, secretarias etc. – atuam com a finalidade de garantir os bens relacionados ao pacto social. Principalmente a segurança pública – na figura da polícia, no caso deste trabalho – que é responsável pela garantia da ordem social e soberania do governo²⁰. A forma de governar de um município, estado ou nação se relaciona à forma como o governo concebe seus cidadãos, a partir de sua constituição e de ações políticas implementadas nas mais diversas esferas: educacional, saúde, segurança pública, etc.

Cabe aqui uma diferenciação entre município e cidade. O município concerne a uma área territorial delimitada, da qual fazem parte tanto às áreas

²⁰ Para mais detalhes, recorrer à obra “*A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*” (Engels, 1884/2007, p. 185)

urbanas quanto as rurais, administrada por um prefeito, um dos representantes do poder executivo da federação. A cidade é um município que se destaca por seu desenvolvimento urbano e poder econômico dentro do Estado do qual faz parte. Para fins de esclarecimento seguem os três primeiros artigos da Constituição da República Federativa do Brasil (1988), que evidenciam o corpo político brasileiro, representado pelos Estados, Municípios e Distrito Federal, bem como, os ideais fundamentais inscritos que o constituem:

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: I - a soberania; II - a cidadania; III - a dignidade da pessoa humana; IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa; V - o pluralismo político. Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição. Art. 2º São Poderes da União, independentes e harmônicos entre si, o Legislativo, o Executivo e o Judiciário. Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: I - construir uma sociedade livre, justa e solidária; II - garantir o desenvolvimento nacional; III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (Constituição da República Federativa do Brasil, 1988).

Ora, para a composição do corpo político, todo e qualquer Estado inscreve em seu seio um objeto *a*, como resto essencial de gozo, rechaçando a satisfação total da pulsão em função do saber – na construção de bens, como pode ser visto nos objetivos fundamentais da República – que compõem suas regras e leis sociais. Os valores, costumes e crenças, presentes na história de cada povo, se inserem no saber elaborado pela política, que concebe todos os procedimentos de criação de leis – a partir do seu corpo político, representado pela constituição da república – circunscritas à federação, estados e municípios, e que, por sua vez, representa seus membros: os cidadãos brasileiros, neste caso.

Todavia, o que fica demarcado é que o lugar político primordial não está circunscrito às Assembléias Legislativas, mas sim ao espaço público, onde os cidadãos manifestam suas formas de relações, baseadas em novos ou antigos valores, costumes e crenças, e que servirão de matéria prima para as leis que compõem o corpo político da república e, conseqüentemente, de seus entes. Esta ideia é compartilhada com Arendt (1958), quando a autora disserta sobre o fundamento da dimensão política do cidadão a partir daquilo que é comum aos homens, presente na esfera pública:

Significa, em primeiro lugar, que tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível. Para nós, a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos – constitui a realidade. [...] Em segundo lugar, o termo público significa o próprio mundo, na medida em que é

comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele [...] tem a ver com o artefato humano, com o produto de mãos humanas, com os negócios realizados entre os que, juntos, habitam o mundo feito pelo homem. (Arendt, 1958, p. 59-60)

A autora ainda aponta a deterioração do espaço público como um dos efeitos causados pelo capitalismo moderno. Pois sublinha que para haver o fator comum, que caracteriza o espaço público, é necessário a elaboração do saber a partir da existência de um objeto comum, que permeia o social (o objeto *a*) e não da natureza humana comum, ligada a *bios*, como é proposta pela sociedade de consumo. Essa mesma lógica também foi deflagrada por Foucault ao delatar os efeitos da biopolítica na construção do saber. O corpo político passa por uma nova configuração a partir da modernidade e essa questão é essencial para a análise do espaço público nos tempos atuais e para a sua articulação com as formas de subjetivação do sujeito neste *lócus*, restrito a cidade de Fortaleza.

1.10 Biopolítica e atualidade: os efeitos do discurso capitalista

Deste modo, o poder sobre as relações sociais é exercido através do saber, em sua articulação com a lei, presente no corpo político. Ainda na perspectiva social, Foucault também deu lugar de destaque ao corpo em sua teoria. A percepção de que as relações de poder se instituem a partir da

construção do saber, coloca-se como uma forma de controle dos cidadãos, a partir de seus corpos. E como foi demonstrada no percurso deste trabalho, essa não é uma forma nova de controle. O que Foucault esclarece são as estratégias contemporâneas utilizadas nesse processo. O conceito de biopoder abre as portas para o estudo do discurso social da época atual. Deflagra a influência da ciência – tomada pela lógica capitalista – nos destinos da humanidade e sua relação com o corpo. Elucidação que pode ser demonstrada na seguinte passagem:

Qual é o tipo de investimento do corpo que é necessário e suficiente ao funcionamento de uma sociedade capitalista como a nossa? Eu penso que, do século XVII ao início do século XX, acreditou-se que o investimento do corpo pelo poder devia ser denso, rígido, constante, meticuloso. Daí esses terríveis regimes disciplinares que se encontram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias... E depois, a partir dos anos sessenta, percebeu-se que este poder tão rígido não era assim tão indispensável, quanto se acreditava, que as sociedades industriais podiam se contentar com um poder muito mais tênue sobre o corpo. Descobriu-se, desde então, que os controles da sexualidade podiam se atenuar e tomar outras formas... Resta estudar de que corpo necessita a sociedade atual... (Foucault, 1979, p. 148).

Foucault passa a desvincular os mecanismos de poder como sendo única e exclusivamente dirigido pelo Estado. Lembra que existem mais forças em sua constituição, legitimadas pela lógica capitalista, na construção do conhecimento científico. A influência da ciência ganha um poder jamais presenciado pela humanidade e adentra nos corredores do Estado. Basta perceber a criação de políticas públicas, nas áreas da saúde, educação, segurança, desenvolvimento urbano, etc. se multiplicarem e estarem fundamentadas por saberes científicos específicos os quais não se sabe a que interesse se vincula.

Tudo isso foi possível pela “moderna perda da fé”, como lembra Arendt (1958/2007, p. 334), provocada pela dúvida cartesiana, e a valorização da razão. Assim, a vida individual passa a ser mortal, e a única coisa imortal e imutável, digna de ser elemento de estudo viável pela razão, é o processo vital. Está em questão na atualidade a biologização da vida. A transformação do mundo antigo para o mundo moderno possui suas consequências:

Se compararmos o mundo moderno com o mundo do passado, veremos que a perda da experiência humana acarretada por esta marcha de acontecimentos é extraordinariamente marcante. Não foi apenas, e nem sequer basicamente, a contemplação que se tornou experiência inteiramente destituída de significado. O próprio pensamento, ao tornar-se mera ‘previsão de consequências’, passou a ser função do cérebro, com o resultado de que se descobriu que os instrumentos eletrônicos exercem essa função muitíssimo melhor do que nós. A ação logo passou a

ser, e ainda é, concebida em termos de fazer e fabricar, exceto que o fazer, dada a sua mundanidade e inerente indiferença à vida, era agora visto como apenas outra forma de labor, como função mais complicada mas não mais misteriosa do processo vital (Arendt, 1958/2007, p. 335).

Ocorreu que o homem foi destinado a procurar objetivar o seu próprio Eu, a constituir-se como sujeito²¹, já que os ideais religiosos encontravam-se fragilizados, características do mundo moderno. Espaço propício para a gênese da psicanálise, instituída a partir dos limites da razão, através de seu conceito fundador: o inconsciente. Não sem propósito, o presente trabalho realizou, até o momento, o caminho percorrido pela psicanálise para a constituição do conceito de sujeito, apresentando as principais tensões, ambivalências e conflitos que fazem parte de sua natureza. Essa articulação foge do caminho seguido pela ciência atual e por esse motivo tem-se o questionamento eterno sobre a cientificidade deste saber.

Retornando as questões relacionadas ao biopoder, o que se evidencia hoje é o controle dos corpos, não mais realizado pelo Estado e seus governantes, mas cada vez mais pela importância dada aos cientistas no processo de fabricação do saber. O que promulga Arendt ao versar sobre a ênfase dada ao processo vital:

[...] a ação dos cientistas, que intervém com a natureza do ponto de vista do universo e não com a textura das relações humanas,

²¹ Essa passagem pode ser encontrada principalmente na obra *"A Condição Humana"* (Arendt, 1958/2007) e *"História da Sexualidade I - vontade de saber"* (Foucault, 1976).

não tem o caráter revelador da ação nem a capacidade de produzir histórias e tornar-se histórica – caráter e capacidade que, juntos, constituem a própria fonte do sentido que ilumina a existência humana (Arendt, 1958/2007, p. 337).

O processo vital é também tema de outra importante obra que analisa a realidade atual, porém, seu autor, utiliza-se do termo “vida nua” (Agamben, 2002) para relacionar a matéria das construções políticas implementadas pelos atuais Estados Democráticos aos cidadãos. A vida nua se apresenta como o processo vital, desprovida de valor ou qualidades. Como Arendt, Agamben percebe a valorização da ciência na produção do saber, o que lhe confere a participação no poder soberano. Relaciona esses Estados Democráticos atuais aos Estados Totalitários, como o Estado alemão na época do nazismo – reunidos pela lógica da supremacia da raça ariana, possibilidade aberta para a criação dos campos de concentração, já que o corpo do outro não passava de simples corpos biológicos, vida nua, sem qualidade ou valor, não havendo mais possibilidade de identificação; ou pior ainda, pela dificuldade de lidar com o estranho, atribuíam-se aos judeus as causas dos infortúnios do mundo.

A importância de analisar essas questões presentes na contemporaneidade reflete-se em seus efeitos nos laços sociais, principalmente pelo referencial do corpo do sujeito, extensão do corpo político do Estado. Articulação realizada por Agamben, quando relata que

Até mesmo o conceito de ‘corpo’, bem como aqueles de sexo e sexualidade, já está desde sempre preso a um dispositivo, ou

melhor, é desde sempre corpo biopolítico e vida nua, e nada, nele ou na economia de seu prazer, parece oferecer-nos um terreno firme contra as pretensões do soberano. Na sua forma extrema, aliás, o corpo biopolítico do ocidente [...] se apresenta como um limiar de absoluta indistinção entre direito e fato, norma e vida biológica. Na pessoa do *Führer* a vida nua transmuta-se imediatamente em direito, assim como na do habitante do campo [de concentração] o direito se indetermina em vida biológica. Uma lei que pretende fazer-se integralmente vida encontra-se hoje cada vez mais frequentemente diante de uma vida que se desanima e mortifica em norma (Agamben, 2002, p. 193).

A relação entre os homens e aquilo que a fundamenta é a lei, herança do pacto social no processo de legitimação da soberania do Estado. Quando essa função encontra-se fragilizada o que se pode esperar? É neste interstício que se localizam os efeitos do biopoder, e principalmente de sua relação com o capitalismo, na instituição da mais valia, do lucro, pela valorização dos objetos de consumo. A técnica assume preponderância para a produção desses objetos, juntamente com o seu status de descartabilidade. A “textura das relações humanas”, como dizia Arendt ao falar sobre o caráter histórico do homem, não se apresenta aos objetos de consumo. A dificuldade que se impõe à vida em uma sociedade de consumo “será preservar a consciência das exigências da necessidade que a impele, mesmo quando a dor e o esforço – manifestações externas da necessidade – são quase imperceptíveis” (Arendt, 1958/2007, p. 148).

1.11 A descartabilidade... do amor?

Com este ponto suscitado por Arendt, retorna-se à questão não da simples necessidade do homem de saciar sua fome, mas da relação que o mesmo possui com a pulsão. A constituição da pulsão está intrinsecamente relacionada à realidade social. O que foi articulado como “fome de amor”, o amar, desloca o ser humano – da pulsão para o desejo – para a ordem simbólica; se estabelece enquanto propulsão à formação de sentido, de significação. É isso que o ser humano possui ao adentrar no mundo da linguagem – é dessa necessidade proeminente, associada à falta de pensar proporcionada pela cultura de massa, característica da sociedade de consumo, que Arendt disserta –, presente na história de vida do sujeito, na inscrição dos significantes em seu corpo advindo da relação com o Outro.

A descartabilidade dos objetos de consumo conduz o sujeito ao não pensar, justamente pela ênfase dada à satisfação pulsional, levando o sujeito a um retorno ao autoerotismo, ao prazer proveniente do próprio corpo. Não é à toa que a dessubjetivação, apresentada pela falta do pensar, que incide na falta da fala do próprio sujeito sobre suas dores psíquicas, é um dos efeitos sintomáticos do discurso capitalista na contemporaneidade²².

Para Lacan (1971-72), esse discurso rechaça a dimensão amorosa do sujeito, justamente quando desconhece a castração, ou seja, não leva em consideração sua própria história de vida, provocando o empobrecimento

²² Ver obras de autores contemporâneos, tais como: *Mal Estar na Atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação* (Birman, 2001), *As Novas Doenças da Alma* (Kristeva, 2002), *As Novas Formas Clínicas no Início do Terceiro Milênio* (Melman, 2003), *Que Narciso é Esse? – mal-estar e resto* (Carneiro, 2007) e *Entre Deudas y Culpas: sacrificios* (Ambertín, 2008).

simbólico. Ora, o processo de castração é o responsável pelo estabelecimento da culpa no sujeito, barra os impulsos pulsionais mais primitivos, o que o impede de assumi-los, construindo uma significação mais apreciável socialmente ao Outro, ou, melhor dizendo, diante da sociedade da qual faz parte. Dessa forma, sem as consequências advindas da castração, como sustentar o laço social? E o que pode decorrer dessa constatação da realidade social na atualidade? São perguntas que ficarão em suspenso neste final de capítulo.

A constituição do sujeito e sua articulação com o laço social, mediada pela política, foram o tema deste primeiro capítulo. Os conceitos até então trabalhados possibilitam o caminho em direção ao segundo capítulo, que dissertará sobre a causa traumática, presente no sujeito, e a violência, a partir de suas formas fenomênicas, principalmente, àquela causada por um ato de violência vivenciada nos espaços públicos.

CAPÍTULO 2 - A EXPERIÊNCIA TRAUMÁTICA: VIOLÊNCIA E AGRESSIVIDADE

2.1. O afeto que não engana, a castração e o objeto intercambiável das relações sociais

O processo de constituição do sujeito se desenvolve por meio de conflitos, tensões, ambivalências afetivas e mal-estar proveniente de sua entrada no espaço social. A cultura impõe seus limites e isso não é vivenciado de forma tranquila ou harmônica pelo sujeito. Existe algo subterrâneo que o impulsiona, e a essa força a psicanálise dá o nome de pulsão. Quando a pulsão encontra-se direcionada pela disposição narcísica do Eu, a partir de sua forma estabelecida pelos ideais que o compõem, passa a chamar-se libido. É a libido que vai ser a responsável pelos investimentos nos objetos externos e internos ao sujeito, à medida que o seu próprio Eu vai se fundamentando, constituindo uma relação dialética entre Eu e objeto, já descrita no 1º capítulo.

Os impedimentos ao exercício da libido se colocam sob a referência do conflito psíquico, e de todos os outros conceitos relacionados e derivados dessa mesma perspectiva, há um ainda não mencionado, o qual será de grande importância para o aprofundamento da dimensão traumática e, posteriormente, da violência no sujeito. A angústia é sinal manifestado no Eu, sempre que algo no sentido de uma ameaça se coloca em cena. Adquire ainda

mais importância quando Lacan (1962-63/2005, p. 101) afirma que a mesma “não é sem objeto”, porém, pertencente à função de um objeto primordial ao sujeito, designada como objeto a . Assim, o a só intervém correlacionado com a angústia.

O estágio do espelho demonstra apropriadamente a intervenção da angústia, pela função do objeto a , quando esclarece o processo de investimento objetual, pela constituição da própria imagem do Eu e suas relações com a constituição do campo dos objetos externos. O que Lacan formula:

Quando comecei a enunciar a função fundamental do estágio do espelho na instituição geral do campo do objeto, passei por diversos tempos. De início, existe o plano da primeira identificação com a imagem especular [$i^{(a)}$], desconhecimento geral do sujeito em sua totalidade. Depois, vem a referência transicional que se estabelece em sua relação com o outro imaginário, seu semelhante $i'^{(a)}$. É isso que faz com que sua identidade seja sempre difícil de discernir da identidade do outro. Daí a introdução da mediação de um objeto comum, objeto de concorrência cujo status decorre da idéia de posse – ele é seu ou meu (Lacan, 1962-63/2005, p. 103).

Lacan se refere do falo imaginário ($-\phi$) como objeto da troca no social. O $-\phi$ se origina, desde sempre, perdido no real, se institui como um certo vazio, e só chega a ser rerepresentado posteriormente, ali onde se situa o Ideal do Eu

($i^{(a)}$). Por isso o sujeito não é o falo absoluto, o que seria se igualar ao pai primevo, mas devido às proibições inerentes ao pacto social, representada pela castração do sujeito, ele passa a ter a possibilidade de desejar para si esse objeto intercambiável nas relações sociais, seja ele qual for. Isso vai depender de cada cultura a qual o sujeito se associa, das crenças, valores, costumes que constituem seus ideais, matéria prima para alucinação da presentificação do objeto, sob efeito do imaginário²³. Processo que compõe a função falo imaginário ($-\phi$), como demarcação do imaginário, a partir da falta, do simbólico.

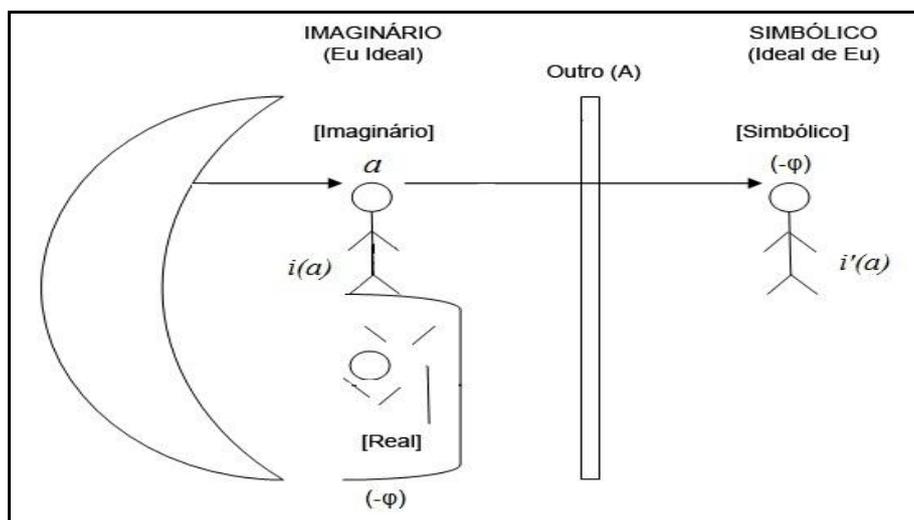


Figura 7: Esquema da escolha de Objeto²⁴

O objeto a perpassa todo o processo de investimento objetal para a constituição das imagens $i^{(a)}$ e $i'(a)$, como resto, objeto alheio a qualquer tentativa de objetividade e que advém do Outro. O Eu Ideal é o lugar majoritário das primeiras identificações, reserva libidinal, relacionada ao narcisismo primário, lugar de suporte $i^{(a)}$ que, a partir da intervenção do outro, como

²³ A gênese do falo relaciona-se ao Esquema 02 (Do Ser ao Ter).

²⁴ Este esquema segue a perspectiva do esquema 1. Foi apresentado em sua forma original por Lacan (1962-63/2005, p. 49).

semelhante, “perfilará sua forma e suas normas, a imagem do corpo em sua função sedutora (Lacan, 1962-63/2005, p. 55) e servirá à projeção de sua superfície em $i^{(a)}$, no Ideal do Eu, onde se localizará o sinal da angústia, por esse efeito de projeção do Eu Ideal. Daí se coloca a dificuldade de delimitação, melhor dizendo, de uma identidade unificadora do Eu e, como consequência, das relações entre os seres humanos.

2.2. Angústia: a demasiada presença do Outro

O importante é que dessa relação intrínseca entre o sujeito e o Outro, o que em realidade produz angústia não é a ausência do Outro, por exemplo, encarnado na figura da mãe, mas sim, a sua presença em demasia (fator sublinhado no 1º capítulo). Essa presença é sentida pelo sujeito como uma intrusão e impede com que o mesmo possa representar seu desejo, por não poder se colocar de forma ativa no jogo com os significantes – como o fez o neto de Freud (1920/2005) na brincadeira do *Fort Da* com o carretel. No qual a psicose, de forma exemplar, apresenta essa especificidade, devido a dificuldade de lidar com o desejo do Outro, ou de constituir um $(-\phi)$ que possa se colocar no simbólico, no laço social. Forma de lidar com a falta, a partir da forclusão²⁵ da castração.

Assim, a ameaça de castração se relaciona à angústia, ou mais especificamente, ao que Lacan (1962-63/2005) vai afirmar como o verdadeiro

²⁵ Para maiores detalhes sobre o conceito de forclusão, recorrer ao “Seminário 3 – as psicoses” (Lacan, 1955-56/1988).

afeto em jogo no sujeito, não porventura, sinal do simbólico, de perpetuação da falta. Chega-se ao ponto de amarração com o traumático, pois

De fato, a forma da castração, isto é, a castração em sua estrutura imaginária, já está dada aqui, em $(-\phi)$, no nível da fratura que se produz à aproximação da imagem libidinal do semelhante, em algum momento de um certo dramatismo imaginário. Daí a importância dos acidentes da *cena* que, por essa razão, é chamada de *traumática*. A fratura imaginária apresenta toda a sorte de variações e anomalias possíveis, o que já indica, por si só, que alguma coisa no material é utilizável para outra função, que, por sua vez, dá pleno sentido ao termo ‘castração’ (Lacan, 1962-63/2005, p. 56).

2.3. A Causa real: o trauma e as neuroses traumáticas

O Esquema 7, através do percurso realizado pelo objeto *a* na escolha objetual, percorrendo os estágios da libido – recorrer ao Esquema 2, do auto erotismo, narcisismo e relações de objeto – permite a observação da angústia de castração e de seus efeitos de desenvolvimento libidinal, a partir das fases mais primevas, como o desmame, o controle anal, chegando a fase genital onde a energia libidinal será catexizada, justamente devido ao mau encontro

com o sexual²⁶. A impossibilidade da relação sexual é a grande causa traumática para o ser humano. Por isso a castração perpassa todos os estágios de desenvolvimento da libido.

O que está em questão na referência ao trauma são os impulsos pulsionais e a impossibilidade de sua satisfação plena, provocada, primeiro, por uma questão própria, da natureza parcial da pulsão e, segundo, pelo controle cultural imposto ao sujeito. Este fator se sustenta na história primeva do sujeito, repassada a ele pelo Outro, através do seu poder de inscrição do significante. Cada sujeito constitui seu núcleo traumático²⁷ e se desenvolverá ao redor do mesmo, tentando construir saídas para a conciliação das forças que o originam, porém sempre sem uma solução final.

Por esse aspecto de impossibilidade, o trauma se torna uma das faces do real, dentre outras já expostas neste trabalho, e se encontra no cerne da teoria psicanalítica, com a produção de sintomas que se apresentam como uma tentativa de saída para os impasses produzidos por ele. A repetição destes sintomas é o efeito do trauma, relacionada ao gozo, tentativa do sujeito de assimilação da causa traumática, a qual o sujeito está condenado. Pois o trauma ocorre quando uma representação, vinculada a acontecimentos da história de vida do sujeito, em sua relação com o Outro, se chocam com os ideais sociais, ocasionando uma fratura ou efeito de desorganização imaginária.

²⁶ Para maior compreensão, recorrer à obra *“Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”* (Freud, 1905/2005).

²⁷ Ideia vinculada à qualidade econômica dos processos psíquicos envolvidos no conceito de ‘traumático’: “En realidad, ya el termino ‘traumático’ no posee sino un tal sentido económico, pues lo utilizamos para designar aquellos sucesos que, aportando a la vida psíquica, en brevísimos instantes, un enorme incremento de energía, hacen imposible la supresión y asimilación de la misma por los medios normales y provocan de este modo duraderas perturbaciones del aprovechamiento de la energía.” (Freud, 1916-17/2005, p. 2294).

Ora, o que se constrói como tentativa de conciliação é o fantasma, como o véu que protege o sujeito da caída total no real, a partir dos processos de luto, como já foi demonstrado. O resultado deste esforço resulta na constituição da dimensão imaginária. Como pode ser identificada nessa passagem de Lacan, que ao dissertar sobre a relação do trauma com as dimensões do real e do simbólico, apresenta a emergência da ação oculta (ou fantasma) da dimensão imaginária, através do Supereu, na reagrupação dos significantes relativos ao trauma:

No progresso da análise, [...] é na aproximação dos elementos traumáticos – fundado numa imagem que nunca foi integrada – que se produzem os buracos, os pontos de fratura, na unificação, na síntese da história do sujeito. Indiquei-lhes que é a partir desses buracos que o sujeito pode se reagrupar nas diferentes determinações simbólicas que fazem dele um sujeito que tem história. Bem, igualmente para todo ser humano, é na relação à lei²⁸ a qual ele se liga que se situa tudo o que lhe pode acontecer de pessoal. Sua história é unificada pela lei, pelo seu universo simbólico, que não é o mesmo para todos. A tradição e a linguagem diversificam a referência do sujeito. Um enunciado discordante, ignorado na lei, um enunciado promovido ao primeiro plano por um evento traumático, que reduz a lei a uma ponta cujo caráter é inadmissível, inintegrável – eis o que é essa instância

²⁸ A relação com a 'lei', expressada neste momento do ensino lacaniano, pode ser entendida como uma referência ao 'significante' – elemento primordial do universo simbólico – empreendida pelo autor posteriormente, e já desenvolvida neste trabalho.

cega, repetitiva, que definimos habitualmente pelo termo de Supereu (Lacan, 1953-54/1986, p. 229).

Se a lei em questão pode ser relacionada à construção de um saber, pela cadeia significativa, S_1 não pode ser assimilado, senão re-apresentado sob outra forma, enquanto S_2 , então, na operação sempre haverá aquilo que resta de S_1 , que não foi assimilado por S_2 , o objeto a , dando prosseguimento ao movimento da cadeia significativa (Esquema 5).

A impossibilidade freudiana de diferenciar detalhadamente os mecanismos em causa nas neuroses de transferência das neuroses traumáticas ou de guerra²⁹ decorre desse interstício. Por isso, nem todo acidente ou ameaça de perigo externo ocorrido ao sujeito tem o poder de suscitar a causa traumática. Esse poder dependerá da articulação da cadeia de significantes, referida à situação vivenciada, com o núcleo traumático do sujeito, vítima do acidente – que possui relação íntima com a sua história de vida, com o desejo do Outro específico a ele.

Essa é uma constatação que se deu em campo, pois no momento de escuta às vítimas de violência, alguns, principalmente mulheres, apresentavam-se sob forte impacto emocional, seja pela ameaça da violência ou pelo próprio ato violento em si, enquanto outros se mostravam, apesar de um pouco incomodados com a situação vivida, mais tranquilos. Alguma articulação com a causa traumática se realizou com aqueles, a qual os pesquisadores não tiveram acesso, mas que os sinais apontavam para a reativação do núcleo traumático referente aos sujeitos.

²⁹ Dificuldade exposta em “*Lecciones Introductorias al Psicoanálisis – Lección XVIII – La fijación al trauma*” (Freud, 1916-17/2005).

2.4. Violência, lei e poder

Realizado todo o percurso do 1º capítulo, com os conceitos primordiais para a análise do sujeito e do laço social, e a pouco, neste 2º capítulo, a interlocução entre angústia e trauma, o trabalho passa a adentrar em seu tema principal: a violência. O cuidado antecedente no estabelecimento da análise de determinados conceitos serão de grande valia para o objetivo ora proposto, aspecto esse que o leitor irá observar nas seguintes elaborações.

Como já foi ressaltada, a etimologia da palavra violência toma vários sentidos de sua origem do latim *violentia*³⁰: força violenta, caráter feroz, arrebatamento. Normalmente, é concebida pelo senso comum, de acordo com outra derivação, da palavra *violo*, portando as significações: violar, ofender, transgredir; quase sempre vinculada a uma ação criminal. A raiz surge da palavra *vis*, que significa: força, vigor; poder, ascendência, autoridade; valor, essência, sentido.

Partindo da análise de sua raiz etimológica, pode-se conceber a oculta relação que a mesma possui com a lei. A violência está para o mundo animal assim como a lei está para o homem. É a garantia da ordem. O animal impõe sua força, seu vigor, aos outros por meio da violência e adquire o poder de dar as cartas do jogo. Provavelmente, em um passado longínquo, os agrupamentos humanos se organizavam desta forma, e foi desta ideia que Freud (1913/2005) construiu seu mito da horda primitiva, em *Totem e Tabu*, com o governo de um pai tirânico, representado pelo pai da horda primitiva, que, por sua força, submetia todos os membros da horda as suas vontades,

³⁰ Os significados das palavras que se seguem em latim pertencem ao *Dicionário de Latim-Português*, 2ª edição, Porto Editora Ltda., 2001.

com a posse das mulheres. A autoridade era conferida àquele que possuísse o maior vigor físico.

Após o assassinato do pai, e o ato canibal que se sucedeu para fins de incorporação do seu poder, instaura-se uma mudança nos rumos da história humana. A verdadeira autoridade, que até então regia as relações, estava morta. Entretanto, fez-se um totem para sua reverência, e instaurou-se o tabu, uma proibição, primeiro antepassado da lei, como se reconhece nos dias de hoje, agora detentora da autoridade do pai morto, pois no momento do assassinato do pai, a lei não estava instituída, ato que não pode ser considerado como um crime. Outra perspectiva, já evidenciada pelo trabalho, é a crença na alma, por meio da morte do próximo, enquanto objeto de amor. As articulações significantes vão ficando mais complexas, à medida que a organização humana também adquire sua ordem, já pelo intermédio da linguagem. É por esse caminho que o sentido começa a nascer para o humano.

2.5. Da violência à agressividade: a natureza do ato e as fronteiras do humano

A constituição do sujeito demonstra esse percurso. Todavia, o que se coloca em cena, como força motriz para a subjetividade, é a violência, representada pela pulsão de morte, que, por sua característica de satisfação parcial, através da linguagem, no estabelecimento da lei e, conseqüentemente,

do sentido, dá lugar à agressividade³¹. Ambiguidade própria à pulsão, por estar localizada na fronteira entre o psíquico e o somático. Por isso, não pode ser separada das noções relacionadas ao social e ao individual, simultaneamente. É o elemento de solda entre esses dois mundos.

Se em um tempo perdido nos primeiros passos do bebê a violência reina e, em um piscar de olhos, ao ser banhado por significantes, submetido a toda forma de inferências, disciplina e educação dada pelos pais, que essa ação possa aportar, ali, já se passa a encher seu recipiente narcísico, a instituir o seu Eu. Assim, aos poucos, do autoerotismo se passa ao narcisismo e, posteriormente, se tem a capacidade de constituir objetos e manter relações com os mesmos.

Todo esse processo é perpassado pela agressividade, e a violência, inerente ao mundo natural é perdida, ali no mesmo lugar onde se perdeu a referência isolada da necessidade. Isso não quer dizer que ainda não exerçam certa influência no sistema, porém, não são mais majoritários. O sujeito, ao articular a necessidade com demanda (de amor) e desejo, instala-se na lógica agressiva. É o que Lacan ensina da relação primeva entre violência e agressividade na dinâmica psíquica:

Para lembrar coisas de evidência primária, a violência é de fato o que há de essencial na agressão, pelo menos no plano humano. Não é a fala, é até exatamente o contrário. O que pode produzir-se numa relação inter-humana são a violência ou a fala. Se a violência distingue-se em sua essência da fala, pode colocar-se a

³¹ Para maior compreensão sobre os conceitos de agressividade e violência em psicanálise, sugere-se o artigo "Agressividade e Violência" (Ferrari, 2006).

questão de saber em que medida a violência como tal – para distingui-la do uso que fazemos do termo agressividade – pode ser recalcada, uma vez que postulamos como princípio que só pode ser recalcado, em princípio, aquilo que revela ter ingressado na estrutura da fala, isto é, a uma articulação significativa. Se o que é da ordem da agressividade chega a ser simbolizado e captado no mecanismo daquilo que é recalque, inconsciência, daquilo que é analisável, e até, de maneira geral, daquilo que é interpretável, é por intermédio do assassinato do semelhante que está latente na relação imaginária (Lacan, 1957-58/1999, p. 471).

São por esses motivos que a violência e a agressividade ocupam, na dinâmica psíquica, dois posicionamentos em relação ao real, de aproximação (violência) e distanciamento (agressividade), das quais de alguma forma estão em causa, sempre que se podem articular os conceitos de conflito, ambivalência afetiva, tensão, castração, mal-estar, trauma e angústia.

Deste modo, toda vez que ocorre a manifestação de um ato de violência existe uma desorganização subjetiva proeminente, justamente por seu efeito de rompimento com a lei promotora do pacto social. O ato não é sem sentido para o sujeito, faz referência ao objeto – como foi apontada a relação intrínseca entre subjetividade e objeto. A tentativa fracassada de obter o objeto que aplacaria a sua angústia é o que leva o sujeito à violência. Por isso, todo ato de violência tem em sua essência algum tipo de reivindicação, de angústia inerente ao mesmo. Exemplos disso são as transgressões perversas e as passagens ao ato ou crises psicóticas.

As transgressões perversas, como exemplos, o exibicionismo do órgão sexual em praça pública com o intuito de chocar; a afronta; a ameaça sutil ou evidente do olhar, do gesto; etc. aludem à disposição do objeto fálico como se fosse o próprio sujeito (identificação ao pai primevo), que identifica a tendência de um deslocamento da agressividade para a violência, onde se insere uma lógica nua e crua de ação contra a lei, de violação. Já no espaço onde se insere a passagem ao ato, tem-se a perspectiva daquilo que seja a desordem absoluta, pela caída do sujeito no real, lógica de desconhecimento da lei e, por isso, de seu efeito de organização. Nestes exemplos, expõe-se a dificuldade de lidar com o objeto do desejo, pela dificuldade de lidar com a castração, responsável pela constituição do significante organizador da representação, o falo. É ele que tem o poder de moderar a angústia, justamente por se aferrar aos ideais constituintes do sujeito na produção do significado de suas faltas (desejos).

Por sua vez, a passagem ao ato realmente representa a fronteira derrisória, onde o sujeito não é capaz de subjetivar sua energia pulsional e passa ao ato acometido por sua desorganização subjetiva momentânea, o que pode ocasionar o ato violento contra si mesmo – como o suicídio, as autoflagelações – e o próximo – como o assassinato, a agressão física ou verbal. Esse ato pode se fazer presente em qualquer das estruturas, pois o que vai trazer seu suporte é o falo; prioritariamente, ali onde os ideais constituintes – referenciais da organização subjetiva, que fazem parte da história de vida do sujeito – estão fragilizados por qualquer motivo de ameaça interna ou externa, a passagem ao ato pode surgir enquanto uma resposta desesperada, na

tentativa de mudança dessa situação. Ainda sobre a passagem ao ato, Lacan esclarece:

O momento da passagem ao ato é o do embaraço maior do sujeito, com o acréscimo comportamental da emoção como distúrbio do movimento. É então que, do lugar em que se encontra – ou seja, do lugar da cena em que, como sujeito fundamentalmente historizado, só ele pode manter-se em seu status de sujeito –, ele se precipita e despenca fora da cena (Lacan, 1962-63/2005, p. 129).

2.6. Violência em espaços públicos: o agente e a vítima

Sobre os atos de violência analisados no trabalho, eles se inserem como crimes ocorridos em espaços públicos. De acordo com o Código Penal Brasileiro, variaram entre os casos de furto (subtração, para si ou para outrem, de coisa alheia móvel, artigo 155) e roubo (subtração coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência, artigo 157). Todos dois atos estão relacionados à violação da lei e por esse fator preponderante remetem aos sujeitos inseridos na cena em questão, o agente e a vítima, a aproximação com o real – já que o encontro verdadeiro com o real seria a morte, aniquilação de toda e qualquer possibilidade de sentido.

Sobre os sujeitos da cena de violência, ainda levando em consideração o Código penal Brasileiro, há no mínimo dois, um que exerce o ato violento, o agente, e o outro que sofre a ação do ato, a vítima. A violência em si representa a submissão a uma ordem imperativa, promulgada pelo agente à vítima de forma autoritária, não mais vinculada à legitimação da lei, mas sim a um interesse individual. É vertente do discurso do mestre, em sua exigência de escravidão por meio da violência, como pode ser explanado neste trabalho ao situar o discurso fundamental à constituição do sujeito.

Em tempos remotos, a constituição do sujeito identifica precisamente quem ocupa o lugar de agente (Senhor) para que a vítima, o bebê (escravo) possa realizar a passagem do mundo natural ao cultural. Ora, não seria pela ação de um ato de violência que, principalmente, a mãe insere no corpo do filho seus significantes, quando impõe seus caprichos à significação dos atos e feições ainda desarticuladas do bebê que acabara de nascer? Todavia, este ato violento é salvaguardado pela lei social, que, a partir do Outro, introduz os ideais sociais, através da inscrição significativa. A sua autoridade é legitimada por estar em conformidade com o social.

2.7. Autoridade x Autoritarismo: consequências subjetivas

Carneiro (2009b), em seu artigo *“Culpa y Acto en la Constitución y Destitución del Sujeto”*, disserta sobre a articulação fundamental existente entre saber e autoridade. Expõe pelo menos 3 pressupostos os quais estão de acordo com o estudo ora desenvolvido: “1. que a alteridade se dimensiona no

espaço da autoridade; 2. que a autoridade se distingue de autoritarismo; 3. que o ato transgressor [ou violento] se desencadeia em função do saber.” (Carneiro, 2009b, p.91). A análise se coloca em função do essencial no poder da autoridade, a partir de Agamben (2004), com os conceitos de *auctoritas* (autoria) e *potestas* (dominação).

Enquanto o primeiro diz respeito ao poder de autoridade propriamente dita, legitimada pelas leis, ligado à justiça e ao povo, através da política, o segundo representa o poder formal da função do soberano, no sentido autoritário, relaciona-se às atividades específicas de administração de propriedades e seres humanos. As duas vertentes fazem parte do poder, porém possuem efeitos distintos ao sujeito, enquanto a *auctoritas* expõe o agente da lei, por suas ações para o povo, seu legítimo representante, a *potestas* o esconde, na formalização apenas de sua função, do cargo em exercício, sem a legitimação da lei ou da vontade do povo ligada a justiça.

Lacan afirmara que não existe a alteridade pura, justamente pela constituição do eu ser realizada como outro. Entretanto, é somente no espaço de reconhecimento da legitimidade das leis, espaço de autoridade, que o sujeito poderá originar sua alteridade. Instituir-se enquanto outro no meio de tantos outros. A presença da violência nas ações do sujeito denota que ele passa a empreender suas forças na tentativa de recuperar a sua organização perdida, sua alteridade, mediante a busca por um saber que o delimitaria.

É desse ponto chave – em mais uma perspectiva que se pode aludir – que decorre os caminhos percorridos na gênese das estruturas: neurose, perversão e psicose. A relação com a lei, em sua vertente dos ideais e do saber, já foi discutida. Resta uma maior análise sobre o que pode ser pensado

de um Outro autoritário, na perpetuação desse autoritarismo na relação com o sujeito, até um Outro que representa uma autoridade, que se coloca a partir da lei, da introdução do que se define como o Nome do Pai em Lacan.

Assim, o autoritarismo do Outro pode ser de três níveis, relacionado à castração: o nível de autoritarismo mais elevado, presente nas psicoses, o qual impede o sujeito de chegar ao processo de separação, desconhecimento da lei, ocasionando a forclusão; nível intermediário, na perversão, onde o autoritarismo se reverte no desmentido da castração, ao ser colocado no lugar de falo, por isso relutante da significação do nome do pai, pela lógica do objeto fetiche³²; e o nível mais baixo, na neurose, em que se vincula à submissão ao nome do pai, enquanto significante primordial da castração.

A articulação acima não se configura como objetivo principal deste trabalho e dá margem para outra investigação científica mais pormenorizada. O que se aproveita dela são as projeções referentes aos efeitos do autoritarismo no sujeito, presente na relação com o Outro, mas também a partir da vertente do laço social, em relação ao próximo, o que será de grande valia para as conclusões finais concernentes a este trabalho.

2.8. A experiência traumática e os tipos de violência: introdução à análise dos discursos das vítimas

Deste modo, fica confirmado que o ato de violência primordial promovido pelo Outro é fundamental às pretensões de acesso do bebê humano ao mundo

³² A referência ao objeto fetiche e sua dinâmica na perversão pode ser encontrada, de forma esclarecedora, no "Seminário 5 – as formações do inconsciente" (Lacan, 1957-58/1999, p. 238).

da linguagem. O que configura a abertura do primeiro caminho em direção ao trauma, pois, essencialmente, é nesta ocasião que, pela primeira vez, se pode fazer uso do termo traumatismo.

O trauma não se constitui *a priori*, como já foi verificado, é um efeito do traumatismo ou da experiência traumática, e por isso se diferencia desta última referência. Esta se caracteriza como sendo uma força externa que se impõe ao sujeito. Os eventos traumáticos referem-se a um processo externo de fratura, quebra ou rompimento de uma ordem estabelecida, seja ela física, como o rompimento de um osso na execução de um exercício físico de alto impacto, o soco recebido na tentativa de assalto frustrada; seja ela psíquica, como as palavras 'cortantes' de uma mãe furiosa, na lembrança infantil, a morte de um ente querido e o assédio ou ofensa ocorrida no ambiente de trabalho.

Nas duas perspectivas o que se destaca é a promoção do corpo como lugar majoritário de onde o sujeito irá sentir seus efeitos, e constituir ou reatualizar a dimensão do trauma dentro de si, o qual direcionará seus caminhos rumo à subjetivação do acontecimento - desenvolvimento já realizado no início desse capítulo.

Desta forma, a violência pode ser física (de acordo com a primeira perspectiva) e moral ou psicológica (a partir da segunda perspectiva). Tanto pelo viés do agente quanto da vítima³³ a desorganização subjetiva é eminente. Pelo agente, o movimento regressivo da libido é evidente, provém da relação com o ato transgressor ou com a passagem ao ato realizada. A lei social se enfraquece, provoca diferentes níveis de desorganização subjetiva e, por consequência, rompimento do laço social. Já pela vertente da vítima, o ato

³³ O trabalho dá preferência ao emprego dos termos agente e vítima para a distinção dos dois sujeitos envolvidos no ato violento. Essa escolha está de acordo com os desenvolvimentos teóricos até o momento realizados.

violento, enquanto experiência traumática, poderá, dependendo da história de vida do sujeito vítima em questão, do seu núcleo traumático, provocar a irrupção de uma extrema angústia.

Deste modo, a violência vivenciada em espaços públicos traz consigo o sentimento de angústia no sujeito, sugerindo uma aproximação com o real, o sem sentido, seja nas formas mais brandas de manifestação da angústia ou nas formas mais extremadas, articuladas ao núcleo traumático da vítima.

Os exemplos a seguir se colocam nas reações das vítimas ao ato violento vivenciado no espaço público de Fortaleza – principalmente nos roubos, onde o contato com o agente do ato violento ocorreu. As vítimas escutadas relataram seus sentimentos no momento do impacto da violência sofrida: “E, hoje, de certa forma, quando eu vi que a moto não estava lá, tipo assim, eu fiquei sensível de novo, eu me senti assim agredida, porque os caras se sentem no direito de chegar e apontar uma arma ou então chegar e levar o que é seu, sabe?!” (Vítima 17 - Furto). “Agora, eu venho aqui e, meio dia e pouco, me acontece isso com uma arma na cabeça, ele estourando o vidro em cima de mim! E eu, realmente, estou muito assim ... Nesse momento, eu estou chocada! Eu queria ter ... estar pensando diferente, mas eu não estou nesse momento” (Vítima 05 - Roubo). “Esse foi mais grave que o outro, os outros anteriores não conseguiram levar nada. Porque sempre aparecem pessoas, para, ficam assustados e saem. E esse foi totalmente diferente. Sempre nesses assaltos eu mantive a calma, mas [nesse] eu não tive, poderia ter anotado a placa, poderia ter.. esse agora foi muito diferente, foi com arma, e assim, exatamente por ver a arma, né, pontada pra mim...” (Vítima 09 – roubo)

Outras vítimas manifestaram suas reações de fuga e/ou contra o agente: “A minha reação é o que me choca mais, eu não tenho reação de ficar quieta [arrancou com o carro no sinal vermelho]. Foi o que fiz ontem, tomei até um calmante... não dá.” (Vítima 02 – Tentativa de Roubo). “Eu senti que eles olharam meu celular, que eles viram que tinha celular no bolso, aí me deram um soco, quando me deram um soco, muito sangue, mas muito sangue, quando eu fui caindo do soco, me sentando na calçada, aí ele já foi pegando, então ficou com uma mão na cara, outra mão assim que sangrava. [...] a primeira rua que tem na lateral do seminário é cheio de barzinho, de gente na calçada, tinha umas 80 pessoas na calçada [...]. Aí eu gritei ‘pega ladrão, pega ladrão’ e corri, corri pra vê se eles não me alcançavam, queria vê pelo menos o estrago [se as pessoas iriam correr para pegar os agentes].” (Vítima 10 – agressão física e roubo)

Porém, a calma e a sensação de impotência também se evidencia em alguns fragmentos discursivos: “aí ele veio pro outro lado aí roubou minha carteira, aliança e celular... perguntou se eu tinha carteira, aí pediu meu celular e minha carteira, aí saiu, [...] apontou assim [a arma], mas passou.” (Vítima 12 - Roubo); “Eu estava indo pro show [...] então aquele aglomerado de gente e aí, você não percebe mas, quando me assaltaram, me cercaram, uns rapazes, mas todo mundo de ‘abadá’ e ninguém percebe. [...] Situação de impotência, né, você fica totalmente a mercê num caso desse, você não poder fazer nada. [...] fica de mãos atadas nessa situação...” (Vítima 13 – roubo)

A reação ao ato violento em espaços públicos é diferente para cada vítima. Pode-se perceber na escuta, pelo menos, 3 fatores que contribuem para a forma de subjetivação do ato violento no momento do acontecimento,

apontando para os seus modos de reação à situação, os quais serão levados em consideração na análise dos discursos das vítimas. São eles: 1. A maneira como o ato violento foi exercido, nas ações do agente; 2. A posição subjetiva que a vítima ocupa, de acordo com o seu fantasma, frente ao objeto *a*, o que tem vínculo com a sua dimensão traumática, a partir de sua história de vida; 3. A impressão que a vítima possui do estabelecimento do laço social no espaço público da cidade onde ocorreu a violência. Esses referenciais se farão presentes em toda a análise posterior, do capítulo 3.

Conceber a violência como propriamente um fenômeno subjetivo diz respeito à essência do ser humano. Com o conhecimento de causa desta fundamental afirmação, o trabalho passa à análise dos discursos das vítimas, porém, antes, realizará a descrição da metodologia estabelecida, identificando os pontos-chaves para o desenvolvimento do que se pode considerar uma pesquisa a partir da escuta psicanalítica, que se diferencia da prática clínica.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DISCURSOS

3.1 A Pesquisa

A pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa, por proporcionar a valorização dos conteúdos discursivos do sujeito. O trabalho de campo foi realizado em uma delegacia de Fortaleza³⁴, a partir da observação e escuta das vítimas de violência em espaços públicos – principalmente, roubo, furto e agressão física – que foram dar entrada no Boletim de Ocorrência (B.O.). O contato com as vítimas no campo investigativo expôs uma questão prioritária, o cuidado com a forma de intervenção com sujeitos que poderiam se apresentar ainda impactados pela violência sofrida.

Deste modo, como método, elege-se a pesquisa intervenção, a qual compreende a relação entre pesquisador e pesquisado de forma participativa e não neutra, privilegiando a dimensão política do sujeito da pesquisa. Pois, a

[...] pesquisa intervenção aprofunda a ruptura com os enfoques tradicionais de pesquisa e amplia as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas, enquanto proposta de atuação transformadora da realidade sócio-política, já que propõe uma intervenção de ordem micropolítica na experiência social (Rocha & Aguiar, 2003).

³⁴ Pesquisa: “*A Imagem da Violência: causas e efeitos traumáticos em vítimas de violência em espaços públicos*”. Número de registro no COETICA: 10-020. Parecer aprovado em 25/02/2010.

Apesar de seu caráter eminentemente sociológico, esta pesquisa se utiliza do método referido seguindo a referência psicanalítica, em sua prática de extensão, fora da perspectiva clínica. Quanto à forma de intervenção da psicanálise em extensão – que caracteriza a posição tomada pelo pesquisador na escuta dos sujeitos da pesquisa – Carneiro (2010) disserta que a mesma se formaliza a partir do sofrimento psíquico, considerando a linguagem e o inconsciente, mediante um dispositivo lógico, caracterizado como corte no discurso (alusão à dimensão política do sujeito), de acordo com “uma pressuposição pautada pela metapsicologia psicanalítica” (Carneiro, 2010, p. 143).

Desta forma, os aspectos de maior proeminência considerados nesta pesquisa intervenção em psicanálise que possibilitam a transferência entre pesquisador e pesquisado são: sujeito suposto saber; verdade do sujeito; atenção flutuante; e discurso.

Todo o processo foi voltado, primeiramente, para o sujeito da pesquisa, não sendo viável o aprofundamento de questões psíquicas mais profundas, relacionadas ao seu sintoma – drama articulado ao seu núcleo traumático. Apresentando-se enquanto psicanalistas e pesquisadores de uma Universidade, abre-se a possibilidade para a constituição do *sujeito suposto saber*, pela pressuposição de saber concernente a figura do psicanalista e do pesquisador, e a partir do interesse manifestado sobre o que a vítima tem a dizer a respeito do seu estado de sofrimento psíquico.

A condição para o estabelecimento da *transferência* passa a se realizar, principalmente, pela posição enigmática e de interesse no que a vítima tem a dizer, ocupada pelo pesquisador, servindo para causar a construção de um saber sobre a violência sofrida, pertencente às cadeias de significantes que permeiam o social (dimensão política), mas que não deixam de estar relacionadas à *verdade do sujeito*³⁵ em questão, ao seu fantasma. Sobre esse aspecto de verdade e a posição do analista, Lacan (1960-61, p. 23) disserta: “Não estou ali, para o seu bem (do paciente), mas para que ele ame”. É essa questão que deve ser empreendida na pesquisa em psicanálise, não em fazer com que o sujeito da pesquisa ame, mas considerar a relação pesquisador/pesquisado, porém, primordialmente, a atenção aos preconceitos do pesquisador (seus bens) que podem influenciar as ações ou falas do pesquisado, com o interesse de confirmar seus pressupostos (hipóteses) de pesquisa. A verdade é a do sujeito da pesquisa e não a do pesquisador.

Deste modo, a própria análise do pesquisador em psicanálise se faz de grande valia para o desenvolvimento da pesquisa, principalmente de campo, pois o auxilia a ter um maior discernimento de suas próprias ações. Também corrobora para a *atenção flutuante*³⁶, que foi utilizada para efetuar os cortes ou intervenções no *discurso* do sujeito, levando em consideração o seu estado

³⁵ A verdade do sujeito se insere a partir da construção de saber realizada em análise pelo analisando, objetivando o reconhecimento de seu gozo, em direção ao desejo. Na perspectiva do laço social, da pesquisa em extensão em psicanálise, a verdade do sujeito se relaciona à construção de um saber próprio deste sobre as formas de gozo que circulam no social e que tem a ver com uma realidade encontrada na Cidade (no mundo externo). Para melhor compreensão desta questão sugere-se a leitura da obra “Seminário 8 – a transferência”, principalmente quando o autor disserta que “No laço social as opiniões não adquirem um lugar se não são comprovadas por tudo que assegure o equilíbrio da cidade...” (Lacan, 1960-61, p. 18).

³⁶ A atenção flutuante, ao discurso proferido pelo paciente, foi revelada por Freud e “consiste simplesmente em não intentar reter especialmente nada y acogerlo todo con una igual *atención flotante*. [...] evitamos un peligro inseparable de la retención voluntaria, pues en cuanto esforzamos voluntariamente la atención con una cierta intensidad comenzamos también, sin quererlo, a seleccionar el material que se nos ofrece: nos fijamos especialmente en un elemento determinado y eliminamos en cambio otro, siguiendo en esta selección nuestras esperanzas o nuestras tendencias. Y esto es precisamente lo que más debemos evitar”. (Freud, 1912, p. 1654).

emocional após a violência e a sua dimensão política, referente às construções de sentidos acerca dos laços sociais.

Um exemplo se deu quando determinada vítima (Vítimas 4 e 5 – a mulher do casal) encontrava-se em estado de choque, chorando e com as mãos trêmulas, ainda tomada pelos efeitos da violência sofrida, ao descrever a situação. A ação dos pesquisadores foi deixar que a mesma falasse a vontade sobre o que estava se passando no momento – a revolta de ter sido roubada, de forma violenta, no horário de meio dia. Quando sua fala proporcionou uma pausa, e após ser perguntada se gostaria de beber água ou de parar de falar um pouco, ao afirmar que gostaria de continuar, a intervenção veio em nome do laço social: “O que a senhora acredita que possibilita esses atos violentos? Quais são os motivos deles existirem?”

A tentativa de responder a pergunta possibilitou maior calma à vítima, à medida que a mesma continuou a refletir sobre o acontecimento, se colocando nesse momento fora da situação vivenciada e buscando razões para o ocorrido nas ideias discursivas que permeiam o social: a questão da violência proporcionada pelo uso de drogas e a falta de atenção familiar, por exemplo.

Sobre este aspecto da metodologia Besset, Cohen, Coutinho & Rubim (2007) afirmam que a pesquisa interventiva em psicanálise opera

[...] sobre o não saber instituído, em torno do vazio, sobre o qual emerge o mal-estar próprio à singularidade, tentando permitir que o gozo e os excessos depositados na linguagem possam

encontrar vias de escoamento nas falas de cada um. (Besset, Cohen, Coutinho & Rubim, 2007, p.38).

Desta forma, o trabalho incide sobre a escuta do sujeito em mal-estar diante da violência sofrida, onde a fala do mesmo foi privilegiada para a reconstrução ou afirmação de seu posicionamento subjetivo frente aos laços sociais – e não ao seu núcleo traumático, processo realizado somente em análise. Algo curioso identificado na prática, especificamente no final de suas falas, e que pode estar relacionado ao efeito em questão, é a declaração da maioria das vítimas, ao final da escuta, em estar mais “aliviada”. O processo de escuta se orientou a partir da fala da própria vítima, sendo realizadas intervenções, por parte do pesquisador, com perguntas para esclarecimentos dos temas suscitados, no intuito de possibilitar a construção de sentidos sobre a violência no laço social vivenciada nos espaços públicos.

A análise dos dados da pesquisa será fundamentada pela análise do discurso (Maingueneau, 1997), por articular linguagem e sociedade ao buscar se aproximar da contextualização ideológica em que determinado discurso é proferido, de acordo com a vivência do sujeito. Fundamento conceitual compartilhado pela pesquisa interventiva em psicanálise. Tal contextualização será empreendida através da construção de mapas de categorias, baseados nos conteúdos ideacionais, principalmente àqueles que se repetem e insistem em aparecer no discurso das vítimas, de acordo com os objetivos específicos do trabalho.

Os critérios para a escolha dos participantes da pesquisa foram: ser maior de 18 anos e ter sofrido violência (física, moral ou psicológica) em espaços públicos. A vítima de violência em espaço público compareceu à delegacia para realizar o boletim de ocorrência, foi abordada pelos pesquisadores e convidada a falar sobre sua experiência em uma sala reservada, onde foram apresentadas as imagens de violência – como instrumento desencadeador do discurso dos participantes – e realizada a escuta de suas falas, a partir do que as imagens representavam para ela. O cuidado é voltado para o estado emocional da vítima e para o seu desejo de falar sobre o que viveu.

Para maiores detalhes sobre as impressões dos pesquisadores a respeito da fala e do estado emocional de cada vítima, recorrer ao Anexo 1 – Impressões e Comentários sobre os Sujeitos da Pesquisa –, retirada da pesquisa guarda-chuva “A Imagem da Violência: causas e efeitos traumáticos em vítimas de violência em espaços públicos”.

3.2. Os Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram vítimas de violência em espaços públicos, maiores de idade, que registraram Boletim de Ocorrência (B.O.) no 2º. Distrito Policial, em Fortaleza. A situação sócio-econômica dos sujeitos contemplam os seguintes indicadores: sexo, idade, estado civil, escolaridade, profissão e renda familiar.

TABELA 1**Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa**

Nº DO SUJEITO	SEXO	IDADE	ESTADO CIVIL	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	RENDA FAMILIAR
01	Masculino	31 anos	Casado	Nível Médio	Setor de Hotelaria	De 1 a 2 salários mínimos
02	Feminino	48 anos	Casada	Nível Médio	Decoradora	A partir de 5 salários mínimos
03	Feminino	33 anos	Casada	Nível Superior	Comerciante	A partir de 5 salários mínimos
04	Feminino	59 anos	Casada	Nível Superior	Professora Aposentada	A partir de 5 salários mínimos
05	Masculino	70 anos	Casado	Nível Superior	Aposentado	A partir de 5 salários mínimos
06	Feminino	28 anos	Casada	Nível Superior	Universitária	A partir de 5 salários mínimos
07	Feminino	24 anos	Solteira	Nível Médio	Promotora de Vendas	De 1 a 2 salários mínimos
08	Masculino	21 anos	Solteiro	Nível Médio	Supervisor de campo	Não indicado
09	Feminino	23 anos	Solteira	Nível Superior	Estudante de Enfermagem	De 3 a 4 salários mínimos
10	Masculino	52 anos	Solteiro	Nível Superior	Guia de Turismo	A partir de 5 salários mínimos
11	Feminino	28 anos	Casada	Nível Superior	Arquiteta	A partir de 5 salários mínimos
12	Masculino	22 anos	Solteiro	Nível Superior	Estudante	A partir de 5 salários mínimos
13	Masculino	25 anos	Solteiro	Nível Superior	Bancário	A partir de 5 salários mínimos

14	Feminino	36 anos	Solteiro	Nível Médio	Serviços Gerais	De 1 a 2 salários mínimos
15	Feminino	60 anos	Casada	Nível Superior	Psicóloga	A partir de 5 salários mínimos
16	Feminino	41 anos	Divorciada	Nível Superior	Contabilista	De 3 a 4 salários mínimos
17	Feminino	57 anos	União Estável	Nível Superior	Empresária	A partir de 5 salários mínimos
18	Masculino	57 anos	Casado	Nível Médio	Vendedor Externo	De 1 a 2 salários mínimos
19	Masculino	28 anos	Solteiro	Nível Superior	Publicitário	De 3 a 4 salários mínimos
20	Feminino	21 anos	Solteira	Nível Superior	Estudante	A partir de 5 salários mínimos
21	Masculino	48 anos	Casado	Nível Fundamental	Serviços Gerais	Até 1 salário mínimo
22	Feminino	39 anos	Casada	Nível Fundamental	Doméstica	Até 1 salário mínimo

Fonte: Pesquisa "A Imagem da Violência: causas e efeitos traumáticos em vítimas da violência em espaços públicos". Quadro construído a partir de elementos identificados na Pesquisa de Campo.

3.3. Passos Metodológicos

I – Estudo bibliográfico sobre violência, morte, trauma, política e suas relações com as construções dos laços sociais na contemporaneidade que constituem as formas de subjetivação da vida na época atual – desenvolvimentos teóricos apresentados nos dois primeiros capítulos deste trabalho.

Descrição: realizar levantamento e estudo das obras de autores reconhecidos da psicanálise, filosofia, sociologia e teoria política que dissertam sobre o tema.

II – Contato com a Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social do Estado do Ceará.

Descrição: reunião com o secretário adjunto de Segurança Pública e, posteriormente, com o responsável geral dos delegados da Polícia Civil.

III - Reunião dos pesquisadores com os delegados de 3 (três) Distritos Policiais (DP) e o representante do Diretor Geral dos Delegados da Polícia Civil.

Descrição: apresentação do projeto, esclarecimentos gerais e indicação do 2º. DP para a realização da pesquisa, por parte dos delegados, por tratar-se de uma delegacia que funciona em regime de plantão 24hs e pelo grande volume de Boletins de Ocorrência registrados.

IV – Apresentação dos pesquisadores à equipe do 2º. DP.

Descrição: apresentação de cada departamento da delegacia, sua estrutura física e equipe profissional.

V – Escolha do espaço a ser utilizado pelos pesquisadores.

Descrição: decisão da sala do delegado de plantão, desocupada durante o dia (manhã e tarde), como espaço de escuta às vítimas. A mesma é fechada e possui ar condicionado, características fundamentais para a garantia de privacidade no desenvolvimento do trabalho de escuta das vítimas.

VI – Sensibilização das vítimas para falar sobre a violência sofrida foi realizada na sala de espera da delegacia. Início da construção do espaço para a pesquisa interventiva em psicanálise.

Descrição: abordagem à vítima, mediante apresentação do pesquisador e objetivo da pesquisa, levando em consideração seu estado emocional. Afirmção da importância da opinião do sujeito e da construção de conhecimentos sobre a violência em espaços públicos. Demonstrado o interesse da vítima, segue seu encaminhamento para a sala reservada. Início do estabelecimento da transferência de trabalho.

VII – Apresentação do termo de consentimento (Anexo 2).

Descrição: desenvolve-se o esclarecimento dos procedimentos da pesquisa. Entrega e leitura do termo de consentimento da pesquisa.

VIII – Apresentação das imagens da violência³⁷ e início da escuta.

³⁷ Foram apresentadas, 57 imagens, devidamente numeradas, por meio de computador, durante 2 minutos e 51 segundos, com intervalo de 3 segundos entre cada imagem, para que o sujeito escolhesse apenas uma que mais lhe

Descrição: Gravação de áudio das falas. Apresentação, por meio de notebook, das 57 imagens – devidamente numeradas e previamente selecionadas pelos pesquisadores na *internet*, seguindo o critério de pertinência aos pressupostos e objetivos da pesquisa – que faz referência a violência, como elemento preponderante para a geração de falas. A vítima escolhe uma imagem e justifica sua escolha, momento que dá início a reflexão sobre a violência sofrida e as relações sociais na atualidade. Consolidação da transferência de trabalho. Momento de abertura para a ressignificação da violência sofrida.

IX – Análise dos discursos coletados, discussão dos resultados e conclusão.

Descrição: Realização do agrupamento dos dados em categorias e mapas conceituais – de acordo com os objetivos específicos da pesquisa e do conteúdo discursivo que se repete na fala dos sujeitos. Analisar os discursos das vítimas de acordo com as formas de subjetivação do viver, após a violência sofrida – objetivo geral da pesquisa. Discutir os resultados com estudos afins das áreas escolhidas (psicanálise, sociologia e filosofia) e concluir, considerando o alcance dos objetivos e a realidade identificada em todo o trabalho de pesquisa

X – Comunicação para a comunidade científica:

impactasse pelo conteúdo relativo à violência. A partir da imagem indicada, propôs-se ao sujeito que justificasse sua escolha.

Descrição: defesa da dissertação de mestrado, a qual faz parte essa pesquisa, e a construção de um artigo sobre o tema.

3.4. As Imagens da Violência

As imagens (Anexo 3) foram escolhidas de acordo com os pressupostos e objetivos da pesquisa, porém com o intuito de gerar o desejo de fala nos sujeitos. Imagens de extrema violência foram descartadas e a maior ênfase estava na escolha de imagens que faziam alusão à violência, de forma indireta, exemplos: o empunhar uma arma na direção de um motorista; crianças brincando com arma; um homem com o punho cerrado enquanto puxava outro pela camisa; marcas de tiro em carros; policiais prendendo suspeitos ou bandidos; um corpo estendido no chão, ao lado de um carro da polícia; paisagem que mostra uma favela ao lado de condomínios de classe média alta; uma mão segurando dinheiro e cartões; dois jovens pichando um muro; um carro de luxo em uma rua de casas simples, etc.

A apresentação de imagens que representam a violência em espaços públicos, como também, paisagens e cenas do cotidiano de cidades urbanas foram privilegiadas e representou instrumento de grande valia para a suscitação das falas dos sujeitos.

Outro aspecto importante é a possibilidade de distanciamento deste sujeito em relação ao impacto da experiência vivenciada, propiciando um espaço de reflexão sobre a violência, na qual o mesmo pôde recuperar o seu

posicionamento ativo enquanto sujeito, na tentativa de representação do acontecimento e não mais, somente, em uma referência de vítima da situação – enquanto risco de aproximação com a dimensão traumática. Fato que corrobora para o reposicionamento subjetivo do sujeito em relação ao laço social: um dos diferenciais da técnica empreendida por esta pesquisa.

As imagens escolhidas: No total de 57 imagens, a imagem 10 (cena de roubo à mão armada no carro) foi a mais escolhida, por 6 das 22 vítimas. A imagem 16 (cena de tentativa de furto de um carro), foi escolhida por 3 vítimas. Provavelmente, as escolhas destas duas imagens estão de acordo com a experiência de violência vivida no espaço público. O curioso é que a terceira imagem mais votada, a imagem 25 (cena de dois garotos brincando com uma arma), foi escolhida por duas vítimas, trazendo uma clara relação da violência com a infância ou adolescência.

3.5. Mapa de Categorias

A construção das categorias se articula à repetição dos conteúdos ideacionais das vítimas e toma como referência os objetivos específicos do projeto de pesquisa, como já foi sublinhado. Os fragmentos discursivos destacados das falas encontram-se agrupados em 4 categorias que servirão como um percurso a seguir para se chegar ao objetivo geral do trabalho – Analisar a relação dos atos de violência sofridos em espaços públicos com as formas de subjetivação do viver na cidade de Fortaleza.

Parte-se do viés da vítima e do que ela pôde produzir de sentido para a violência sofrida para se chegar às análises dos discursos tomando como referência os conceitos já trabalhados nos capítulos anteriores e que se alinham aos objetivos específicos para apontar a posição do sujeito no laço social estabelecido nos espaços públicos da cidade de Fortaleza. Isso encontra-se em Lacan, quando afirma que “No laço social, as opiniões não adquirem um lugar se não são comprovadas por tudo que assegure o equilíbrio da cidade” (Lacan, 1960-61, p. 18).

Deste modo, as categorias estão balizadas pelos objetivos específicos, fornecendo 4 coordenadas para traçar a posição do sujeito em relação as suas formas de subjetivação do viver na Cidade de Fortaleza. A eleição dos objetivos específicos como categorias se fez importante a medida que se descortinou a possibilidade dessas coordenadas e também devido ao recorte específico desta pesquisa, já que privilegia dimensões do discurso das vítimas, oriundas da pesquisa anterior (A imagem da violência: causas e efeitos traumáticos em vítimas da violência em espaços públicos), a partir de um novo referencial.

As 4 coordenadas ou categorias são: Como lidar com o medo da morte ou da violência no cotidiano (a ameaça nos espaços públicos da cidade); Impressões das leis e das instituições, antes e depois da violência sofrida (o corpo político da cidade); Sentidos da vida em comunidade, após a violência sofrida (o laço social da cidade); e Saídas apontadas pelas vítimas para o quadro da violência instalada (a harmonia da cidade).

3.5.1. Categoria 1 - Como lidar com o medo da morte ou da violência no cotidiano

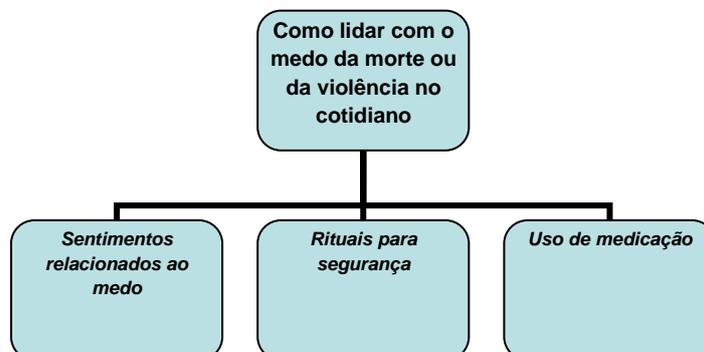


Figura 8: Mapa Conceitual da Categoria 1

O efeito do ato violento em espaço público acarreta em alguns sentimentos, pensamentos e comportamentos por parte das vítimas. A maioria aponta sentimentos relacionados a medo, insegurança, enclausuramento, desconfiança, privação, vingança, frustração, impotência; mudanças nos seus hábitos e costumes do cotidiano, com os rituais para segurança: uso de objetos de pouco valor para não chamar atenção, mudança de caminho para o trabalho, não sair de casa após certo horário, atenção ao próximo que passa pela rua, não parar no sinal vermelho tarde da noite e estacionar em local próximo e com movimentação constante; e, por fim, o uso de medicação.

O medo da morte, Freud articulou com o medo da castração ou, melhor dizendo, com a angústia de castração. Medo e angústia estão na obra freudiana de forma quase inseparáveis, como pode ser observado nesta citação:

Mantenemos, pues, nuestra hipótesis de que el miedo a morir ha de concebirse como análogo al miedo a la castración, y que la situación a la que el yo reacciona es la de ser abandonado por el super-yo protector – por los poderes del Destino –, con lo que termina la seguridad contra todos los peligros que lo rodean (Freud, 1926, p. 2858).

Os sentimentos relatados pelas vítimas trazem consigo as formas de se vivenciar a angústia, ou seus derivativos – medo, insegurança, enclausuramento, desconfiança, privação, vingança, frustração, impotência. Freud (1926) já chegava a apontar que a forma primitiva da angústia é o medo da morte. Entretanto, o perigo deste acontecimento para a espécie humana é muito mais complexo do que para os outros animais, devido à linguagem e, conseqüentemente, às formas de subjetivação que se colocam em função do que é o viver para cada sujeito.

Não por acaso as expressões são distintas, os significantes que denunciam a presença da angústia são diferentes – e se articulam com a morte, algo da ordem de uma impossibilidade, o real da experiência traumática –, o que se insere como uma tentativa de representação através dos significantes advindos da história primeva de cada sujeito, de sua relação com o Outro que o constituiu.

As ações, com fins de proteção, empreendidas para lidar com a ameaça de violência nos espaços públicos estão de acordo com os mecanismos de defesa ou a constituição de sintomas que se constituem contra a angústia. Neste caso a ameaça é externa, porém pode ser interna, advinda das

representações da relação com o Outro que não se encontram de acordo com os ideais sociais do sujeito. Nos dois casos há relação com a angústia, todavia de formas distintas: a primeira de forma mais primitiva, com a emergência de um perigo externo real e a segunda de forma mais evoluída, a partir da moral e das questões relativas ao supereu.

Vale ressaltar que a angústia representada pelos sentimentos de medo, insegurança, enclausuramento, desconfiança, privação, frustração e impotência, após o ato violento sofrido, podem se articular a manifestação dos sintomas fóbicos³⁸ (estado de angústia relacionado à presença de um objeto ou alguma situação específica que não representa perigo real) e de pânico³⁹ (crise de angústia sem relação específica com algum objeto ou situação), porém decorrentes do impacto da violência advindo de uma ameaça externa, diferentemente dos dois transtornos citados⁴⁰.

É apropriado notar a aproximação dos atos, chamados de “rituais de segurança” por uma das vítimas, com os rituais desenvolvidos pelos neuróticos obsessivos⁴¹. A culpa é elemento essencial para a análise desses casos. Assim, enquanto a ameaça é interna, com pensamentos que vão de encontro aos ideais do supereu, a culpa se coloca internalizada no próprio Eu do sujeito, contribuindo para a formação de atos repetitivos que funcionam como o pagamento de uma dívida ao Outro, pela ameaça dos pensamentos ou ações proibidas; enquanto a ameaça é externa, a culpa é externalizada, se coloca

³⁸ Ver “Obsesiones y fobias – su mecanismo de defensa y su etiología” (Freud, 1895) “Análisis de la fobia de un niño de cinco años – caso Juanito” (Freud, 1909), “Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10” (Organização Mundial de Saúde Genebra, 1993, p. 132).

³⁹ Ver “Crítica de la neurosis de angustia” (Freud, 1895) e “Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10” (Organização Mundial de Saúde Genebra, 1993, p. 137).

⁴⁰ Para a relação e a análise das manifestações patológicas da fobia e do pânico sugere-se a leitura do artigo “A Fobia e o Pânico em suas Relações com a Angústia” (Besset, Nigri e Almeida, 1999).

⁴¹ Sobre os rituais obsessivos sugere-se a leitura do texto “Los actos obsesivos y las prácticas religiosas” (Freud, 1907).

para o outro, o próximo, e os rituais também funcionam como um pagamento, porém, a uma entidade semelhante ao sujeito. Os efeitos que interessam ao trabalho estão articulados a este segundo caso.

Ocorre que se o Outro está associado à dimensão simbólica, o outro se associa à dimensão imaginária, e é nesse interstício que reside a problemática da justiça. Enquanto a relação com o outro já se pressupõe semelhança, igualdade, rivalidade, proveniente da relação imaginária, encontrada no Eu Ideal, a relação com o Outro possui a peculiaridade de uma subserviência a uma entidade maior (Deus, Pai, presidente, professor, etc.), representada pelas leis que compõe o social, relacionadas ao Ideal do Eu. Se o outro impõe a sua vontade, sem estar revestido de uma autoridade⁴², o sentimento de injustiça, revolta e vingança pode se fazer presente, assim, é o autoritarismo que comparece à cena pública. Quando, previamente, em nome do social, a autoridade de um outro se manifesta em suas ações, representando alguma das entidades do Outro no social, abre maior possibilidade para que o sentimento de justiça compareça⁴³.

No caso da violência vivenciada em espaços públicos na cidade de Fortaleza, o outro deste espaço passa a ser a ameaça, o culpado – do possível ato violento que ainda não ocorreu e que se encontra inscrito pela experiência traumática no pensamento da vítima – do qual o sujeito tenta se defender. Comparece, no conteúdo ideacional do discurso das vítimas, uma espécie de prevenção do contato com o outro do espaço público, não só provocado pelos

⁴² Ver as distinções entre os conceitos de autoridade e autoritarismo no subtítulo 2.5 deste trabalho “Autoridade x Autoritarismo: consequências subjetivas” (página 58).

⁴³ O conhecimento psicanalítico demonstrou que, considerando a natureza pulsional humana, mesmo um ato concebido como justo, de acordo com os preceitos e ideais sociais comuns, realizado por uma autoridade, pode ser considerado injusto por aquele que deve reprimir certas tendências pulsionais que lhe são caras. Mas isso não impede a análise do fundamento de uma ação baseada em uma autoridade legítima, que diz respeito à organização da vida em comunidade.

efeitos do sistema capitalista – como foi indicado por Arendt (1958) e o que comparece em alguns discursos das vítimas –, mas pela experiência traumática relativa ao ato violento vivenciado.

A tentativa de caracterização desse outro, o agente do ato violento, passa a ser realizada pela vítima, o que pode ser comprovado quando os fragmentos discursivos apontam para ideias que permeiam o social, tais como: quem pratica o roubo é pobre, se veste mal, ou é viciado em drogas. Razões pelas quais muitas vítimas apontaram como a causa da violência estabelecida⁴⁴.

Porém, a dificuldade de tal caracterização se demonstra quando o agente não apresenta tais características, está bem vestido ou não dá sinais de ser um drogado. O agente passa a ser qualquer um que esteja imerso no espaço público. A ameaça pode vir de todos os lados. A atenção ao que transcorre nos espaços públicos é constante, principalmente após a violência sofrida. Assim, pode-se estabelecer também uma aproximação com o sintoma paranóico⁴⁵, que passa a se colocar na cena pública, motivada por uma experiência traumática anterior e, principalmente, pela indefinição do agente da violência.

Na paranóia, o mecanismo de projeção é privilegiado na formação dos sintomas, a partir de seu delírio. A auto-recriminação do Eu, característica do Supereu, se manifesta através da projeção no outro, assim, aquilo que é recriminado pelo Supereu está contido no outro, e não no Eu do sujeito

⁴⁴ Ver em “A imagem da violência: causas e efeitos traumáticos em vítimas de violência em espaços públicos”, dissertação de mestrado defendida por Arminda Guimarães, PPG de Psicologia – UNIFOR.

⁴⁵ Para maior esclarecimento sobre a paranóia, recorrer as obras “Observaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranóia – Caso Schreber” (Freud, 1911) e “Seminário III – as psicoses” (Lacan, 1955-56).

paranóico, mesmo sem algum fato que o comprove em realidade, está apenas presente no seu delírio.

A culpa está situada no outro, lugar de onde provém o medo do perigo, das invasões, das tentativas de assassinato, etc. As vítimas, em seus discursos, demonstram esse medo antes e depois de adentrarem nos espaços públicos, algumas de forma mais forte e incisiva, outras de forma mais moderada, porém o que pode se associar ao pensamento paranóico é o caráter generalista do possível agente, pois “a violência não tem cara” (Vítima - 08).

A última das formas de lidar com a violência em espaços públicos é através do uso de medicação, de ansiolítico, para aplacar a angústia após a violência sofrida. Nesse caso (Vítima 02), o que fica claro é que há um nível mais extremo de angústia, invasão do real, provocado principalmente pela presença da filha na cena, ou seja, a ameaça de perder a sua posição de mãe. Em alguns casos a angústia pode se tornar maior do que seria em outros, as possibilidades podem ser exemplificadas de forma a relacionar a posição do sujeito em questão: a presença de algum ente querido, a ameaça da perda de uma perna para um jogador de futebol, ou de levar um tiro na mão para um pianista, etc. Todos estes casos são hipotéticos, porém já demonstram a importância subjetiva que esses objetos, ameaçados pela ação do agente, possuem para a vítima em questão.

Tabela 2

Fragmentos discursivos da categoria 1

Categoria 1

Como lidar com o medo da morte ou da violência no cotidiano	
Vítima Nº	Fragmentos Discursivos das Vítimas
01	<p>- [...] você fica se controlando para não ter que entrar em desespero, [...], tem que <u>manter a calma</u> [...] pensar como é que vai fazer para conseguir o teu bem de novo. [...] hoje eu vou ter que fazer, comprar outro carro e me endividar novamente.</p> <p>- Bom, meu carro, raramente, eu deixo ele lá longe...</p> <p>- Agora o que eu faço para não ser vítima da violência: eu <u>tento me resguardar o máximo possível</u> [...] Eu sei que tentar não parar no sinal no horário após 22hs, você evita estacionar em lugares muito esquisitos, você evita andar com objeto de valor, eu não ando com objeto de valor, mas mesmo assim você continua sendo vítima desse caos, dessa violência, então, eu não sei nem o que fazer mais.</p> <p>- [...] Hoje eu me sinto enclausurado pela violência. Eu não tenho os mesmos hábitos de quando eu era solteiro [...], mas eu resguardo a minha família pra que ela não seja vítima da violência, eu procuro chegar cedo em casa [...].</p> <p>- Eu ando na rua, mas eu sei que a qualquer momento eu posso ser vítima da violência. Eu já <u>vou preparado</u>, é por isso que eu acho que recebi a situação já muito tranquilamente. O pessoal fala assim “Ah! Mas roubaram teu carro e tu tá aí tranquilo” Sim, eu vou me desesperar, eu vou me descabelar, vou chorar?! Vou não, vou continuar trabalhando. O que que eu posso fazer?</p> <p>- Então é complicado, é uma situação que a gente não sabe [...] o que vai acontecer.</p>
02	<p>- Ontem, eu tava andando com a minha filha [...] que eu tive que <u>tomar um calmante</u>. E eu fico sempre <u>antenada</u>, por conta dessas coisas, no sinal vermelho é sempre olhando onde é que tem gente que possa vir, porque eles vêm do nada.</p>
03	<p>- Antes, eu não me preocupava com nada, saía de casa 10/11 horas da noite. Agora, eu não saio mais neste horário, não saio mais só. Você fica com medo, você pensa 10 vezes antes de sair. [...] você <u>fica mais atento</u> depois que você é assaltado.</p> <p>- [...] Antes eu nem pensava nisso e hoje, eu fico com medo de sair. Mudou que agora vivo com medo.</p> <p>- Eu não quero passar por isso de novo, <u>o que eu tiver de fazer para evitar, vou fazer</u>.</p> <p>- Mas assim depois do assalto, fiquei com medo, olho pra um lado e pro outro. [...] Eu fiquei com medo de morrer.</p>
05	<p>- Eu só quero é <u>ficar dentro do meu apartamento</u> mesmo e acabou...</p>

06	<p>- O que eu vejo de Fortaleza hoje é medo. Não tenho paz, você não tem mais liberdade hoje. Você <u>fica trancafiado em casa</u>.</p> <p>- Você fica assustada, <u>desconfia de todo mundo</u>. Todo mundo pode ser ladrão. Eu não gosto de julgar ninguém. Mas você fica com medo daquele que está ao seu lado. Foi muito difícil voltar a andar de ônibus.</p>
07	<p>- A violência está tão assim que por outro lado <u>as pessoas não tem mais confiança no outro por que podem ser enganadas</u>. (...). Hoje em dia as pessoas não são mais seres humanos como antigamente. Sinceramente a insegurança aumentou muito.</p> <p>- Eu não tinha medo. Ia pro meio da rua para brincar. Hoje em dia eu <u>não deixo a minha filha ir no meio da rua para brincar</u>. Hoje em dia é pedófilo, assalto, roubo... Mudou muito.</p> <p>- <u>Na minha casa é tudo trancado</u>, são várias grades, tudo preso.</p> <p>- Você não sabe se volta do trabalho. Hoje em dia eu até <u>evito sair com a minha filha (5 anos) sozinha</u>. Porque eu sei que sou tão frágil quanto ela pra assaltante. Por medo mesmo, por <u>receio</u>. A gente não quer ver nada acontecendo com os nossos filhos. É um medo que eu trago pra mim, porque eu <u>prefiro ter ele (o medo)</u>.</p> <p>- <u>Guardo o dinheiro dentro das minhas calcinhas</u>.</p> <p>- O meu marido me deu um celular mas <u>eu não uso</u>, eu uso esse aqui, porque eu sei que se roubarem não vai me doer tanto, não vai me causar tanto prejuízo.</p> <p>- A gente <u>cria um ritual de segurança pra gente mesmo</u>.</p> <p>- A empresa fez um abaixo assinado para que pudesse colocar um caixa eletrônico dentro da empresa, para a segurança dos funcionários.</p> <p>- Você tem medo. E hoje em dia você não tem só <u>medo das pessoas mal vestidas não...</u> e as outras pessoas que estão bem vestidas e colocam uma arma na tua cabeça?.</p> <p>- Se existe mais dinheiro também <u>aumentam (os muros)</u>.</p>
08	<p>- A gente anda meio inseguro né, fica assustado. Às vezes eu tenho ate um pressentimento ruim assim. Eu <u>vejo uma pessoa estranha e fico logo cismado</u>. Porque na verdade a <u>violência não tem cara</u>.</p> <p>- A violência não tá de brincadeira. <u>Não vou ao banco a noite, prefiro até arriscar a fazer um pagamento ou uma transferência pela internet</u> do que sair à noite ao banco é muito perigoso.</p> <p>- Eu mesmo tenho muito medo de sair à noite (...). Eu <u>fico evitando (...) de sair pra algum lugar que eu não conheço sozinho</u>.</p> <p>- A gente fica com trauma né, fica muito assustado. A gente vê na televisão, na mídia e nunca pensa que vai acontecer com a gente. E quando</p>

	<i>acontece a gente sempre <u>fica atento a tudo</u>, eu mesmo ando assustado.</i>
09	<p>- <i>Tu sabe que a primeira coisa que eu penso é na violência, nos ladrões (...). <u>Eu vou sair e já penso em como não chamar atenção</u>. Infelizmente a gente tem que <u>se privar de algumas coisas</u> porque a violência tá aí.</i></p> <p>- <i><u>Passava uma bicicleta por mim eu ficava toda aperriada</u>.</i></p> <p>- <i><u>Ficar mais atenta, mais maliciosa nas coisas</u>. Depois desse segundo assalto, eu <u>mudei totalmente o meu percurso</u>, vou por outro mais longo, pra não pegar o mesmo caminho, aquele mesmo ponto de ônibus. E aí é chato, você fica com trauma né. Eu tenho trauma até hoje.</i></p>
10	- <i>Só fiquei triste, teve problema financeiro e problema psicológico, agora <u>eu não saio à noite</u>, isso eu nunca fazia, então raramente eu saio à noite, e eu tenho medo [...].</i>
11	<p>- <i>[me sinto] desprotegida. Hoje em dia você <u>não pode mais ir a lugar nenhum a pé</u>, tem que <u>tomar muito cuidado pra qualquer lugar público</u> [...] até entrar e sair do carro [...] também é perigoso, você <u>não pode mais tá estacionando em qualquer lugar</u>, tem que tomar cuidado; sair à noite tudo hoje em dia é perigoso, você tá com muito medo.</i></p> <p>- <i>Eu morei a vida inteira em casa, então, antes <u>não tinha nada na minha casa hoje em dia tem sensores, depois botou a cerca elétrica, depois botou câmera, então você tem que viver, você acaba perdendo o pouco da sua privacidade, também</u>.</i></p> <p>- <i>Você vê até as pessoas que tem muito dinheiro, tem muita gente aqui em Fortaleza andando com <u>carro blindado e com um segurança (particular)</u>, inclusive o meu marido tem um carro blindado.</i></p> <p>- <i>(por falta de segurança) <u>se deixa de fazer algumas coisas que poderia fazer, não tem tanta liberdade de fazer o que quer, você acaba deixando de viver um pouco certas coisas</u>.</i></p>
12	- <i>É chato, incômodo, mas <u>acontece</u>, em todo país tem isso.</i>
13	- <i>[...] <u>se priva de ter coisas boas</u> já pensando na violência se você minimizar a raiva que você vai ter lá na frente, então você já vai num show (sem levar nada).</i>
14	- <i><u>Aonde eu saio é olhando pra trás</u>, vendo se tem alguém, a gente fica até assim desnorçada. Me sinto insegura.</i>
17	- <i>Eu comecei a <u>assistir 'Barra Pesada' (programa de noticiário policial)</u>. Hoje, eu, de vez em quando, ainda assisto com alguma <u>esperança de ver os caras presos</u>. Aí, vi. (referência ao assaltante que foi solto) desde</i>

	<p>uns três meses, eu vivo em pânico de novo.</p> <p>- Eu tive que me <u>sedar por causa do pânico</u> e hoje minha moto foi roubada, eu fiquei mais sobressaltada ainda. Eu passei uns 3 meses tomando remédio, eu fiquei sem dormir.</p> <p>- Eu não gosto de andar à noite.</p> <p>- E como conseqüência, eu fiquei fã daquele programa da TV Diário que passa às 6 horas, fã eu digo assim porque <u>eu queria ver os bandidos que me assaltaram</u> e eu ligava a TV para assistir e ficou automático. Porque eu acho que é um programa pra ignorante, [...] entre ver novela e ver o “190”, <u>eu quero ver bandido preso, quero ver bandido morto, eu quero ver bandido se ferrando.</u></p>
18	<p>- Agora, depois que eu passei por isso, eu fico <u>pensando duas vezes em continuar trabalhando de moto</u>, porque se aconteceu a primeira agora pode acontecer outra depois.</p>
19	<p>- Eu acho que a mudança que você tem é só de <u>ficar mais atento</u>. Você fica sempre <u>tenso</u>. A sensação que eu tenho é de me sentir refém de tudo isso aí, entendeu? É a sensação de frustração, de impotência.</p>
20	<p>- Quando eu saio de casa eu <u>tomo algumas providências pra não ser assaltada</u>.</p>
21	<p>- Lá é todo mundo no cadeado, <u>todo mundo é trancado...</u></p>
22	<p>- (Dezenove anos atrás) a gente ficava na calçada até 10h da noite, hoje em dia ninguém fica mais. <u>Dá 11h não tem mais ninguém na rua</u>, minha filha diz “ah! Mãe, tá cedo, 11h. Que cedo!”</p>

3.5.2. Categoria 2 – Impressões das leis e das instituições, antes e depois da violência sofrida

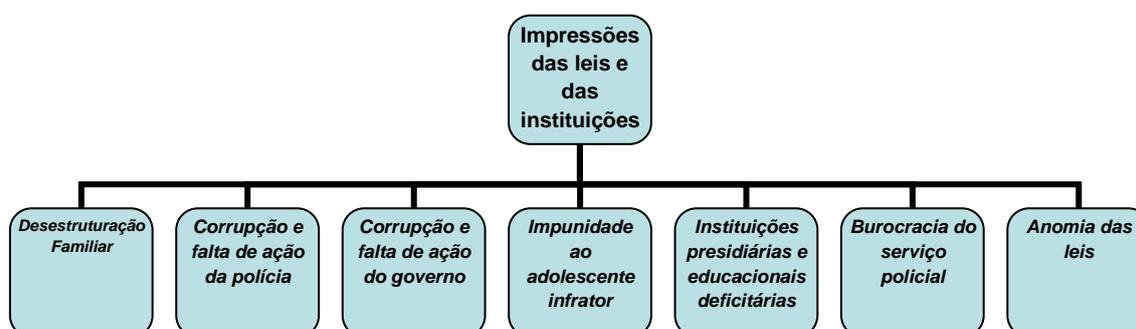


Figura 9: Mapa Conceitual da Categoria 2

Como na categoria anterior, os conteúdos ideológicos dos discursos das vítimas encontram-se aqui elencados em ordem de importância, de acordo com a quantidade de aparição nas falas. São eles: desestruturação familiar; corrupção e falta de ação da polícia; corrupção e falta de ação do governo; Impunidade ao adolescente infrator; Instituições presidiárias e educacionais deficitárias; burocracia do serviço policial; anomia das leis.

Vale ressaltar que no “Capítulo 1 – Do sujeito ao laço social: o corpo político contemporâneo” os conceitos de lei, para a psicanálise e para o direito, foram trabalhados com a descrição do desenvolvimento subjetivo do homem e da constituição do corpo político do Estado. Nesta categoria, as leis identificadas pelas vítimas de violência em espaços públicos dizem respeito às regras e às leis presentes no social, a partir do corpo político do Estado. Isso não compromete uma análise de acordo com os dois referenciais (Psicanálise e Direito). Entretanto, devido à área de concentração desta pesquisa, o primeiro será privilegiado.

O conceito de instituição segue a mesma perspectiva. Ora, a linguagem se configura como referência essencial, constitui a lei tanto para a psicanálise quanto para o direito. Ela se estabelece como a instituição humana por excelência (Berger & Berger, 1977). A apresentação da importância da linguagem para a subjetividade e, conseqüentemente, para a composição de toda a vida humana, se articula com a construção do saber. O saber está em causa na lei subjetiva e jurídica⁴⁶. E é com ele que a vítima joga – constrói, desconstrói e articula com as cadeias significantes que permeiam o social, em

⁴⁶ Ver “Seminário 7 – a ética da psicanálise” (Lacan, 1959-60)

suas formas ideológicas – para manifestar as suas impressões sobre o fenômeno social, nesse caso, indicado pelo estado de suas leis e instituições.

A desorganização familiar comparece com mais ênfase nos discursos das vítimas. Elas demonstram ter o discernimento de que é nos complexos familiares que se instaura a trama (ou o drama⁴⁷) do sujeito. A família desempenha papel primordial na transmissão da cultura através de seus complexos, em seus três personagens principais: pai, mãe e filho – e ainda, um quarto, na figura fraternal do irmão – representados no complexo de Édipo. Por isso, Lacan expõe que a família

preside os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico, preside essa organização das emoções segundo tipos condicionados pelo meio ambiente, que é a base dos sentimentos, segundo Shand; mais amplamente, ela transmite estruturas de comportamento e de representação cujo jogo ultrapassa os limites da consciência.” (Lacan, 1984, p. 13)

Assim, em todo o momento da constituição do sujeito entra em cena a família, como a instituição social mediadora da assunção do sujeito ao mundo da cultura e da linguagem. É ela que irá propiciar ao sujeito os mecanismos psíquicos necessários ao seu desenvolvimento. Mecanismos estes já explicitados aqui, que surgem nas identificações com o desejo materno e na posterior identificação simbólica ao pai (Nome-do-Pai).

⁴⁷ Ver a história desse drama em “Romances Familiares” (Freud, 1908).

Segundo os fragmentos discursivos, a desestruturação familiar⁴⁸ decorre de pais que não dão atenção aos filhos – já que a maioria dos crimes foi praticada por jovens ou adolescentes –, que batem, não educam e nem cobram responsabilidade dos mesmos, fazendo com que esses permaneçam à deriva na sociedade de consumo. Essa desestrutura é relacionada à constituição de um sujeito sem referenciais sociais, sem ideais, um possível usuário de droga e/ou infrator das leis: agente de violência.

A polícia é a instituição responsável pela garantia da ordem social e soberania do Estado (Engels, 1884). Faz parte de um dos aparelhos que compõem a segurança pública. Por isso, o policial se torna o agente da lei no espaço público. Aquele que está autorizado a exercer a força (ou violência) em caso de desrespeito as leis do convívio social. A descrença na idoneidade do policial e sua falta de ação (corrupção e falta de ação da polícia) foi o segundo maior conteúdo ideológico presente nos discursos relativos a essa categoria. A garantia da ordem é um dos bens provenientes do pacto social. Porém, como obter essa garantia se o cidadão não pode confiar em seus agentes da lei?

Como agente da lei, o policial representa o desejo do Estado, em sua função soberana. As impressões são descritas a partir do contato com os policiais, realizado após o ato violento sofrido, com ações suspeitas, que sugerem corrupção. A polícia, e o Estado, por consequência, são levados ao descrédito. Suas leis para assegurar a segurança pública não são cumpridas como deveria, fugindo também – como o próprio ato violento em espaço público – da ordem social. Não é à toa que as vítimas, em alguns casos, se

⁴⁸ A obra “A Família em Desordem” (Roudinesco, 2003) contribui para a compreensão da dinâmica familiar na contemporaneidade.

sentem “agredidas” ao perceber as ações suspeitas de corrupção dos policiais ou quando escutam do delegado ou policial: “eu não posso fazer nada”. O sentimento aqui associado a essas questões é de revolta.

Seguindo por esse sentimento de revolta, outra vertente ideológica é apontada pelas vítimas quando dissertam sobre a corrupção e a falta de ação, agora, associada ao governo. Falam dos escândalos de desvios públicos e da escassez de atividade dos governantes em relação à problemática da violência na cidade, onde a maioria acredita que os índices estão aumentando. Fatores como a falta de condições de trabalho para a polícia e de mais policiais nas ruas foram citados e estão diretamente relacionados com a forma de administração da cidade de Fortaleza – as quais as vítimas se referem, principalmente, às ações políticas, praticadas pelo legislativo e executivo.

A Impunidade ao adolescente infrator foi mais um fator indicado pelas vítimas. A maioria que mencionou este elemento acredita na possibilidade de reduzir a violência realizando a mudança da maioridade de 18 anos para menos, porque acredita que os menores de idade se beneficiam do conhecimento da lei, por não poderem ser presos, e assim praticam crimes sem o receio da prisão. Não têm uma punição justa pelo ato que cometeu, não há consequências para os adolescentes infratores, é essa a idéia nessas falas, o que ainda transparece o sentimento de revolta ou indignação.

Essa lógica se choca com as leis que compõem o próprio Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que prevê medidas sócio-educativas (Art. 112) que variam de advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviço à comunidade, liberdade assistida, inserção de regime semi liberdade,

até a internação em estabelecimento educacional. A dúvida que permanece é se realmente essas medidas estão sendo aplicadas de forma devida pelas autoridades responsáveis.

As instituições presidiárias e educacionais deficitárias comparecem nos discursos, porém o contexto desta proposição se articula com conteúdos ideológicos anteriores ao ato violento sofrido. As impressões das vítimas expressam uma visão dessas instituições preconcebida, provinda de discursos que permeiam o social, – como a falta de qualificação dos professores e verba para investimento na educação – não relacionada diretamente aos eventos da experiência traumática, mas que influencia, como a problemática da desestruturação familiar, na constituição de sujeitos carentes de ideais sociais, caracterizando-os como possíveis agentes da violência.

O próximo conteúdo ideológico, burocracia do serviço policial, pinçado nos discursos, reflete o drama sofrido pelas vítimas após a violência em espaço público, quando as mesmas procuraram realizar os procedimentos necessários para o informe dos fatos acontecidos, principalmente, no momento do preenchimento do Boletim de Ocorrência (B.O.). Uma vítima descreve as palavras de uma autoridade policial no momento da queixa de um roubo: “Eu não posso fazer nada”; outra relata a demora e confusão do sistema de informação da polícia após declarar o furto do seu carro (há dois dias) com o intuito de encontrar o seu paradeiro. A responsabilidade pelos procedimentos públicos fica posta em suspensão devido à complexa rede de armazenamento de dados que compõem as instituições atuais.

O tema da burocracia foi debatido amplamente por Arendt, no fim da década de 50, como um dos efeitos das relações de poder na modernidade. Já naquela época a autora demonstra com preocupação suas consequências:

Hoje, devemos acrescentar a mais nova e talvez a mais formidável forma desse domínio: a burocracia ou o domínio de um intrincado sistema de órgãos no qual homem algum pode ser tido como responsável, e que poderia ser chamado com muita propriedade o domínio de Ninguém. Se, de acordo com o pensamento político, identificarmos a tirania como um tipo de governo que não responde por seus próprios atos, o domínio de Ninguém é claramente o mais tirânico de todos, uma vez que não existe alguém a quem se possa solicitar que preste conta por aquilo que está sendo feito. E esse estado de coisas tornando impossível a localização da responsabilidade e a identificação do inimigo, que figura entre as mais potentes causas da inquietação rebelde que reina em todo o mundo, de sua natureza caótica, e de sua perigosa tendência a descontrolar-se. (Arendt, 1958, p. 24)

Esta questão da dificuldade de localização da responsabilidade foi assinalada no final do capítulo 1, nos desenvolvimentos relacionados à tendência da biologização da vida, inserida nos sistemas de governos

modernos capitalistas. Tendência da qual, mais tarde, fará com que Foucault (1979) constitua o conceito de biopoder, assunto também já exposto.

A última categoria, *anomia das leis*, é uma idéia atravessada pelos discursos quando as vítimas falam sobre as ações indevidas dos agentes públicos, se referindo tanto à corrupção como à falta de ação da polícia e do governo, e quando relatam as ações incoerentes da justiça, relativas à impunidade, sugerindo privilégios aos cidadãos detentores de mais posses ou políticos que compõem o governo.

O conceito de anomia foi introduzido por Durkheim (1897) e alude às transformações do mundo moderno e seus efeitos na subjetividade. Diz respeito à queda de valores sociais deflagrada por leis que não funcionam na prática de forma harmônica com o seu princípio; onde o saber, provindo das crenças, valores e costumes culturais se desvinculam, retirando o sentido, da lei no social.

Essa vacilação da lei também foi apontada por Agamben (2004), quando a relaciona ao estado de exceção, afirmando que este passa a ser o paradigma de governo das democracias atuais. O autor revela em sua obra “Homo Sacer” (2002) a influência do biopoder nos sujeitos, exercido pelos governos democráticos ocidentais, através do cuidado da vida natural e das tecnologias do eu, seguindo os preceitos de Foucault. Desse controle, surgem formas de dominação das relações sociais, marcadas, hoje, pelo estado de exceção. Sob a desculpa da realização de um bem à nação – que pode ser justificada cientificamente – uma série de medidas e regras extrajudiciais pode ser

proclamada pelo governo de um país⁴⁹. Regras estas – tanto no seu julgamento, como são os casos citados de impunidade pelas vítimas, como na forma como são concebidas⁵⁰ – que deixam transparecer para a sociedade o declínio da força das leis, o que caracteriza a anomia e a passagem do estado de direito para o estado de exceção.

Seguindo a lógica dos autores citados, a vida se encontra reduzida a um corpo biológico, conduzida pelo saber biomédico, nos caminhos do conhecimento científico. A lei sai de sua base nos valores, costumes e crenças, pertencentes à cultura de um povo, para se fundamentar na ciência, no corpo do homem biológico. Um homem sem o poder de fala, ou de desejo, – como Lacan o apreendeu nos efeitos de rechaço da dimensão amorosa, produzidos pelo discurso capitalista. Um homem apolítico por natureza.

Nesse ponto, abrem-se perspectivas que apontam para a importância deste trabalho e, principalmente, de sua técnica de pesquisa intervenção em psicanálise. Assunto que será retomado nas considerações finais.

Tabela 3

Fragmentos discursivos da Categoria 2

<p>Categoria 2</p> <p>Impressões das leis e das instituições, antes e depois da violência sofrida</p>

⁴⁹ Exemplos são demonstrados relativos ao governo totalitário Alemão Nazista na 2ª Guerra Mundial e ao governo democrático dos Estados Unidos na Guerra do Iraque (Agamben, 2004).

⁵⁰ A ciência parece exercer muito mais influência na vida do cidadão do que se realmente pode perceber, não só a biologia tem atualmente esse poder, mas a história, sociologia, antropologia, psicologia e etc. também possuem. Exemplos disso são os casos em que a criação de leis ou projetos sociais é posta em dúvida, devido à interesses duvidosos ao bem comum e fins eleitoreiros, que se colocam principalmente nas políticas públicas, como o Sistema de Cotas Raciais nas Universidades Públicas Brasileiras – ver artigo “Política de cotas raciais, os ‘olhos da sociedade’ e os usos da antropologia: o caso do vestibular da Universidade de Brasília (UnB)” (Maio & Santos, 2005) e a implantação e emancipação do projeto Fome Zero no país – ver dissertação “Responsabilidade Social - visão e intermediação da mídia no público e privado” (Cruz, 2006).

Vítima Nº	Fragmentos Discursivos das Vítimas
01	<p>- <u>Você é um trabalhador que paga seus impostos em dia. (Ter) um bem seu violado é difícil, né, você fica sem saber o que fazer, a quem recorrer. Porque vai na delegacia e faz o famoso Boletim de Otário, como o pessoal diz no ditado popular e isso não vai te resguardar em nada, não vai te garantir em nada, que vão encontrar teu carro ou de que a polícia tá se empenhando em encontrar o teu bem, entendeu?</u></p> <p>- <u>E como garantir que o teu carro vai ser encontrado, que a polícia tá atrás, se eu não ficar insistindo em ligar pro CIOPS, pro CIOPS ficar acionando novamente... eu não vou ter garantia nenhuma.</u></p> <p>- <u>Então eu acionei o Ronda , o Ronda veio rápido, mas (...) não fez nada.</u></p> <p>- <u>Será que por mais que o governo, o estado esteja investindo em segurança e a gente tá investindo em uma coisa que já tava sucateada há muito tempo, então, demanda tempo pra que ele organize aqui. Hoje, chegar pra registrar um B.O. vai levar até quarta-feira pro B.O. que eu fiz sexta-feira pra levar pro sistema do CIOPS.</u></p> <p>- <u>É, do sistema em si [...], de segurança, saúde, enfim... ele tá aparelhando, o estado, com o melhor que ele pode, mas ele também não vai ter garantia nenhuma de que vai dar tudo certo [...]</u></p>
02	<p>- <u>Acho que a maioria teria que ser 12 anos.</u></p> <p>- <u>Eu acho que Fortaleza hoje não tem controle nenhum de polícia, de segurança, não tem segurança nenhuma, você sai do prédio da sua casa e hoje em dia tá sendo assaltado.</u></p> <p>- <u>É só pedindo proteção mesmo (à Deus), porque do governo, porque eles (os policiais) sabem onde é o ponto que tem ladrão, sabem onde é que tem o ponto de assalto, eles sabem onde é que vende a droga, sabem onde é que recebe a droga, a polícia sabe de tudo e não faz nada.</u></p> <p>- <u>Então eu acho que se tivesse mais um controle assim e os pais pudessem cuidar melhor dos filhos, dá mais atenção [...].</u></p> <p>- <u>Todo mundo... fala a mesma coisa, que são assaltados nos mesmos cantos e não resolve. Quer dizer, o B.O. mesmo é um ponto de referência para a polícia, as autoridades saberem onde tem um canto que... vai lá, não!.</u></p> <p>- <u>O presidente do superior tribunal foi roubado na beira-mar, só não foi mesmo porque o segurança dele tacou um tiro na perna do bandido... quer dizer..onde é que a gente tá?</u></p>
03	<p>- <u>Assaltantes que me assaltaram eram de menores. Então a lei tem que mudar também, porque não acontece nada com eles, eles ficam presos; não sei nem se prendem. Então cada vez mais, eles matam as pessoas, porque não acontece nada com eles.</u></p>

	<p>- Os pais cobrarem, porque tem muitos <u>pais ausentes</u>, sabe?</p>
04	<p>- Principalmente porque <u>o governo público não tá dando assistência</u>.</p> <p>- No consumo do crack que é violentíssimo, a pessoa – o viciado – ele só é amparado se ele quiser ser amparado, caso contrário, <u>o poder público não assume levar a pessoa e levar pra uma instituição</u>. Quem é que vai?</p> <p>- o poder público tinha que assumir, eu acho que é até o objetivo de vários projetos de o poder público assumir mesmo que a pessoa não queira ser tratada, ser internada, ele não quer nada. Essa aí é uma pressão que não tem como parar. Por isso, eu acho que <u>o poder público tem que assumir essas coisas</u>.</p>
05	<p>- porque eu também sou da educação e eu canso de ver: o pessoal apresenta os trabalhos e fica ali, você chega a suas conclusões, mas ninguém ... <u>as políticas não agem com aquilo ali (conhecimento científico de pesquisas)</u>. E tá tomando um rumo que não tem mais... o país tá tomando um rumo que não tem mais, poxa vida!</p> <p>- Primeiro, eu acho que <u>as famílias tem que ser amparadas melhor, começa pela família</u> e isso como válvula de escape [as drogas].</p> <p>- Tudo se resume no poder público. Tem que tratar o problema.</p>
06	<p>- <u>Na prática o Estado não tem funcionado</u>. Essa organização toda que era pra existir não existe. Mas a gente tem que fazer de conta [...] porque as coisas não funcionam como deveriam.</p> <p>- Acho que o problema é do governo. Olha o estado dessa delegacia, olha a escola pública como estão hoje em dia... Quer lugar melhor para ter marginais, ou crime?! <u>A educação está falha. A questão é que não tem acompanhamento da família, um planejamento familiar do governo</u>. [...] O Estado não exerce o seu papel.</p> <p>- Ele já vive (o agente da violência) na vida de crime, <u>ele já está à margem da sociedade</u>, ele não teve oportunidades, não sabe o que é isso.</p> <p>- Ainda mais com a <u>instituição presidiária que temos que o torna mais violento e forma mais pessoas para o crime</u>, ela sai de lá com mais conhecimento no crime. A pessoa sai pior do que ela entrou.</p> <p>- Eu atribuo à necessidade que ele tem de viver na sociedade. Ele tem que se submeter às regras da sociedade. <u>Ele quer atingir um objetivo que a sociedade não deu oportunidade para ele ter [...]</u></p>
07	<p>- Pra mim hoje em dia, você <u>não tem mais segurança nos policiais</u>.</p> <p>- <u>Se a vida tivesse valor para os governantes, eles já teriam feito</u>. Porque tráfico de drogas quando querem pegar, mas quando não querem deixar passar.</p>

	<p>- <u>Se uma pessoa rica tiver o filho seqüestrado é diferente de uma pessoa pobre, é mobilizado não sei quantas pessoas para encontrá-lo.</u></p> <p>- Hoje em dia irmão briga com irmão, pai matando filho, só com uma família estruturada mesmo.</p>
08	<p>- Na verdade, é o seguinte, pelo menos aqui chegou uma propaganda de tipo, <u>polícia e tal, mas acho que não funciona muito bem não. [...] durante o dia ninguém vê.</u></p> <p>- [...] <u>segurança eu acho que a gente não tem.</u></p> <p>- Falta de vontade dos policiais não é, eu creio que seja mais <u>falta de condições.</u></p> <p>- Você vê sempre policial a noite andando na calçada, mas você não diz assim “vamos passear na beira-mar a noite que é seguro”, não é. Apesar de ter policiais à noite.</p> <p>- Em outros bairros nem se fala, acho que o policiamento tá mais focado aqui assim. É mais perigoso Barra do Ceará, Bezerra de Menezes, esses lados que são muito perigosos, e você não vê policiamento, não vê.</p> <p>- Creio que as vezes também é <u>falta de acompanhamento dos pais, falta de carinho.</u> Se os pais dessem carinho e fizessem com que eles entendessem o que o futuro e as vezes tem muitos pais que não são assim, errou uma vez e colocam pra fora de casa, se não estiver no lar dele, com a família dele.</p>
09	<p>- Eu não vejo mais isso como culpa dos governantes, da situação do estado... que <u>você não tem como satisfazer o seu desejo, e ai você vai tentar pegar alguma coisa de alguém.</u> Hoje em dia, se você for roubar uma galinha por fome, se fosse por comida, eu ficava calada.</p> <p>- O Ronda do quarteirão passou 5 minutos depois de eu ser assaltada, eu acho que espanta os ladrões, mas não está resolvendo. A prefeita devia investir mais nessa parte de segurança, já que o índice de criminalidade em Fortaleza subiu muito.</p>
10	<p>- É uma vergonha essa segurança [...];</p> <p>- Chegou uma moto com dois policiais, caiu do céu, eu disse “não acredito”.[...] “aqueles ladrões roubaram meu celular” “só roubaram isso?” [os policiais]; “só”. Eles [ladrões] correndo na frente e a moto atrás.</p> <p>- Aí um [policial] chegou pra mim olhando pro chão, nem pra minha cara ele olhava, “não encontramos, aqui é uma boca de fumo”, um diz uma coisa, outro diz outra [...]</p> <p>- <u>A segurança de Fortaleza é ruim, e pior eu não vejo ninguém trabalhando, se interessando muito pela segurança, [...] a gente é assaltado, o ladrão vem e carrega as coisas da gente. A polícia vem carrega as coisas da gente. [...] a segurança da cidade é ruim, tende a piorar; [...] é uma cidade</u></p>

	<i>violenta.</i>
12	- [...] <i>tem que ser um trabalho social que tem que conscientizar o pessoal e <u>ninguém nunca faz nada.</u></i>
13	- <i>Você vai correr atrás de polícia civil, <u>a polícia hoje em dia, [...] você não confia tanto [...].</u> Que não pode fazer nada, fica de mãos atadas [...].</i> - <i>às vezes quem ta lá (no governo) e quiser algo, tem que entrar no esquema [...] infelizmente ta enraizado</i> - <i>Tem muito a <u>questão da impunidade</u> que no Brasil ainda [...].</i>
14	- <i>Eu acho que é <u>falta de família</u>, não sei [...].</i>
15	- <i>Onde tem exemplos de <u>impunidade</u>... (cita o caso do goleiro e de crimes onde pessoas ricas e famosas não pagam por eles, sobre a impunidade). Isso dá um exemplo para os jovens de que as coisas não têm conseqüência. Tem que ter as regras sociais. Compromisso social. As regras sociais estão fragilizadas.</i> - <i>E depois muitos jovens encaram como uma novidade o assalto. Por <u>falta de valores que a família não dá.</u> Por <u>falta de estrutura familiar</u>, as vezes, uma família tem muito dinheiro mas não tem estrutura.</i>
16	- <i>Também porque o amor da mãe é diferente e também porque <u>a maioria é criada só pela mãe, sem o pai.</u></i> - <i>Hoje <u>os filhos não respeitam mais os pais.</u></i>
17	- <i>[...] também <u>me senti agredida quando a policia [...] diz pra você que não pode fazer nada</u>, que é pra deixar pra lá [...] o delegado chamou e não fez nada, não houve inquérito, não houve nada.</i> - <i>Você liga pra policia e a policia instrui você de ficar esperando e não vem ninguém.</i> - <i>Fui fazer o B.O. e o delegado dizendo “ahhh, não posso fazer nada. Não adianta a senhora brigar. Graças a Deus a senhora tá viva.”</i> - <i>Fiquei muito chateada quando esse tal de V., que assaltou minha casa, foi solto [...] Eu fiquei preocupada, porque eu denunciei, eu reconheci.</i> - <i>Ai vem o Ronda do quarteirão: Que bom, mas é o mesmo que nada, você chama e eles não vêm. <u>Você chama e eles demoram.</u></i> - <i><u>Eu desacreditei do poder público</u>, tem assalto direto ali (Dunas). Você tem reunião aqui, reunião ali, se reúne com órgãos públicos [...] passam-se os meses e ninguém faz nada, o que é outra forma de agressão.</i> - <i><u>Eu tô desacreditada</u>, ou você se defende, ou você se protege, ou então fica por isso mesmo.</i> - <i>É <u>desestrutura, desestrutura familiar</u>, e eu não tô falando de falta de</i>

	<p><i>dinheiro ou não, tem dinheiro ou não tem dinheiro, é a desestrutura familiar.</i></p> <p><i>- Onde é que já se viu, gente, criança peitar o professor? <u>Se peita o professor é porque peita pai e mãe.</u> Ai você chega pro professor “E aí vai me bater?!”, xinga e esculhamba... As crianças se atracando depois da aula.</i></p>
18	<p><i>- A violência vai continuar matando e <u>ninguém vai falar ou inibir a violência</u>, combater a violência.</i></p> <p><i>- Quando você vê noticiário aí pesado de <u>polícia com tráfico</u>, você vê que o negócio é um negócio sério, coisa que aqui é mais fácil de dominar, aqui, o pessoal do tráfico do que no Rio de Janeiro.</i></p>
19	<p><i>- Eu só vim fazer o B.O., na verdade, porque eu vou precisar tirar documento e vou precisar do B.O. senão, eu nem faria, porque <u>eu sei que não vai resolver</u>.</i></p> <p><i>- Então, é frustrante, você como cidadão não ter como se defender, <u>não ter uma resposta positiva com relação a isso</u>.</i></p>
20	<p><i>- Então, eu vejo um alarde, porque (a violência) tá aumentando, e eu <u>não tô vendo providência</u>.</i></p> <p><i>- Aí já tem a educação desde criança vem, que <u>o governo não repassa o dinheiro pras escolas</u>, vem da <u>falta de professores qualificados para o ensino público</u>, vem da <u>família mesmo desestruturada</u>, as drogas, [...].</i></p>
22	<p><i>- Porque eu acho que <u>não tem policial</u>, e <u>a maioria dos assaltantes é de menor</u>. Os de maior botam os menores pra assaltar, e <u>os menores não têm a punição</u>. Se tivesse assim uma <u>punição severa pro de menor</u> eu acho que não tinha tanto assalto, tanta violência como tem hoje.</i></p>

3.5.3. Categoria 3 – Sentidos da vida em comunidade, após a violência sofrida



Figura 10: Mapa Conceitual da Categoria 3

Os sentidos da vida em comunidade, fundamentalmente, são constituídos mediante a ação da pulsão. Não há como separar seu trabalho, muitas vezes oculto, de qualquer manifestação humana, ou seja, social. A pulsão, como impulso primordial do sujeito, está inserida em uma lógica tensional. Enquanto a mesma impele o sujeito ao prazer, sentido no corpo, sob as formas que apreendeu da relação com o Outro, algo o barra, o freia desta tendência que seria mortal ao funcionamento de seu próprio corpo. Esse algo é representado pela cultura, pelo senso de comunidade da relação humana, objetivando o bem comum e introjetado no sujeito através de uma instância específica: o Supereu.

Entretanto, o freio da pulsão é realizado devido às garantias que compõem o pacto social. Garantias que giram em torno das 3 formas de sofrimento as quais o sujeito está vinculado, provindo do perigo da decadência do próprio corpo; das forças da natureza, com suas catástrofes naturais; e das relações humanas (Freud, 1930). Ainda em "*Mal Estar na Cultura*", Freud sugere que a analogia do desenvolvimento individual com o desenvolvimento civilizatório (cultural) – resguardada algumas nuances específicas da história de vida individual de cada sujeito – pode ser realizada a partir da constituição de um Supereu cultural.

Aún puede llevarse mucho más lejos la analogía entre el proceso cultural y la evolución del individuo, pues cabe sostener que también la comunidad desarrolla un super-yo bajo cuya influencia se produce la evolución cultural. [...] super-yo cultural, a entera semejanza del individual establece rígidos ideales cuya violación

es castigada con la 'angústia de consciencia'." (Freud, 1930, p. 3065)

Assim, o Supereu – seja o individual ou o cultural – e seus ideais que o compõem, são erigidos em torno das 3 causas de sofrimento psíquico. A questão que se expõe é: qual é o discurso da época que indica a forma de proteção contra esses perigos?

A apresentação de toda essa retomada teórica se justifica pelos conteúdos ideológicos referentes a essa categoria: *o valor dinheiro; falta de culpa e responsabilidade; e o outro como ameaça*. Conteúdos que expõem os sentidos da vida em comunidade, da relação com o outro na realidade atual, proferidos pelas vítimas em suas falas, e que corroboram com as características já apontadas no trabalho do discurso capitalista – enquanto discurso proeminente na contemporaneidade.

Discurso que constitui um supereu cultural fragilizado, já que os ideais não possuem mais valor de lei, pois o único valor que agora importa é o dinheiro: o lucro⁵¹. Essa característica ensaia um retorno ao pulsional, na tentativa de satisfação das pulsões através do consumo de mercadorias. O amor é deixado de lado e o que comparece é um desejo insaciável de consumo, semelhante à necessidade⁵² (como a fome e a sede, por exemplo). O rechaço da castração apontado no final do capítulo 1 deste trabalho. Movimento subjetivo semelhante aos efeitos produzidos pela forclusão do

⁵¹ Os estudos empreendidos por Quinet (2006), Ambertin (2008) e Carneiro (2007) demonstram com excelência as implicações do discurso capitalista na subjetividade.

⁵² Passagem encontrada em "Seminário 11 – os quatro conceitos da psicanálise" (Lacan, 1964, p. 65).

Nome do Pai, que ocorre nas psicoses. Sobre este ponto específico, Quinet afirma:

A forclusão da castração do discurso do capitalista nos indica que esse “laço” é louco, pois seu discurso é psicotizante na medida em que tira o sujeito de outros laços sociais. [...] não é um laço social que regulariza como o discurso do mestre. Sua política é a liberal, do neoliberalismo, do cada um por si e um contra todos, já que o sol não brilha para todos. O discurso do capitalista não é regulador, ele é segregador. A única via de tratar as diferenças em nossa sociedade científica capitalista é a segregação determinada pelo mercado: os que têm ou não acesso aos produtos da ciência. (Quinet, 2006, p. 40-41)

Deste modo, para a sustentação da comunidade humana é preciso haver a construção de algo a ser amado, proveniente dos ideais enraizados na cultura, alvo de investimento libidinal, que atuam na constituição do laço social. Pois, enquanto a culpa se traduz em uma dívida ou falta, perante os ideais, a responsabilidade é o seu pagamento ou castigo, tendo sempre como moeda de câmbio o amor⁵³.

Assim, este fragmento discursivo expõe o poder destruidor do capital em relação aos ideais: “Você mata pelo dinheiro, chora pelo dinheiro, passa fome por causa do dinheiro, e vive bem por causa do dinheiro. Morre e mata pelo

⁵³ Para a articulação das dimensões da culpa, responsabilidade e amor na subjetividade, sugere-se a leitura do artigo “Ley, prohibición y culpabilidad” (Ambertin, 2006).

dinheiro.” (Vítima 07). Em outros fragmentos discursivos, a dimensão da culpa fragilizada se torna flagrante: “a sociedade está quase pisando em cima do cadáver e não se toca.” (Vítima 07), “[...] pessoas morrendo [...] a população se lixando” (Vítima 08). “Acho que é uma questão até de princípios, né? Que a gente não tem mais respeito pelo ser humano.” (Vítima 19).

É importante lembrar que os efeitos destes discursos estão submetidos a uma vivência das relações sociais no contexto da cidade de Fortaleza, e nas quais as vítimas acabaram de sofrer uma violência em espaço público. Deste modo, os efeitos não são só provocados pela ação do discurso – capitalista, por exemplo –, mas pela ação dos seres humanos nas relações sociais, principalmente a dos agentes da violência. Quando a atenção se volta para o próximo, o outro desse espaço público, a lógica do outro enquanto ameaça fica evidente, e algumas falas chamam atenção: “[...] pra mim, bandido bom é bandido morto. Eu não mato e nem mando matar, mas eu gosto de ver quando o bandido morre ou vai preso.” (Vítima 17), “Eu tô enxergando um ser humano que eu tenho que tratar contra ele.” (Vítima 05).

Assim, devem-se destacar duas perspectivas nos fragmentos discursivos relacionados a esta categoria. A primeira se relaciona aos efeitos de uma sociedade de consumo, do discurso capitalista, nos ideais sociais, reguladores das relações humanas. A segunda está circunscrita à realidade vivida nos espaços públicos, e como esta realidade, experimentada de forma violenta, pode contribuir para a configuração do outro enquanto uma ameaça real.

Tabela 4

Fragmentos discursivos da Categoria 3

Categoria 3	
Sentidos da vida em comunidade, após a violência sofrida	
Vítima Nº	Fragmentos Discursivos das Vítimas
01	<p>- <i>É como eu tava dizendo, eu fui criado dentro, praticamente vendo crack, vendo álcool, no meio da droga, mas nunca precisei usar, nunca quis usar, então eu acho que <u>falta caráter pras pessoas</u>, entendeu?</i></p> <p>- <i>eu acho que é mais a vontade das pessoas, naquela <u>ganância de ter dinheiro, de ter bens, mas sem fazer esforço pra conseguir aquilo com honestidade.</u></i></p>
05	<p>- <i>Não tenho mais, sabe...? Foi a gota d'água, pra mim foi a gota d'água. Quero enxergar as pessoas de outra maneira, mas nesse momento, tá difícil. Sou uma pessoa muito humana, mas não estou conseguindo enxergar as pessoas. <u>Eu tô enxergando um ser humano que eu tenho que tratar contra ele.</u> Pra mim, tudo isso que eu batalho pelos direitos humanos e essas coisa; pra mim, tá indo por água abaixo. Já não to mais tendo essa visão de nada, eu ...</i></p> <p>- <i>E o negócio que, não sei, que <u>enquanto não cuidarem do pessoal, não vai ter mais ambiente pra se entender.</u> Pô, se meio dia e meia, você não pode sair na rua, você vai sair em que horário?</i></p>
06	<p>- <i><u>Você não sabe se mata ou se morre.</u> Você deixa te assaltar ou mata. [...]</i> O valor da vida hoje é zero.</p>
07	<p>- <i>E a sociedade está quase pisando em cima do cadáver e não se toca. Acho que a violência está tão grande que não se toca.</i></p> <p>- <i><u>A vida está pouco... não, está muito desvalorizada nas relações.</u></i></p> <p>- <i>Eu acho que a cada dia que se passa eles estão desvalorizando.</i></p> <p>- <i>Se a vida tivesse mais valor que antes estaria melhor e não pior.</i></p> <p>- <i>Pra mim o dinheiro é o demônio. <u>Você mata pelo dinheiro, chora pelo dinheiro, passa fome por causa do dinheiro, e vive bem por causa do dinheiro.</u> Morre e mata pelo dinheiro.</i></p>
08	<p>- <i>[...] a gente não escapa (...). A gente tenta viver, trabalha, tenta ser feliz. E às vezes a vida das pessoas é desfeita por morte por pessoas de má influência, por <u>assaltantes que não tem pena.</u> Não quer saber de onde você é, da onde você veio, se é homem, se é mulher, idoso. Então a gente tem que ter fé. A vida é assim, a gente tá aqui hoje, amanhã pode não tá. É assim, mas eu tento sempre ter fé em Deus, pedir proteção.</i></p> <p>- <i>Então essas pessoas que procuram a violência, que assaltam, que roubam e que matam, eles não têm um pinga de consciência.</i></p>

	<p>- Lá onde eu moro já vi garotos e garotas que entram no crime com 12, 13 anos, e não duram 1 ano depois que entraram nessa vida. Policiais matando, tá morrendo, <u>a população se lixando</u>.</p>
09	<p>- Hoje em dia até você... sei lá, <u>a pessoa tá tão acomodada com o dinheiro fácil, com as coisas virem fácil, que não sabe mais o que é o valor da vida</u>. O que é realmente batalhar por aquilo que você quer.</p> <p>- Eu acho que as pessoas pensam que perdem muito por pouca coisa. Na área da saúde, você provar certas coisas por curiosidade, sabendo que aquilo faz mal, não agora né, mas no futuro. Você tá fazendo um atentado contra a sua vida. Eu acho que as pessoas não estão dando valor à vida.</p>
10	<p>- <u>A vida tá muito mal assistida, mal lembrada, muito fraquinha; é um exemplo que a vida tá muito frágil, tá muito deteriorada [...]</u>.</p>
12	<p>- <u>Tem muita gente que briga também e mata por qualquer besteira</u>.</p>
15	<p>- <u>Tem que ter as regras sociais. Compromisso social. As regras sociais estão fragilizadas</u>.</p> <p>- De um modo geral não há uma valorização da vida [...].</p>
16	<p>- Não existe mais valorização à vida.</p>
17	<p>- <u>A vida? Não tá valorizada. Não é só pelo bandido dar tiro fácil não, mas é pelas pessoas não se respeitarem, das pessoas se arriscarem... [...]</u> brigar com a sua mulher no meio da rua, na frente de qualquer um, isso pra mim é falta de respeito à vida. E ainda mais os bandidos, hoje em dia, não tão nem aí, um real, dois reais, mil reais, pra eles é a mesma coisa.</p> <p>- Fiquei muito p. da vida quando aquele secretário de segurança proibiu mostrar cara de bandido na TV, eu quero ver bandido morto. [...] <u>mas eu vibro quando matam eles: apareceu bandido morto, era assaltante, eu quero ver o líder e seu bando na cadeia, não precisa nem ser morto, eu gosto de ver quando prendem os bandidos</u>.</p> <p>- (...) <u>pra mim, bandido bom é bandido morto</u>. Eu não mato e nem mando matar, mas eu gosto de ver quando o bandido morre ou vai preso.</p> <p>- Onde é que já se viu, gente, criança peitar o professor? Se peita o professor é porque peita pai e mãe. Ai você chega pro professor "E aí vai me bater?!", xinga e esculhamba... As crianças se atracando depois da aula.</p>

19	<p>- <u>Nem numa ocasião... de repente você sai distraído, furou um sinal, de repente uma pessoa está disposta a te matar, tá entendendo?</u></p> <p>- <u>É uma coisa que tá totalmente banalizada, né? Você não tem ... 'tá!' mata uma pessoa como se estivesse matando um animal, né?"</u></p> <p>- <u>Você não pode chegar e simplesmente atirar e acabar com a vida daquela pessoa.</u></p> <p>- <u>Você vai aqui, (em qualquer) bairro [...] mata-se [...] por um motivo banal, por qualquer coisa, tá entendendo? Você não procura saber se o outro tá errado, não procura discutir, tentar acertar de uma forma inteligente, entendeu? Dialogar. Vou acabar contigo e acabou. Acaba com o problema.</u></p> <p>- <u>Então, essa falta de diálogo, essa falta de discussão com as diferenças, isso é que faz aumentar a criminalidade no nosso país, que faz como que matar o outro fosse simplesmente a solução. Então, acho que isso aí é absurdo.</u></p> <p>- <u>Acho que é uma questão até de princípios, né? Que a gente não tem mais respeito pelo ser humano.</u></p>
20	<p>- <u>Assim eu acho muito descaso a pessoa morta no meio da rua e porque vê uma imagem de televisão, uma câmera, aí fica se mostrando praquela imagem, porque deveria ser uma cena triste, acaba se tornando quase uma alegria porque eles estavam aparecendo na televisão (falando sobre a imagem que escolheu).</u></p> <p>- <u>E eu acho que a morte deve ser levada como um luto mesmo, mesmo que não seja a pessoa conhecida é um momento de tristeza (falando sobre a banalização da morte na televisão).</u></p> <p>- <u>Muito desvalorizada (a vida). [...] <u>peessoas matam por nada.</u></u></p> <p>- <u>Dinheiro é que vale mais do que qualquer vida, um vídeo cassete, um celular, um computador.</u></p> <p>- <u>Mas e o que é uma vida? Uma vida é uma pessoa que cresce, tem uma família, possui amigos, possui sentimentos, possui emoções e nada disso é levado em consideração por um computador [...]</u></p> <p>- <u>E ninguém respeita mais isso, não se tem mais respeito no social.</u></p>

3.5.4. Categoria 4 – Saídas apontadas para o quadro da violência instalada

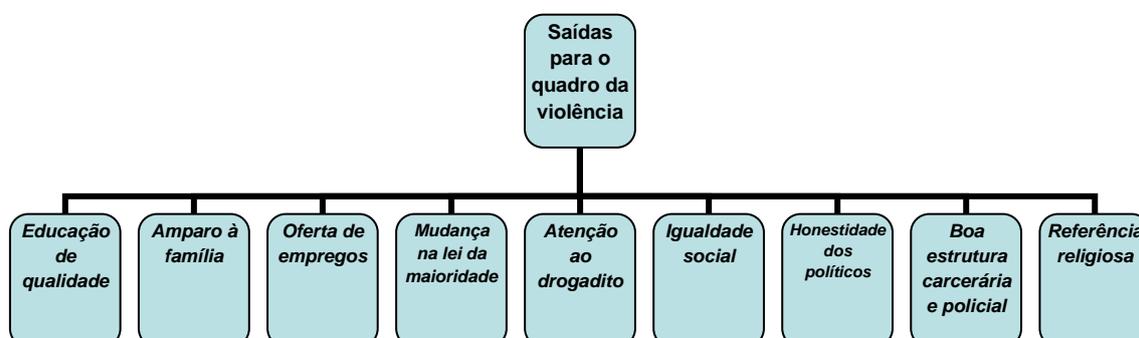


Figura 11: Mapa Conceitual da Categoria 4

A categoria em questão reúne os conteúdos discursivos relacionados às soluções das problemáticas sociais que afligem a sociedade na percepção das vítimas. Apresentam-se listadas de acordo com a ordem de maior aparição nas falas: educação de qualidade; amparo à família; oferta de empregos; mudança na lei da maioria; atenção ao drogadito; igualdade social; honestidade dos políticos; boa estrutura carcerária e policial; e referência religiosa.

Os conteúdos foram elencados de forma a considerar a ideia relacionada ao fragmento discursivo, na indicação direta e indireta da solução para o quadro da violência instalada. Quando o discurso indica a ideia de que o governo precisa apoiar a família, este se configura um apontamento direto de solução, e está prestigiado no tema *amparo à família*; porém, quando indica a ideia de que falta uma boa estrutura familiar para formar um cidadão, a saída implícita apontada também se colocará incluída no tema *amparo à família*, e assim por diante. Essa estratégia segue a dialética do desejo em psicanálise, pois, sempre que há algum problema ou falta anunciada, encontra-se, subjacente, a solução ou o objeto do desejo velado.

Esta categoria se articula com a categoria 2, pelas impressões que as vítimas possuem das leis e instituições. Se são detectados problemas na execução das garantias dos cidadãos, isso denota que as leis e as instituições, representantes do Estado, não estão de acordo com as reais necessidades dos cidadãos. Vale ressaltar que a maioria dos problemas relacionados está de acordo com estudos e discursos que permeiam o cotidiano sobre os problemas sociais que afligem o país. O agente da violência é muitas vezes associado com o jovem ou adolescente; isso se sustenta pelo próprio discurso em relação à redução da maioria e também pela própria experiência vivenciada.

Em pesquisa realizada pela CNI/IBOPE (2011) indica que a saúde, a segurança pública e a questão do uso de drogas são os principais problemas do país apontados pelo cidadão brasileiro. De acordo com relatório da UNESCO sobre violência e juventude, as principais causas da violência na juventude não estão só relacionadas à pobreza, falta de oportunidades de emprego ou desigualdades sociais, mas também das incertezas políticas e de conflitos institucionais, realizando uma clara conexão com os efeitos de anomia pertencentes a sociedade de consumo, principalmente quando apontam o declínio dos ideais e valores sociais como causas mais proeminentes da violência.

Outra questão de relevo se insere na história socioeconômica de desenvolvimento do nordeste, já que a cidade de Fortaleza faz parte dessa região no Brasil. Costa (1996) relata historicamente as classificações do nordeste empreendidas na cultura brasileira de acordo com distintas épocas – da década de 20 até 90. Elabora uma análise das construções culturais que deixa entrever os problemas sociais que se fizeram de matéria-prima para a

construção de estereótipos como forma de domínio político, contribuindo para o seu processo de exclusão em relação ao restante do país.

Pode-se afirmar que a história da criação do Nordeste e o consequente processo de exclusão são também a história de sucessivos e/ou simultâneos processos classificatórios. [...] Hoje, ainda persiste a violência da classificação, não obstante o ocaso do desenvolvimento, embora a sutileza com que ela se faça dificulte a percepção de que subjazem a essa violência idéias que se fundam claramente na duradoura matriz economicista [...] (Costa, 1996, p. 107)

Os problemas se desdobram da conjuntura do corpo político da região (Fortaleza, no caso), formado pelas construções subjetivas sobre os antepassados, cultura popular, características do clima, aspectos geográficos, formas de produção ou economia, etc. empreendidos até o momento atual. Assim, as formas de exclusão estão também inseridas no seio da população Fortaleza. Os excluídos são relacionados nos discursos por aqueles que não possuem acesso às instituições sociais estruturadas e organizadas (como a família, escola, trabalho, etc.), que compõem o potencial do sujeito de exercer sua vontade, à medida que assume uma determinada posição no social.

Esse problema se relaciona às repercussões da biopolítica, com a produção de tais classificações (saberes), contribuindo para o estado de exceção – identificado na anomia das leis – que resultam na fabricação de campos de exclusão dentro da própria sociedade (Agamben, 2004). Uma das

maiores causas de revolta apontada pelas vítimas em relação ao agente da violência.

Tabela 5

Fragmentos discursivos da Categoria 4

Categoria 4	
Saídas para o quadro da violência instalada	
Vítima Nº	Fragmentos Discursivos das Vítimas
02	<p>- <i>Como eu acho também que a prisão deveria ser a partir dos 12 anos, eu acho que nem mais 16 aqui no Brasil. Eu acho que a partir de 12 anos já dava pra ficar na cadeia mesmo, [...] eu sei que é criança ainda, mas é uma criança que tá matando gente.</i></p> <p>- <i>Eu acho que se o governo apelasse pra que não tenha essa quantidade de filhos que as pessoas têm, porque pessoas de classe média não têm mais de dois filhos porque sabem que tem que sustentar, porque sabem que tem que dar educação.</i></p>
03	<p>- <i>Assaltantes que me assaltaram eram de menores. Então a lei tem que mudar também, porque não acontece nada com eles, eles ficam presos; não sei nem se prendem.</i></p> <p>- <i>Acho que deviam ser mais rigorosos na parte escolar com as crianças, (oferecer) alguma coisa para encher o tempo deles, com os adolescentes. Eles acabam ficando ociosos, na marginalidade, [...] (criar) empregos. Essa parte mais social mesmo. A parte do trabalho, a parte escolar, a faculdade. Os pais cobrem, porque tem muitos pais ausentes [...]. Tem a droga, né. A droga acaba com tudo, se não encontrarem uma solução. (A questão) familiar, droga ... é, acho que é isso.</i></p>
04	<p>- <i>Falta educação, o que a garotada pode fazer? Ficar nos sinais, limpando vidro de carro, passando uma flanelinha, guardando os carros – onde a gente vai parar o carro, tem um flanelinha.</i></p>
05	<p>- <i>Tudo se resume no poder público. Tem que tratar o problema.</i></p> <p>- <i>Primeiro, eu acho que as famílias tem que ser amparadas melhor, começa pela família e isso como válvula de escape (uso de drogas).</i></p> <p>- <i>E você entra e depois não sai (uso de drogas). Você pode até sair se tiver uma super infra-estrutura. Duvido que tenha lugar, não que a pessoa queira que vá deixar lá não sei quanto tempo, pra limpar o cara. Não vai, se não tiver condição financeira. Pra começar, a família mesmo que queira, não</i></p>

	<p><i>consegue colocar porque precisa ter autorização para poder colocar.</i></p> <p><i>- E tem que encarar (dar assistência) as pessoas desde crianças também, para dar assistência, né?!</i></p> <p><i>- seria o caso de <u>fazer um ambulatório</u>, de levar só uma vez por semana e leva. Vai ter entrevista, vai ter não sei o que. Tem que ser tratar todo mundo, a família, a pessoa. Um vez por semana é pra um caso que você tá com problemas, mas não de já ser viciado.</i></p> <p><i>- A questão das drogas e do emprego, a falta de empregos, de as pessoas estarem direcionadas desde pequenos. <u>Uma escola decente</u>.</i></p>
07	<p><i>- Você mata pelo dinheiro, chora pelo dinheiro, passa fome por causa do dinheiro, e vive bem por causa do dinheiro. Morre e mata pelo dinheiro. [...] Isso é culpa de toda uma infra-estrutura, de uma segurança ruim.</i></p>
08	<p><i>- Errou uma vez eu acho que tem que conversar. Às vezes erra por besteira, brigou na rua, outra coisa, e tem pai que coloca pra fora de casa. Então se ele não tá dentro do lar dele, na família dele, então vai dar nisso aí. Ele vai conhecer gente que faz isso e que faz aquilo e no final sempre vai ser assim. Então, eu acho que um <u>acompanhamento dos pais</u>, influência dos pais, influencia muito.</i></p>
09	<p><i>- Eu não vejo mais isso como culpa dos governantes, da situação do estado, que você não tem como satisfazer o seu desejo, e aí você vai tentar pegar alguma coisa de alguém. Hoje em dia, se você for roubar uma galinha por fome, por fome, se fosse comida, eu ficava calada. Mas não, você tá querendo algo que, eu não sei, tá faltando até as palavras, você tá querendo algo que você pode conseguir. (<u>dificuldade em apontar saída</u>)</i></p> <p><i>- Olha, assim, é muito complicado, porque eu poderia dizer que é culpa da sociedade, dos governantes que deixam as crianças a mercê disso, não tem educação suficiente.</i></p>
10	<p><i>- Porque as pessoas que fazem violência, muitas delas não tiveram <u>emprego</u>, não tiveram escola, muitas delas não puderam passar em concurso, não puderam passar num concurso [...] eles não estudaram numa <u>escola boa</u> [...] Eu não tô dizendo que tem que roubar [...], mas é porque não foi dado pra eles educação, não foi dado saúde, [...] não tinha um parente deputado [...] pra ganhar aquele dinheiro por fora, então, às vezes precisa de dinheiro e vão fazer isso, é muita violência essa falta de oportunidade que as pessoas têm [...].</i></p>
11	<p><i>- Às vezes, a fome, a pessoa entra em desespero ou por causa do vício, droga, essas coisas, crack, assim também. Têm muitos que roubam pra comer, às vezes, consumir. E a própria falta de <u>educação</u> deles. Essas pessoas não têm uma <u>estrutura familiar</u> nem de casa, nem psicológica, nem educacional, gerando um pouco isso também. Toda a pobreza em si.</i></p>

13	<p>- Acho que é a diferença social. [...] o cara aqui do meu lado tem tudo aqui e eu não tenho, [...] tem todas as <u>oportunidades</u> do mundo. Eu acho tem essa questão da frustração, a falta de <u>educação</u>, [...] ausência mesmo de um <u>trabalho que ocupe essas pessoas</u>. (oportunidades iguais e educação)</p> <p>- Eu acho q a gente espera muito que alguém que vai resolver [...]. Acho que a gente como cidadão tem essa forma pacífica, mas o pacífico é mais a longo prazo; tem hora que chega num estado que você não agüenta mais [...]. (ação do cidadão)</p>
14	<p>- Essas pessoas que fazem esse tipo de coisa são pessoas que se envolvem com droga, aí fazem esse tipo de coisa, porque não tem o dinheiro. [...] Eu vejo essas meninas novas se prostituindo, nas drogas, virando noite. [...] Eu acho que é falta de <u>família</u>. (Estruturação familiar)</p>
15	<p>- Tem que <u>educar o povo</u>. O que falta é educação e que existe também a questão da política.</p> <p>- Falta um <u>apoio da família</u> na educação dos filhos e uma <u>referência religiosa</u>, seja qual for.</p>
16	<p>- Acho que a violência é devido a falta de educação, <u>impunidade</u>, falta de <u>orientação</u> e de <u>desenvolvimento de trabalhos sociais</u>. Precisa <u>trabalhar essas crianças até 11... 14 anos</u>.</p> <p>- Isso ocorre devido a desigualdade social, falta de emprego.</p>
17	<p>- A droga vem da falta de limite [da família], a falta do que fazer, o cara não estuda, não gosta de estudar, videogame de repente enche o saco também [...]. (Estruturação familiar)</p> <p>- As crianças mal sabem escrever. (...) É esse o ensino público que fica aí pro pessoal. Você não tem dinheiro para pagar uma boa escola particular para seu filho, coloca ele numa escola pública e não tem professor, ele tá desinteressado, ele receber mal e é amedrontado, ele quer mais é se livrar da aula para não ser espancado. (Educação de qualidade)</p>
19	<p>- <u>Você vê uma família que tem tudo e você ao mesmo tempo não tem nada. Se você não tiver uma educação, não tiver todo um amparo social do governo, vai gerar um assaltante, um traficante. Você vai querer aquilo que ta na tua frente e que você não pode tocar entendeu?</u> (Educação, amparo social do governo)</p> <p>- <u>Falta de oportunidade porque as pessoas tentam conseguir um trabalho, conseguir um emprego pra ter uma vida mais digna e a única solução que ele encontra é tomar dos outros entendeu?</u> (Emprego)</p> <p>- Então, essa falta de <u>diálogo</u>, essa falta de <u>discussão</u>, com as diferenças, isso é que faz aumentar a criminalidade no nosso país, que faz com o que matar o outro fosse simplesmente a solução. Então, acho que isso aí é absurdo.</p>

20	<p>- A gente não tem uma <u>estrutura carcerária boa</u> [...] porque um preso que entra num presídio como esse, não vai sair de lá recuperado, não vai sair de lá um cidadão. (boa estrutura carcerária)</p> <p>- (a violência) vem da falta de <u>educação</u> desde criança, <u>o governo não repassa o dinheiro pras escolas, vem da falta de professores qualificados para o ensino público, vem da família mesmo desestruturada, das drogas.</u> (Educação de qualidade e estruturação familiar)</p> <p>- [...] falta de oportunidade. (Emprego)</p>
21	<p>- <u>Muita gente vai atrás de emprego, não encontra, se revolta</u> [...].</p>
22	<p>- Eu acho que é pelo <u>desemprego, o familiar.</u> (Emprego e Estruturação familiar)</p> <p>- Porque eu acho que não tem policial, e a maioria dos assaltantes é de menor. Os de maior botam os menores pra assaltar, e os menores não têm a punição. Se tivesse assim uma <u>punição</u> severa pro de menor eu acho que não tinha tanto assalto, tanta violência como tem hoje.</p>

CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa ora empreendida chega às suas considerações a respeito do impacto da violência em espaços públicos, vivenciada pelo sujeito enquanto uma experiência traumática – perspectiva diferente do trauma em psicanálise -, para as suas formas de subjetivação do viver na cidade de Fortaleza.

Muitos teóricos delatam os efeitos de uma sociedade de consumo e a associam a queda de ideais que trazem como consequência a falta da palavra, ou seja, da mediação das relações entre os cidadãos, ocasionando espaço propício para a emergência da violência. Essa violência sistêmica, própria do mundo globalizado capitalista, comparece nas falas das vítimas, principalmente, quando dissertam sobre suas impressões do *corpo político* (leis e instituições) e do *laço social* (*vida em comunidade*) identificados nos espaços públicos da cidade. Utilizando-se da mesma forma de análise de Freud (1930) para a constituição do supereu individual (sujeito) e do supereu cultural (cidade), observa-se que a forma como se concebe ou se organiza o corpo político da cidade irá reverberar na forma como os laços sociais se estabelecem.

O percurso realizado no 1º Capítulo pode demonstrar como o mesmo se forma em suas relações com o Outro e o outro. Enquanto o Outro vai ser preponderante para a constituição do Eu, imagem projetada do próprio corpo, o outro será a prova de realidade, ou o reconhecimento dessa imagem, na qual nunca por completo terá a sua unidade. Por isso o sujeito está aberto ao trauma, por não ser completo, ser barrado, como se reverbera nos corredores do conhecimento psicanalítico.

A questão se coloca em cena a partir de um núcleo traumático para o sujeito, local de sua fratura essencial, e onde ele vai constituir seu fantasma, através dos lutos, das perdas, constituirá uma referência ao amor. É o amor que responde ao trauma. Porém este amor está fundamentado em um saber, que se ergue da sua história de vida e que por sua vez se insere nos ideais culturais (crenças, valores, costumes) que fazem parte de seu Outro.

A vivência de uma experiência traumática, relacionada à violência em espaços públicos, nesse caso, ocasiona também angústia, proximidade com o real ou o sem sentido, mas diferentemente do trauma, não tem o poder de questionar o sujeito em sua posição subjetiva, no seu fantasma. A não ser que a experiência tenha algum componente específico que possa fazer com que algo do trauma possa ser evocado, o que apenas em um sujeito (V-5) isso ficou mais evidente, embora ainda obscuro, pois não se chega ao fantasma do sujeito sem o desenvolvimento de um processo analítico, da análise, propriamente dita, de acordo com os preceitos freudianos.

Nesse momento, a importância da metodologia da pesquisa intervenção em psicanálise, empreendida pelos pesquisadores, contribui para o resgate da posição do sujeito, não em relação ao seu fantasma (Outro), mas sim em relação ao laço social (outro), e seus discursos, que compõem o campo do gozo para o social – este é o direcionamento da intervenção ou do corte do pesquisador, no momento da escuta da vítima. Enquanto a angústia permanece latente, no período de espera para o preenchimento do B.O. (Boletim de Ocorrência), ao ser convidado e causado, pela apresentação das imagens da violência, a falar sobre a experiência traumática sofrida, o sujeito poderá transformar essa angústia em uma angústia signo de algo, e assim

construir um saber inerente à realidade encontrada no social, a qual foi abruptamente violada.

O sentido poderá advir a partir do que se coloca dessa realidade específica aos espaços públicos, imerso nos mais variados discursos que permeiam o social. Não é à toa que após a tensão inicial, ainda provocado pelo impacto da violência sofrida ou pela espera em preencher o B.O., o sentimento de alívio foi identificado e proferido pela grande maioria das vítimas ao final da escuta.

Deste modo, faz-se evidente o valor das formas de subjetivação do viver na cidade para o sujeito. O espaço público é o espaço por excelência do laço social. Todavia, o outro do espaço público se encontra sob um referencial de ameaça, como foi indicado na análise da categoria 1. Como portador da diferença apesar de semelhante, cumpre uma função constitucional, porém não é a única a ser considerada. Através da mediação simbólica o outro pode tomar status distinto, mediante os ideais, que se articula à identificação e ao amor. Mas não parece que isso está ocorrendo no estabelecimento dos laços sociais. Em certa medida, o autoritarismo é que comparece à cena pública, justamente pela falta de implicação dos cidadãos uns com os outros e com as leis que compõem o Estado.

O poder é aqui retomado por seu viés perverso, de controle total, seguindo os ditames da biopolítica a serviço da sociedade de consumo. Articula-se ao retorno do governo do pai primevo da horda, em Freud, responsável pelo advento simbólico somente após o seu assassinato. Porém, a quem os filhos devem matar? A responsabilidade pelos atos está posta em cheque, porque para tudo parece que se tem uma justificativa científica ou

prioritariamente genética; a dimensão da culpa e, conseqüentemente da responsabilidade para o cidadão encontra-se em declínio. Perpetua-se a ameaça sem a figura do pai para matar, assim, o outro se torna prioritariamente a ameaça.

O outro tomado por sua função de ameaça, chega-se às questões de rivalidade imaginária, envolvidas nos sintomas paranóicos. O sentimento de insegurança aumenta ao passar por uma violência em espaço público, o que fica patente nos discursos da vítima ao relatarem os cuidados desenvolvidos após a experiência traumática. O mecanismo de defesa psíquico passa a reconhecer o outro como ameaça. O grau de ameaça chega ao ponto de uma das vítimas (V-17) desejar até a morte do outro.

A impressão é de que, hoje, o cidadão deve ser um pouco paranóico, não pode acreditar no outro cidadão, deve concebê-lo como perigoso, possível agente da violência, e por isso constituir, em seu cotidiano, rituais de defesa contra o mesmo, que se aproximam dos sintomas patológicos das neuroses obsessivas, sob a nomenclatura de TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo), e das fobias, com o medo excessivo de estar em locais públicos.

A harmonia do corpo político se relaciona à solução de problemas estruturais (instituições), sociais históricos (desigualdades socioeconômicas) e atuais (como as drogas) presente no país, e também na cidade de Fortaleza. Deste modo, a pesquisa proporciona um espaço de reflexão política para o sujeito, vítima da violência em espaço público; a possibilidade da reconstrução de suas impressões sobre a realidade social da qual ele próprio faz parte, enquanto cidadão, representante do poder do Estado, resgatando o seu poder

de autoridade – e conseqüentemente, do próprio Estado – em declínio devido ao distanciamento da aplicação e da criação das leis com o social.

Os resultados da pesquisa indicam que a violência sofrida nos espaços públicos se apresenta como causadora de novas formas de subjetivação do viver, a partir do efeito da experiência traumática vivenciada nos espaços públicos. Potencializa os efeitos da violência sistêmica, encontrada no referencial discursivo capitalista da contemporaneidade, aumentando o nível de angústia no sujeito e constituindo comportamentos e sintomas que se aproximam de patologias relacionadas à paranóia, à neurose obsessiva e à fobia. O agente da violência é muitas vezes associado aos jovens, o que evidencia a importância de políticas públicas de qualidade, principalmente, nas áreas da educação, da família, do trabalho e do combate às drogas.

O desenvolvimento da técnica de escuta a partir da pesquisa intervenção em psicanálise demonstrou ser um instrumento de grande utilidade às pesquisas que têm por objetivo trabalhar temáticas no espaço social e poderá auxiliar as instituições sociais no atendimento e na escuta do cidadão, principalmente às delegacias no momento do preenchimento do B.O..

Este fundamental instrumento de coleta de dados da polícia, que traz informações dos cidadãos sobre os crimes contra o corpo político do Estado, pode ser aproveitado para o exercício da sua dimensão política, não com um simples preenchimento burocrático de uma ficha, mas permitindo uma ação em conjunto entre polícia e sociedade, ação política que responsabiliza cada ente de seus direitos e deveres, com a finalidade do exercício da autoridade e do bem social comum. Valoriza-se a dimensão política, de acordo com as

demandas do cidadão, das instituições e das autoridades que compõem o Estado.

Observação: A técnica presente na metodologia desta pesquisa, que tem como pressupostos fundamentais a metapsicologia psicanalítica (a partir dos conceitos de *transferência; sujeito suposto saber; verdade do sujeito; atenção flutuante; e discurso*) também pode ser utilizada para pesquisa em outras instituições sociais, no intuito do resgate da dimensão política do sujeito. Entretanto, devido às suas especificidades, ainda se faz necessário a mediação de um pesquisador psicanalista para a atenção e desenvolvimento da pesquisa de acordo com os seus pressupostos metodológicos.

REFERÊNCIAS

- Abramovay, M., [et al.] (2002). Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina – desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO/BID. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127138por.pdf>
- Agamben, G. (2002). *Homo Sacer – o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Agamben, G. (2004). *Estado de Exceção*. São Paulo: Boitempo.
- Ambertín, M. G. (2006). Ley, Prohibición y Culpabilidad. In: *Culpa, Responsabilidad y Castigo*. Volumen I. Buenos Aires: Letra Viva.
- Ambertín, M. G. (2008). *Entre Deudas y Culpas: Sacrificios – crítica de la razón sacrificial*. Buenos Aires, Argentina: Letra Viva.
- Andrés, M. (1993). Verbete: Coisa In Dicionário *Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Kaufman, P. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Arendt, H. (2007). *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Originalmente publicado em 1958).
- Berger, P. L., Berger, B. (1977) O que é uma instituição social? In: Foracchi, M. M., Martins, J. S. (Orgs.). *Sociologia e sociedade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 193-199
- Besset, V.L., Nigri, K.K. & Almeida, L.P. (1999). A Fobia e o Pânico em suas Relações com a Angústia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(2), 177-180.
- Besset, V. L. Cohen, R. H. P. Coutinho, L. G. & Rubim, L. M. (2007) A psicanálise na cultura: novas formas de intervenção. In: *Psicologia em Revista*. Belo Horizonte, V. 13, n.1, 27-40.
- Birman, J. (2001). *Mal-estar na Atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Carneiro, H. F. (2007). *Que Narciso é esse?: mal-estar e resto* [DVD-book]. Fortaleza. Texto disponível em:

http://www.cnpq.br/cnpq/livro_eletronico/pdf/henrique_carneiro.pdf.

Carneiro, H. F. (2009a). Seminário Estudos em Clínica Psicanalítica (aula do dia 30.10.2009), Mestrado, Universidade de Fortaleza.

Carneiro, H. F. (2009b). "Culpa y acto en la constitución y destitución del sujeto". In: Ambertin, Marta Gerez. (Org.). *Culpa, Responsabilidad y castigo en el discurso juridico y psicoanalitico – Volumen III*. Buenos Aires: Letra Viva, 3, 91-102.

Carneiro, H. F. (2010). GT 52 – Psicopatologia e Psicanálise. In: *ANAIS – XIII Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico em Psicologia – ANPEPP - Volume XIII*. Fortaleza, 143.

Carneiro, H. F. [et al.] (2011). *A Imagem da Violência: causas e efeitos traumáticos em vítimas da violência em espaços públicos*. Pesquisa do LABIO (Laboratório sobre as Novas Formas de Inscrição do Objeto), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Fortaleza - UNIFOR, Fortaleza, Brasil.

Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10. (1993) Organização Mundial de Saúde Genebra.

Costa, L. F. A. (1996). A Construção do Nordeste: uma violência cordial. In: Barreira, C.; Lins, D. (Orgs). *Poder e Violência*. Fortaleza: Edições UFC.

Cruz, L.M.M. De S. (2006). *Responsabilidade Social: visão e intermediação da mídia no público e privado*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Dicionário de Latim-Português. (2001). 2ª edição, Porto Editora Ltda.

Durkheim, E. (2005) *O Suicídio*. São Paulo: Martin Claret Editora. (Originalmente publicado em 1897)

- Engels, F. (2007). *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal (Vol. 2). São Paulo: Editora Escala. (Originalmente publicado em 1884).
- Ferrari, I. F. (2006). Agressividade em Psicanálise In *Psicologica Clínica*, 18(2), Rio de Janeiro.
- Fink, B. (1988). *O Sujeito Lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I - a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal. (Trabalho original publicado em 1976)
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Freud, S. (2005). *Crítica de la neurosis de angustia*. Tomo 1. Buenos Aires: Editora El Ateneo. (Publicado originalmente em 1895a)
- Freud, S. (2005). *Obsesiones y fobias – su mecanismo de defensa y su etiología*. Tomo 1. Buenos Aires: Editora El Ateneo. (Publicado originalmente em 1895b)
- Freud, S. (2005). *Los actos obsesivos y las prácticas religiosas*. Tomo 2. Buenos Aires: Editora El Ateneo. (Publicado originalmente em 1907)
- Freud, S. (2005). *Análisis de la fobia de un niño de cinco años – caso Juanito*. Tomo 2. Buenos Aires: Editora El Ateneo. (Publicado originalmente em 1909)
- Freud, S. (2005). *Totem y Tabu*. Tomo 2. Buenos Aires: Editora El Ateneo, (Publicado originalmente em 1912-13).
- Freud, S. (2005). *Introducción al Narcisismo*. Tomo 2. Buenos Aires: Editora El Ateneo. (Publicado originalmente em 1914)
- Freud, S. (2005). *Lecciones Introdutorias al Psicoanálisis – Lección XVIII – La fijación al trauma*. Lo inconsciente. Tomo 2. Buenos Aires: Editora El Ateneo. (Publicado originalmente em 1915a)
- Freud, S. (2005). *Consideraciones de Actualidad sobre la Guerra e la Muerte*. Tomo 2. Buenos Aires: Editora El Ateneo. (Publicado originalmente em 1915b)

Freud, S. (2005). *Lecciones Introdutorias al Psicoanálisis – Lección XXVI – La Teoría de la Libido y el Narcisismo*. Tomo 2. Buenos Aires: Editora El Ateneo. (Publicado originalmente em 1916-17).

Freud, S. (2005). *Los Instintos y sus Destinos*. Tomo 2. Buenos Aires: Editora El Ateneo. (Publicado originalmente em 1915c).

Freud, S. (2005). *Proyecto de una Psicología para Neurólogos*. Tomo 1. Buenos Aires: Editora El Ateneo. (Originalmente publicado em 1895).

Freud, S. (2005). *Tres Ensayos para una Teoría Sexual*. Tomo 2. Buenos Aires: Editora El Ateneo. (Originalmente Publicado em 1905).

Freud, S. (2005). *Romances Familiares*. Tomo 2. Buenos Aires: Editora El Ateneo. (Originalmente publicado em 1908).

Freud, S. (2005). *Análisis de la Fobia de un Niño de Cinco Años – caso ‘Juanito’*. Tomo 2. Buenos Aires: Editora El Ateneo. (Originalmente publicado em 1909a).

Freud, S. (2005). *Análisis de un Caso de Neurosis Obsesiva – caso ‘el hombre de las ratas’*. Tomo 2. Buenos Aires: Editora El Ateneo. (Originalmente publicado em 1909b).

Freud, S. (2005). *Observaciones Psicoanalíticas sobre un Caso de Paranoia – caso ‘Schreber’*. Tomo 2. Buenos Aires: Editora El Ateneo. (Originalmente publicado em 1910).

Freud, S. (2005). *Consejos al médico en el tratamiento psicoanalítico*. Tomo 2. Buenos Aires: Editora El Ateneo. (Originalmente publicado em 1912).

Freud, S. (2005). *Lecciones Introdutorias al Psicoanálisis – Lección XXVI – La Teoría de la Libido y el Narcisismo*. Tomo 2. Buenos Aires: Editora El Ateneo. (Publicado originalmente em 1916-17).

Freud, S. (2005). *Más Allá del Principio del Placer*. Tomo 3. Buenos Aires: Editora El Ateneo. (Publicado originalmente em 1920).

- Freud, S. (2005). *El Yo y el Ello*. Tomo 3. Buenos Aires: Editora El Ateneo. (Publicado originalmente em 1923).
- Freud, S. (2005). *Inhibición, Síntoma y Angustia*. Tomo 3. Buenos Aires: Editora El Ateneo. (Publicado originalmente em 1926).
- Freud, S. (2005). *El Malestar en la Cultura*. Tomo 3. Buenos Aires: Editora El Ateneo. (Publicado originalmente em 1929).
- Kristeva, J. (2002). *As Novas Doenças da Alma*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco.
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1949)
- Lacan, J. (1986). *Os escritos técnicos de Freud (Seminário 1)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Originalmente publicado em 1953-54).
- Lacan, J. (1985). *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (Seminário 2)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Originalmente publicado em 1954-55).
- Lacan, J. (1988). *As psicoses (Seminário 3)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente Publicado em 1955-56).
- Lacan, J. (1995). *A relação de objeto (Seminário livro 4)*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1956-57)
- Lacan, J. (1999). *As formações do inconsciente (Seminário 5)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1957-58).
- Lacan, J. (1988). *A ética da psicanálise (Seminário 7)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Originalmente publicado em 1959-60)
- Lacan, J. (1992). *A transferência (Seminário 8)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Originalmente publicado em 1960-61).
- Lacan, J. (2005). *A angústia (Seminário 10)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1962-63).

Lacan, J. (1985). *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (Seminário 11)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Originalmente publicado em 1964).

Lacan, J. (2008). *De um Outro ao outro (Seminário 16)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Originalmente Publicado em 1968-69)

Lacan, J. (1992). *O avesso da psicanálise (Seminário 17)*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Originalmente Publicado em 1969-70).

Lacan, J. *...Ou pire (Seminário 19)*. Seminário Inédito. (Originalmente publicado em 1971-72).

Lacan, J. (1985). *Mais ainda (Seminário 20)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Originalmente publicado em 1972-73).

Lacan, J. (1998). Observações sobre o Relatório de Daniel Lagache: "psicanálise e estrutura da personalidade". In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Originalmente publicado em 1960).

Mainueneau, D. (1997). *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp.

Maio, M. C. & Santos, R. V. (2005). Política de cotas raciais, os "olhos da sociedade" e os usos da antropologia: o caso do vestibular da Universidade de Brasília (UnB). *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, 11(23), 181-214 .

Melman, C. (2003). *Novas Formas Clínicas no Início do Terceiro Milênio*. Porto Alegre: CMC Editora.

Quinet, A. (2006). *Psicose e Laço Social*. Rio de Janeiro: Zahar.

Retratos da Sociedade Brasileira – segurança pública. (2012). Pesquisa desenvolvida pela CNI (Confederação Nacional das Indústrias) e IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística). Disponível em: <http://www.cni.org.br/portal/data/files/FF8080813313424801331C6AC7405A25/Pesquisa%20CNI-IBOPE%20Retratos%20da%20Sociedade%20Brasileira%20Seguran%C3%A7a%20P%C3%ABlica%20Out%202011.pdf>.

Rocha, M.L. & Aguiar, K.F. (2003). Pesquisa-Intervenção e Produção de Novas Análises, *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(4).

Rousseau, J. J. (1972). *O Contrato Social ou Princípios do Direito Político*. São Paulo: Editora Escala.

Roudinesco, E. & Plon, M. (1997). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Roudinesco, E. (2003). *A Família em Desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social do Estado do Ceará. (2010). Ceará.

Waiselfilz, J.J. (2010). *Mapa da Violência 2010 – anatomia dos homicídios*. 2010. Disponível em:
<http://www.sangari.com/midias/pdfs/MapaViolencia2010.pdf>

Waiselfilz, J.J. (2011). *Mapa da Violência 2011 – Os jovens do Brasil*. 2011. Disponível em:
<http://www.sangari.com/mapadaviolencia/pdf2011/MapaViolencia2011.pdf>

Waiselfilz, J.J. (2012). *Mapa da Violência 2012 – Violência homicida no Brasil*. 2012. Disponível em:
http://www.sangari.com/mapadaviolencia/pdf2012/mapa2012_web.pdf

Zizek, S. (2008). *Violência – seis notas à margem*. Lisboa: Relógio D'água Editores.

ANEXOS

ANEXO 1

Impressões e Comentários sobre dos Sujeitos da Pesquisa

Vítima 1

Imagem escolhida: n. 16 (vide anexo).

Motivo do B.O.: Furto do carro.

Durante a fala S-1 demonstrou-se tranquilo, apesar do impacto que diz ter-lhe causado o furto do carro. Relata que num período de dez anos teve o carro roubado duas vezes. Afirmar que está mais acostumado com esse tipo de situação por presenciar as intercorrências no seu cotidiano no local onde mora. Assim, já procura 'se preparar psicologicamente' para a eventualidade de que algo dessa natureza possa lhe acontecer. Afirmar acreditar na sua força de trabalho e manifesta confiança de que vá conseguir reconquistar o bem material perdido.

Vítima 2

Imagem escolhida: n. 10.

Motivo do B.O.: Para justificar a retirada de uma multa de trânsito por passar no sinal vermelho numa tentativa de roubo.

O V-2 demonstrou-se bastante ansioso e preocupado com a violência em Fortaleza, principalmente, devido a outras experiências de assaltos vividas. Teme pela segurança da filha e sente medo em sair de casa. Ressalta que a violência está se banalizando a ponto de se achar comum esse tipo de ato no cotidiano da cidade.

Refere ter passado várias vezes por assaltos à mão armada e considera que esse é o aspecto que mais traumatiza o sujeito, pois causa medo e insegurança do que pode acontecer e da dificuldade de voltar à rotina da vida cotidiana; refém do medo de sair de casa.

Sujeito 3

Imagem escolhida: n. 1.

Motivo do B.O.: Roubo à mão armada.

O V-3 compareceu à delegacia depois de ter sofrido um roubo à mão armada por menores de idade. Apresentava-se ansiosa e com medo de ir à outra delegacia na Praia do Futuro e ser novamente assaltada. Manifesta o medo de transitar pelas ruas de Fortaleza.

Comenta que antes não se preocupava com essas questões e, que agora, não sai mais sozinha de casa e procura estar mais atenta devido a insegurança que está piorando. Esse sujeito avalia que a vivência da cena violenta causa uma sensação muito negativa, de impotência e de medo de morrer.

Vítima 4

Imagem escolhida: n. 10.

Motivo do B.O.: Roubo à mão armada no semáforo.

O V-4 parecia ansioso e preocupado em acalmar a esposa. Apesar de ter sido roubado, ainda considera Fortaleza uma cidade tranqüila, mesmo presenciando muitas vezes, cenas de violência como roubos de celular, carteira, etc. Analisa que o poder público não está conseguindo enfrentar o problema na sua complexidade. Considera que a questão da violência exige um trabalho preventivo de educação desde a infância, já que muitos dos assaltos são cometidos por menores de idade com o objetivo de trocar objetos por drogas.

Vítima 5

Imagem escolhida: n. 15.

Motivo do B.O.: Roubo à mão armada no semáforo.

O V-5 ainda estava sob o impacto do que lhe ocorrera - nervosa e com as mãos trêmulas. Apresentava escoriações no braço direito e nas pernas causadas pelo atrito no corpo, do vidro quebrado, quando da abordagem do agente da violência. No decorrer da fala ela se emocionou, porém, no final de sua fala, já estava menos ansiosa, afirmando que sentiu alívio por ter falado sobre o ocorrido.

Vítima 6 (Não permitiu gravar)

Imagem escolhida: n. 10.

Motivo do B.O.: Roubo à mão armada.

O V-6 apresentava-se impaciente e ansiosa. Porém, ao justificar a imagem que escolheu, passou a ter mais vontade de falar e construir sentido sobre o que lhe ocorreu. Refere que teve dificuldades psicológicas depois do assalto, pois o ocorrido deixou uma marca, uma sequela da qual é difícil encontrar uma explicação e que precisou recorrer a tratamento psiquiátrico para se acalmar e dormir.

Em relação às imagens apresentadas explica que são perturbadoras porque lhe remetem à cena da violência vivida e ao medo que sentiu. Teve uma expectativa frustrada de que o assaltante a respeitasse pelo fato de estar grávida, condição para a qual ficou indiferente, deixando-lhe muito assustada.

Vítima 7 (Não permitiu gravar)

Imagem escolhida: n. 48.

Motivo do B.O.: Roubo à mão armada.

O V-7 estava ansiosa e tensa, demonstrando medo e preocupação com a situação da violência em Fortaleza e por relembrar as cenas de assaltos que sofreu (cinco vezes) ao ver a apresentação das imagens. Descreve a terceira

vez como a mais traumática pelo nível de agressão: episódio em que teve um medo intenso de que os assaltantes disparassem em sua filha, sendo tão paralisante, que não teve mais condições de dirigir. Refere-se à imagem escolhida na qual retrata crianças de um convívio violento que brincam de bandido.

Vítima 8

Imagem escolhida: n. 16.

Motivo do B.O.: furto do carro.

O V-8 estava aparentemente tranquilo e considerava como normal a situação de violência vivenciada. Avalia como riscos inerentes à própria natureza do seu trabalho: viajando constantemente por várias capitais do país. Refere-se à Fortaleza como a maioria das capitais do Brasil no que diz respeito ao problema da violência. Critica a excessiva publicidade em torno do Programa do Estado *Ronda do Quarteirão* por sua pouca eficácia já que seu carro fora arrombado da mesma forma da imagem (N. 16), em uma avenida movimentada, o que evidencia uma espécie de invisibilidade da violência pela sua repetição.

Vítima 9

Imagem escolhida: n. 3.

Motivo do B.O.: Roubo à mão armada.

O V-9 chegou à sala ainda nervosa, pois o assalto ocorrera havia duas horas. Estava abalada principalmente por dois motivos: por ter visto o rosto do assaltante e pensar que poderia acontecer algo pior, pois ele lhe apontou uma arma na cabeça; e de ele ter levado todo o salário do seu estágio. Chegou a se emocionar quando mencionou a sua luta de trabalho e seu esforço em vir do interior para estudar e trabalhar na capital.

Vítima 10

Imagem escolhida: n. 14.

Motivo do B.O.: Roubo à mão armada e agressão física.

O V-10 manifestou sua necessidade de falar e que seu relato fosse divulgado. Falou muito apesar do corte sofrido que levou sete pontos no rosto devido a agressão dos assaltantes na Av. Mosenhor Tabosa. Considera que a Segurança pública é uma vergonha, pois, sentiu-se indignado e decepcionado com os policiais que atenderam a ocorrência que, mesmo estando de moto não conseguiram prender os dois assaltantes que estavam à pé, além do que foi acionado a viatura do Ronda. Relata que foi socorrido por pessoas ao redor.

Vítima 11

Imagem escolhida: n. 30.

Motivo do B.O.: Furto de objetos dentro do carro.

O V-11 estava impaciente e preocupado devido uma reunião de trabalho que teria em seguida ao registro do B.O. Pareceu não estar tão concentrada em sua fala. Concordou em participar da pesquisa enquanto aguardava reunião com o delegado a respeito da investigação realizada sobre o furto que fora cometido. Relata a existência de imagens da câmera de segurança do prédio onde tem seu escritório, que sugerem a participação de um taxista que trabalha em frente ao prédio. Fato que gerou preocupação do marido e da família por sua segurança, no sentido de possíveis represálias, por ter efetuado a queixa na Delegacia.

Vítima 12

Imagem escolhida: n. 12.

Motivo do B.O.: Roubo à mão armada.

O V-12 chegou, aparentemente, tranquilo. Disse ter sido vítima de um assalto à mão armada nas Dunas. Após o ocorrido, mudou o percurso que fazia habitualmente e evita lugares que considera perigosos. Justifica sua escolha da imagem 12 deve-se à semelhança com a situação vivida. Atribui como causas da violência, a pobreza, a falta de educação e a busca excessiva por dinheiro a qualquer custo.

Vítima 13

Imagem escolhida: n. 06.

Motivo do B.O.: Furto durante um show.

O V-13 compareceu à Delegacia, aparentemente calmo. Justificou a escolha da imagem por estar mais próxima de seu convívio. Foi assaltado na rua, quando ia com a namorada para um show: um grupo de rapazes o cercou, no meio da multidão, e só depois percebeu que roubaram a carteira e seu celular. Diante daquela situação, sentiu-se impotente. Reflete sobre a ação da polícia, que pela repetição dos casos parece não dar tanta importância à subtração de objetos pessoais.

Vítima 14 (Não permitiu gravar)

Imagem escolhida: n. 10.

Motivo do B.O.: Roubo.

O V-14 mostrou-se ansiosa pela situação, já que tinha dificuldades de falar. Afirmou que ainda estava abalada pelo assalto do qual foi vítima no dia anterior.

Justifica a escolha da imagem porque é o que mais se vê no dia-a-dia. A violência lhe causa grande insegurança. Essa é a segunda vez que foi assaltada. No dia anterior estava na rua e um rapaz se aproximou rapidamente numa bicicleta, o que lhe causou grande nervosismo e crise de choro. Como consequência desses episódios, expõe que ao sair, fica constantemente observando ao redor e olhando para trás com a preocupação de estar sendo seguida.

Vítima 15 (não permitiu gravação)

Imagem escolhida: n. 26.

Motivo do B.O.: Furto a placa do carro.

O V-15 referindo-se à imagem escolhida, comentou sobre o impacto que lhe causa ver o envolvimento de crianças na tenra idade com coisas ilícitas: arma e cigarro, e o descaso da sociedade em relação a esse problema. A violência está se tornando parte do cotidiano da realidade delas.

Vítima 16 (não permitiu gravação)

Imagem escolhida: n. 10.

Motivo do B.O.: Roubo.

O V-16 associou a imagem ao roubo que já sofreu. Foi vítima de quatro roubos, em um período de dois anos, um deles a mão armada. Mesmo assim, considera Fortaleza tranqüila, porque ainda não é igual ao Rio de Janeiro (sic). Relata que há um ano, um assaltante apontou um revólver para a sua cabeça, e que passou muito tempo lembrando essa imagem. Ficou perplexa ao reconhecer que as pessoas que roubaram a sua moto eram filhos da classe média alta: “assaltaram somente pela adrenalina”, eles mesmos fizeram esse comentário (sic).

Vítima 17

Imagem escolhida: n. 56.

Motivo do B.O.: Furto a moto.

O V-17 descreve que vendo a imagem, é como se estivesse vivendo o assalto à mão armada do qual foi vítima no ônibus. Veio para Fortaleza há 20 anos, devido à violência no Rio. Refere ter telefonado para a polícia sem obter retorno, comunicando o furto de sua moto.

Conta ainda que, há dois anos, entraram dois assaltantes no sítio onde mora e passaram duas horas lá, roubaram um *notebook* que acabara de comprar, levaram roupa de cama, talher, até o freezer, tudo que podiam. No dia seguinte, compareceu à Delegacia para fazer o registro do B.O. Ficou impressionada porque o delegado disse que não adiantava fazer nada. Considerou-se tão agredida quanto durante o assalto em sua casa.

Vítima 18

Imagem escolhida: n. 26.

Motivo do B.O.: Roubo à mão armada.

O V-18 há dez anos veio do Rio de Janeiro, que considera uma cidade violenta, que tem tráfico de drogas, os bandidos andam na favela com armas pesadas e nunca fora roubado. No entanto, no dia anterior foi assaltado por

dois homens em uma moto e um deles estava armado. Ressalta, assim, o aumento do índice de violência em Fortaleza.

Durante a fala, demonstrava-se apressado porque deveria voltar ao trabalho após o registro do B.O. Afirmou que, a partir do ocorrido, sente-se inseguro em andar de moto, mas apesar do medo, afirma ter que continuar trabalhando para sustentar a família.

Vítima 19

Imagem escolhida: n. 34.

Motivo do B.O.: Roubo dentro do carro.

O V-19 demonstrava-se tranquilo. O roubo ocorreu na Rua Monsenhor Bruno. Foi abordado dentro do carro por um assaltante que fez menção de estar armado e roubou a sua carteira e o celular. Faz uma reflexão sobre a banalização da vida.

Vítima 20

Imagem escolhida: n.5.

Motivo do B.O.: Roubo.

O V-20 demonstrou calma e disponibilidade em abordar o assunto do roubo. Foi roubada à caminho do supermercado. Após o ocorrido relata a sua preocupação em sair de casa e sente-se como em uma prisão. Considera um

descaso o enfoque da mídia sobre as cenas da violência cotidiana, que banaliza a morte: “A morte deve ser levada como um luto” (sic).

Vítima 21

Imagem escolhida: n.16.

Motivo do B.O.: Roubo.

O V-21 manifestou certa ansiedade em sua fala. O roubo ocorreu quando se dirigia ao trabalho. Depois disso, solicitou ao seu chefe para mudar o horário de entrada na empresa, desde então se sente assustado e com medo.

Vítima 22

Imagem escolhida: n.10.

Motivo do B.O.: Roubo dentro do taxi em via pública.

O V-22 ao relatar a experiência vivida, demonstra-se ansiosa. Reside em outro município e veio para a casa de uma irmã para realizar exames médicos. Fora assaltada dentro do taxi, na Avenida Bezerra de Menezes. Ficou sem dinheiro e documentação. Justifica a escolha da imagem por identificação com a agressão que lhe viveu. Sentiu-se constrangida e com muito medo: “Me senti sem chão” (sic).

Anexo 2

Parecer COÉTICA



VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Comitê de Ética em Pesquisa – COÉTICA

PARECER Nº. 019/2010

Projeto de Pesquisa: A imagem da violência: causas e efeitos traumáticos em vítimas da violência em espaços públicos.

Pesquisador Responsável: Henrique Figueiredo Carneiro

Data de apresentação ao COÉTICA: 18/02/2010

Registro no COÉTICA: 10-020

CAAE: 0005.0.037.000-10

Parecer: Aprovado 25/02/2010


Prof. Marília Joffily Pereira da Costa Parahyba
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFOR – COÉTICA

Anexo 3

Ata de Defesa de Dissertação



ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata da sessão de Defesa de Dissertação de Mestrado apresentada pelo mestrando **Thiago Costa Matos Carneiro da Cunha** sob o título *“Vida e Morte em Fortaleza: experiência traumática e subjetivação de atos violentos sofridos em espaços públicos”*.

Aos vinte e nove (29) dias do mês de fevereiro de 2012, na Sala da Pós-Graduação, Bloco B, Sala 06 da Universidade de Fortaleza, às 10:30, reuniu-se a Comissão designada para proceder ao julgamento da dissertação apresentada pelo mestrando **Thiago Costa Matos Carneiro da Cunha**, sob o título *“Vida e Morte em Fortaleza: experiência traumática e subjetivação de atos violentos sofridos em espaços públicos”*, tendo como orientador o Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro, da Universidade de Fortaleza. A comissão examinadora foi composta pelos professores: Profa. Dra. Edilene Freire de Queiroz, da Universidade Católica de Pernambuco, Profa. Dra. Maria Lúcia Duarte Pereira, Universidade Estadual do Ceará e Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro, da Universidade de Fortaleza, sendo por ele presidida. Inicialmente o Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro, da Universidade de Fortaleza, apresentou o mestrando aos componentes da banca, concedendo-lhe o tempo de 30 minutos para apresentação. Em seguida, foram feitas considerações pelos membros da banca que julgaram o trabalho satisfatório nos aspectos teórico e metodológico.

Após essas considerações, a banca deliberou o seguinte resultado

Aprovado
 Aprovado com restrição* ()
 Não aprovado ()

De acordo:

 Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro (UNIFOR)

 Profa. Dra. Edilene Freire de Queiroz (UNICAP)

 Profa. Dra. Maria Lúcia Duarte Pereira (UECE)

* A versão final da dissertação deverá ser corrigida e entregue no prazo de 60 dias, nos termos sugeridos pela Banca Examinadora e registrado em ata.

Anexo 4

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário, de uma pesquisa sobre a Violência. Após ser esclarecido(a) com as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento. Uma das cópias desse documento é sua e a outra ficará de posse do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma. Para eventuais dúvidas você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – COÉTICA/UNIFOR. Endereço- Av. Washington Soares, 1321, CEP: 60811-341 - Fortaleza – CE ou coetica@unifor.br e/ou o pesquisador responsável cujos dados estão especificados a seguir.

Dados de identificação - Título da Pesquisa:

A IMAGEM DA VIOLÊNCIA: CAUSAS E EFEITOS TRAUMÁTICOS EM VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA EM ESPAÇO PÚBLICO.

Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro, professor titular e coordenador do PPGP - Programa de Pós-graduação e Pesquisa da Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Endereço: Av. Washington Soares, 1321, Bl. N, sala 13; CEP: 60811-341; Fone: 34773219.

Esclarecemos que:

- 1) Será preservado o anonimato de cada participante e as informações ficarão em sigilo.
- 2) As informações coletadas serão utilizadas para os objetivos da pesquisa, como a elaboração do trabalho final do mestrado, publicação de artigos científicos e apresentação em congressos.
- 3) Cada pessoa, assim como aderiu livremente como voluntário a sujeito da pesquisa, tem a liberdade de desistir em participar da mesma a qualquer momento, sem que lhe seja exigido motivo ou explicação;

- 4) A referida pesquisa de caráter clínico, social e cultural tem por objetivo a identificação do sentido atribuído às imagens da violência cotidiana, vivida nos espaços públicos, sobre as incidências traumáticas de cunho físico, moral e psicológica.
- 5) A pesquisa se realizará em grupo ou individual, por meio de oficina, durante a qual se discutirá sobre a temática da violência e que as informações serão gravadas, mas sua identificação será preservada.
- 6) Definimos como critério de inclusão no grupo de discussão que o sujeito tenha sido vítima de violência de aspecto físico, moral e/ou psicológico, em espaço público.
- 7) Inicialmente realizaremos a exposição dos objetivos da pesquisa para os participantes envolvidos no intuito de prestarmos todos os esclarecimentos necessários.
- 8) Em nenhum momento da pesquisa estão previstos riscos de quaisquer natureza.
- 9) Lembramos ainda que, você pode não ter um benefício direto com a participação na pesquisa, mas os resultados podem trazer contribuições relevantes para a compreensão da dinâmica psicossocial que envolve o complexo tema da violência, podendo produzir novas práticas no campo da saúde, da educação e da segurança pública e, portanto, se reverter em um benefício coletivo.

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu, _____
RG n.º _____, abaixo assinado, concordo em participar, voluntariamente, da referida pesquisa como sujeito. Declaro também que fui devidamente informado e esclarecido sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos. Assim como, foi-me garantido que posso retirar meu consentimento em

qualquer momento, sem que isto leve a quaisquer penalidades, ou que seja exigido motivo ou explicação pela minha eventual desistência.

Fortaleza- CE, _____ de _____ de 2010.

Nome e Assinatura do participante da pesquisa ou responsável

Anexo 5

Informações sobre os Sujeitos da Pesquisa

A imagem da violência:

Causas e efeitos traumáticos em vítimas da violência em espaços públicos

Data: ____/____/____ Sexo: M () F () Idade: _____

Estado civil: a) Solteiro (a): () b) Casado(a): () c) Divorciado(a): ()

d) Viúvo (a): ()

Escolaridade: _____ Profissão: _____

Endereço: _____ N° _____

Complemento: _____ Bairro: _____

Renda familiar:

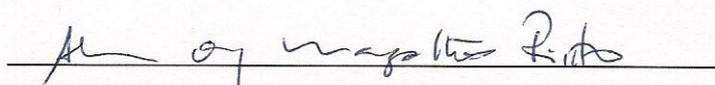
a) Até 1 salário mínimo () b) De 1 a 2 salários mínimos ()

c) De 3 a 4 salários mínimos () d) A partir de 5 salários mínimos ()

Anexo 6**Declaração de Correção Ortográfica e Gramatical****DECLARAÇÃO**

Declaro para os devidos fins que foi corrigida ortográfica e gramaticalmente a dissertação de mestrado intitulada: *“Vida e Morte em Fortaleza: experiência traumática e subjetivação de atos violentos sofridos em espaços públicos”*, de autoria de Thiago Costa Matos Carneiro da Cunha, aluno do curso de mestrado em psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR.

Fortaleza, 17 de julho de 2012.



Profa. Andréa Queiroz Magalhães Pinto

Anexo 7

As Imagens Apresentadas aos Sujeitos da Pesquisa

Imagens Apresentadas aos Sujeitos da Pesquisa



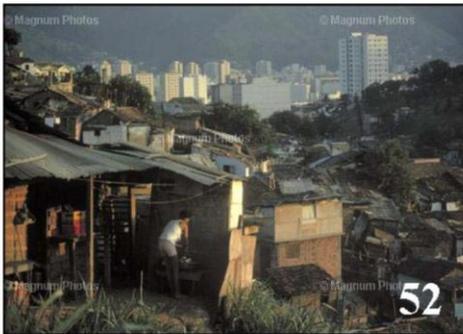
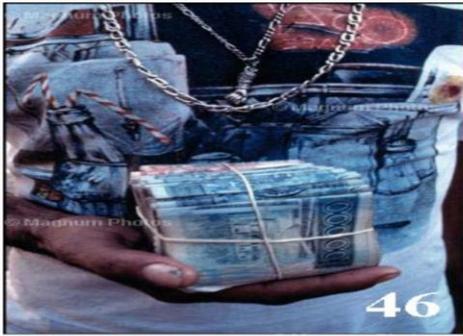
Imagens Apresentadas aos Sujeitos da Pesquisa



Imagens Apresentadas aos Sujeitos da Pesquisa



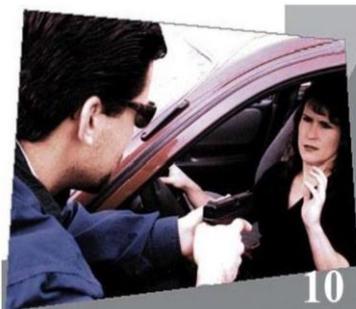
Imagens Apresentadas aos Sujeitos da Pesquisa



Escolha das Imagens pelos Sujeitos da Pesquisa



(V-1, V-8 e V-21)



(V-2, V-4, V-6, V-14, V-16 e V-22)



(V-3)



(V-5)



(V-7)



(V-9)



(V-10)



(V-11)



(V-12)



(V-13)



(V-15 e V-18)



(V-17)



(V-19)



(V-20)